

Consuelo de Paiva Godinho Costa

NHANDEWA AYWU

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a titulação de Mestre em Lingüística.

Orientador: Wilmar da Rocha D'Angelis

UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	80
Nº CHAMADA	TUNICAMP C823n
V	EX
TOMBO BC	53965
PROC.	124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$11,00
DATA	2010/5/03
Nº CPD	

CMO01B4052-3

BIB ID 290968

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C823n	Costa, Consuelo de Paiva Godinho Nhandewa Aywu. / Consuelo de Paiva Godinho Costa. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.
	Orientador: Wilmar da Rocha D'Angelis Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
	1. Língua indígena - Fonologia. 2. Língua Guarani. 3. Índios Guarani. 4. Lingüística. 5. Nasalidade. I. D'Angelis, Wilmar da Rocha. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Consuelo de Paiva
Godinho Costa

e aprovada pela Comissão Julgadora em
14/04/2003.
Wilmar R. D'Angelis

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre

Prof^a. Dr^a. Daniele Marcelle Grannier

Wilmar R. D'Angelis
Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

00217346

Resumo:

Nhandewa aywu é um estudo sobre a Fonologia da língua Nhandewa-Guarani, falada por comunidades indígenas do estado de São Paulo e norte do Paraná. O texto compõe-se de duas partes: *A Etnia Nhandewa-Guarani* e *A língua dos Nhandewa-Guarani*. Na primeira parte, trato o nome, a história e as características dialetais dessa etnia, além das migrações religiosas e do percurso até a fixação nas áreas atuais. A segunda parte, lingüística, é composta por três capítulos: o primeiro apresenta o inventário fonético e propõe uma interpretação para a fonologia; o segundo é uma discussão sobre a interpretação proposta e as oposições fundamentais da língua; o terceiro destaca dois processos relevantes na fonologia do Nhandewa-Guarani: a harmonia nasal e o desaparecimento da fricativa glotal /h/. Após estes capítulos, algumas considerações finais.

Abstract:

Nhandewa aywu is a phonological study about the Nhandewa-Guarani language, spoken by indigenous communities in São Paulo and northern Paraná states. This text has two sections: *The Ethnic Group Nhandewa-Guarani* and the *Nhandewa-Guarani Language*. In the first one, I discuss on Nhandewa name, history and dialectal features, furthermore to consider the religious nomadism and the route as far as the actual territorial fixation. The second is a linguistic one and has three chapters: the first presents the phonetic inventory and proposes a phonological interpretation; the second deals with a discussion about the interpretation proposed some lives above and the fundamental oppositions of the language; the third analyses two phonological relevant process in the language: the nasal harmony and the glottal fricative /h/ elimination. Then, some close considerations.

Dirijo meus agradecimentos:

Às comunidades Nhandewa Guarani, dos Postos Indígenas Nimuendaju, Piaçaguera, Itariri, Laranjinha e Pinhalzinho.

A Wilmar R. D'Angelis, pela orientação.

À FAPESP, pelo fomento à pesquisa.

A minha família: Cássio, minha mãe Judith, meu pai Antonio Vitor, meus irmãos Estevão e Carola, meus sobrinhos Juninho e Vinicius.

Apresentação	3
Introdução	7
Parte I:	
A ETNIA NHANDÉWA-GUARANI.....	11
Os Nhandéwa-Guarani de São Paulo e norte do Paraná: nome, história e dialeto	13
1- O nome	14
2- A história.....	17
2.1- Ywy marãe'ỹwa : A Terra sem Males	20
2.2- A formação das seis aldeias atuais	23
3- <i>Nhandéwa aywu</i> : O dialeto	27
Parte II:	
A LÍNGUA DOS NHANDÉWA-GUARANI	43
1- Inventário fonético e quadro fonológico	45
1.1-Fones vocálicos	45
1.2- Quadro Fonológico das vogais.....	45
1.3- Fones consonantais.....	46
1.4- Quadro fonológico das consoantes.....	46
1.5- Sistematização da fonologia.....	47
2- Discussão da interpretação: oposições fundamentais da língua.....	55
2.1- Oposição Oral x Nasal.....	55
2.2- Oposição Soante x Obstruinte	56
2.2.a- 1ª hipótese de classificação quanto à soanticidade.....	57
2.2.b- 2ª hipótese de classificação quanto à soanticidade.....	58
2.2.c- Nossa proposta de interpretação para o sistema fonológico consonantal.....	59
2.3- As Consoantes	60
2.3.a- Obstruintes.....	60
2.3.a.I- Os segmentos africados /t̃s/ e /t̃ʃ/.....	60
2.3.a.II - A neutralização entre /t̃s/ e /t̃ʃ/	63
2.3.a.III - A variação entre [s] e [ts]	64
2.3.a.IV- A labializada /kw/.....	66
2.3.b- Soantes	67
2.3.b.I – A variação entre [v], [w] e [ʋ]	68
2.3.b. II - O tap /ɾ/.....	69
2.4- As vogais	71
3 – Fatos mais relevantes da fonologia do Nhandéwa-Guarani	75
3.1 – Nasalização: o fato crucial.....	75
3.1.a- As oclusivas pré-nasalizadas	75
3.1.a.I– Os segmentos nasais e sua relação com os pré-nasalizados	76
3.1.a.II- Os pré-nasalizados /m̃b/ e /ñd/ e a alternância com os nasais plenos	77
3.1.a.III- Os pré-nasalizados velares	80
3.1.b- Harmonia Nasal.....	82

3.1.b.I- Fonte, alvo, transparência, opacidade, direção e domínio.	83
3.1.b.II- A Harmonia nasal em Guarani numa abordagem da Fonologia Lexical.....	87
3.1.b.III- Uma abordagem Autossegmental: “padrões” de Harmonia Nasal.....	89
3.1.b.IV - A abordagem Morfêmica de Long Peng.....	93
3.1.b.V- Nossa proposta de análise da harmonia nasal do Nhandewa-Guarani	95
3.1.b.V.1- A associação entre nasalidade e acento.....	103
3.2- A fricativa glotal /h/: o fato novo.....	109
3.2.1- Tabela 1	115
3.2.2- Tabela 2	116
Conclusões.....	119
Bibliografia.....	121

APRESENTAÇÃO

Desde as missões jesuíticas dos séculos XVI e XVII - que nos deixaram importantes e úteis trabalhos sobre as línguas nativas da América do Sul, com apontamentos históricos e lingüísticos pertinentes - até as atuais pesquisas inspiradas pelos modelos lingüísticos do século XX, o estudo das línguas indígenas tem contribuído deveras para a discussão lingüística de maneira geral, seja confirmando, seja questionando as antigas teorias ou ainda oferecendo dados para a elaboração de teorias novas.

Na maioria das vezes, porém, somente a academia beneficia-se do estudo das línguas indígenas, e essa é uma situação historicamente marcada, como se sabe. Os povos indígenas, muitas vezes, são excluídos do processo, contribuindo apenas como 'informantes'.

As comunidades indígenas, desde que por vontade própria e devidamente informadas de causas e conseqüências¹, podem, se quiserem e acharem de utilidade, beneficiar-se com as pesquisas sobre suas línguas. É justo que o trabalho com a língua indígena seja feito principalmente para os índios e, onde possível, pelos próprios índios. E é justo que a universidade faça isso ser cada vez mais possível.

O estudo da língua indígena pode, por exemplo, viabilizar uma revalorização do idioma, desejada por várias etnias que habitam as regiões de mais antiga colonização, como o nordeste e o sudeste. No estado de São Paulo, por exemplo, as línguas nativas dos índios têm sido sufocadas pelo português e pela

¹ Na formulação de D'Angelis, de forma '*esclarecida e livre*' (comunicação pessoal).

escola do “branco”, que só ensina em português. A comunidade pode utilizar os estudos das línguas indígenas para transformar essa mesma escola num lugar no qual se fortaleça, ou mesmo, se aprenda também a língua indígena: uma escola bilíngüe. Outra aplicação pode ser a produção de material didático como forma real e efetiva de se reafirmar a identidade cultural indígena frente a outros grupos indígenas ou frente ao homem branco e também como forma de garantir o bilingüismo a que deveriam ter direito.

Hoje, parece ser irreversível o processo que transformou muitos povos indígenas em falantes nativos de português. A escola bilíngüe, nesses casos, deve ensinar a língua indígena como segunda língua e, sendo essa a situação, a investigação lingüística do idioma pode contribuir para a viabilização do ensino da língua indígena, por professores índios, nas escolas das Áreas. É com tal compreensão da responsabilidade social da universidade que este trabalho está comprometido.

Esta pesquisa teve início com o pedido, feito pela comunidade Nhandewa-Guarani do Posto Indígena Nimuendaju², de que se fizesse um registro e estudo da língua que era, ainda, falada pelos idosos da aldeia, a fim de ensiná-la às crianças na escola da Área. Estive pela primeira vez no Posto Indígena Nimuendaju em junho de 1998, acompanhando o professor Wilmar D’Angelis e mais um colega lingüista. O objetivo da visita era atender ao pedido da comunidade, intermediado pelo então cacique Claudemir Marcolino. Começava ali um longo trabalho, o qual não tenho a pretensão de esgotar aqui.

Concomitante a isso, os próprios professores índios, nessa e em outras áreas Nhandewa aparentadas³, deram início ao ensino do Nhandewa na escola, à noite,

² Município de Avaí, São Paulo.

³ As áreas indígenas Nhandewa que fazem parte desse projeto são cinco: Posto Indígena Nimuendaju, município de Avaí; Posto Indígena Itariri, município de Itariri; Posto Indígena Piaçaguera, município de Itanhaém, no estado de São Paulo e Posto Indígena Pinhalzinho,

ao que compareciam muitas pessoas, adultos e crianças, e muito interessados em aprender. Cada professor acabou convencionando um alfabeto próprio, que posteriormente viriam a ser unificados no que chamamos de “Convenções Lingüísticas Nhandewa-Guarani”, nas quais prestamos consultoria lingüística aos professores índios e lideranças das aldeias⁴.

Foram feitas várias outras viagens ao Posto Indígena Nimuendaju, ao PIN Pinhalzinho, ao PIN Laranjinha e também a Itanhaém - coletando um razoável corpo de dados da língua - e algumas reuniões com os professores indígenas das cinco aldeias principais. Atualmente concretizou-se, ainda que parcialmente, o nosso compromisso com a comunidade Nhandewa-Guarani paulista-paranaense, através de uma primeira tiragem de parte do material didático produzido pelos professores índios, naquelas reuniões⁵. É claro que sempre estivemos cientes, nós e os índios, das reais possibilidades de ‘resgate’ ou de ‘revitalização’ do Nhandewa, porém, o gesto político dessa etnia de valorizar a língua indígena como marca de identidade cultural Nhandewa, desejar se identificar como Nhandewa através da língua e agir nesse sentido, por si só, é uma atitude decisiva.

O objetivo principal do trabalho com as línguas indígenas deve ser, em primeiro lugar, beneficiar a própria comunidade indígena, atendendo aos interesses dela. A discussão lingüística de maneira geral, com certeza será estimulada e surgirão questões lingüísticas produtivas, nesse caminho. Esse

município de Tomazina; Posto Indígena Laranjinha, município de Santa Amélia, no estado do Paraná.

⁴ Cada professor indígena havia convencionado uma grafia própria para ensinar o dialeto às crianças, o que resultava em diferentes convenções ortográficas em cada aldeia - no caso do PIN Nimuendaju, onde três membros da comunidade atuavam como professores de Guarani, a situação era mais discrepante. As intensas mudanças temporárias entre os membros da cinco áreas dificultava o aprendizado da língua pela criança que encontrava em cada professor uma grafia diferente para o mesmo dialeto. Então, decidiu-se convencionar uma única grafia para o Nhandewa-Guarani, que seria usado por todos os professores dessas aldeias.

⁵ Foi publicado pelo MEC, no final de 2002, somente um dos três livros que compõem o material didático: uma edição bilíngüe do livro de textos. Os outros dois são: um livro de alfabetização (que introduz ao aluno, alfabetizado em português, os sons e letras do Nhandewa que não ocorrem no português) e um livro de textos em Nhandewa (versão monolíngüe do livro que foi publicado).

trabalho é, então, uma breve discussão das questões lingüísticas mais pertinentes que surgiram ao se registrar e analisar o Nhandewa-Guarani contemporâneo da região mencionada. Algumas delas tocam pontos “clássicos” no estudo das línguas Tupi, assim como de outras variedades Guarani, como é o caso da harmonia nasal (uma questão para a qual a fonologia ainda não tem uma interpretação estabelecida) e dos processos fonológicos diacrônicos na série das fricativas, em línguas Tupi.

A pesquisa do Nhandewa levantou aspectos lingüísticos pertinentes, colocando questões relevantes, principalmente, para a Fonética e Fonologia, além, é claro, de tocar em questões ‘clássicas’ da etnolingüística, como a classificação interna das línguas do Tronco Tupi. É um trabalho de orientação pragueana que utiliza também modelos fonológicos atuais (não-lineares).

Essas observações compõem, então, esta dissertação.

O texto é dividido em duas partes principais: ‘Histórica’ e ‘Lingüística’. Na parte I, ‘A Etnia Nhandewa-Guarani’, tratarei a história dessa etnia, como se formaram as aldeias consideradas como “parentes”, a língua e posição dela no Tronco Lingüístico Tupi, suas diferenças e semelhanças em relação a outras línguas Tupi, a outros dialetos Guarani e a outros subdialetos Nhandewa.

A parte II, ‘A Língua dos Nhandewa-Guarani’, é composta por um capítulo de apresentação do sistema fonológico, outro de discussão dos quadros fonológicos e um terceiro tratando duas questões que merecem destaque na Fonologia da língua: a harmonia nasal e a não ocorrência da fricativa glotal /h/.

As considerações finais são um breve apanhado das principais conclusões do trabalho⁶.

⁶ Agradeço as críticas e sugestões da Prof^ª. Dr^ª. Ester M. Scarpa e do Prof. Dr. Angel C. Mori, que compuseram a banca de qualificação, da Prof^ª. Dr^ª. Maria Bernadete M. Abaurre e da Prof^ª. Dr^ª. Daniele M. Grannier, que compuseram a banca de defesa.

INTRODUÇÃO

O Guarani é, possivelmente, uma das línguas indígenas sul-americanas que coleciona o maior número de estudos a seu respeito. Porém, até aqui se tem privilegiado alguns dialetos (o Guarani paraguaio⁷, o Mbyá e o Kaiowá), deixando de lado o Nhandewa-Guarani. Este estudo, que poderia ser apenas mais uma monografia entre as tantas já existentes sobre o Guarani, trata uma variedade dessa língua que, apesar de ter sido deixada de lado pelos pesquisadores, pode enriquecer sobremaneira a discussão lingüística.

Língua do tronco Tupi e da família Tupi-Guarani, o Guarani é falado, no Brasil, em três variedades principais: o Mbyá, o Kaiowá e o Nhandewa⁸, isso se não contarmos o Guarani paraguaio (Avanheém) - também falado no Brasil nas regiões de fronteira com aquele país -, outros subdialetos naqueles três grupos e, ainda, as misturas entre esses subdialetos⁹. Ao grupo Nhandewa (também chamado de Avá-Katú-Été¹⁰) pertencem os Nhandewa-Guarani de São Paulo e norte do Paraná, grupo que se considera uma unidade étnica e dialetal. Distinguem-se, lingüística e culturalmente, dos grupos falantes dos dialetos 'principais' do Guarani no Brasil (Mbyá, Kaiowá e Avanheém); são igualmente distintos de outros grupos Nhandewa de outras regiões do Brasil, como os que habitam a região do rio Ocoí e do Rio das Cobras (PR) e rio Iguatemi (MS), de onde partiram, há quase dois séculos, os grupos que viriam a formar as aldeias aqui consideradas. Pelas mesmas

⁷ O Guarani falado pela população não-indígena no Paraguai também é conhecido como Avanheém. Usarei um ou outro para me referir ao mesmo dialeto.

⁸ Segundo classificação de Egon Schaden (1954:12).

⁹ No Mato Grosso do Sul a convivência prolongada de grupos Nhandewa e grupos Kaiowá tem levado pesquisadores a referirem-se a um dialeto "Guarani-Kaiowá", como me lembrou D'Angelis, em comunicação pessoal.

¹⁰ De acordo com a denominação referida por Bartomeu Meliá (1992: 245), estudioso paraguaio do Guarani, os Avá-Katu-Été são os mesmos chamados por Egon Schaden de Nhandewa.

razões históricas, seu dialeto e cultura distanciam-se do dialeto Nhandewa de aldeias do Paraguai.

Assim, os grupos Nhandewa-Guarani paulista-paranaenses podem ser considerados um subgrupo étnico dos Guarani chamados de Nhandewa. Muitas vezes usam a autodenominação “Tupi-Guarani”¹¹, são aproximadamente 570 pessoas, habitando seis aldeias¹²:

Posto Indígena *Nimuendaju* (antigo Araribá), no município de Avaí, próximo à cidade de Duartina, no estado de São Paulo, às margens do rio Araribá. Ali vivem cerca de 35 famílias Nhandewa (aproximadamente 160 pessoas), numa área de 2225 hectares que hoje está dividida com outra etnia, os Terena, ficando a área Nhandewa com pouco mais de 1000 ha.

Posto Indígena *Peruíbe* (ou *Bananal*¹³), no município de Peruíbe, litoral sul de São Paulo, onde vivem aproximadamente 6 famílias (cerca de 30 pessoas).

Posto Indígena *Piaçaguera*, no município de Itanhaém, litoral centro-sul de São Paulo, na orla. Lá vivem 22 famílias (cerca de 89 pessoas).

Posto Indígena *Itariri*, no município de mesmo nome, próximo à BR 101, no rio do Azeite. A aldeia tem 1200 hectares e lá vivem 4 famílias Nhandewa (20

¹¹ A Nhandewa Catarina, que mora na aldeia Piaçaguera (município de Itanhaém), nos relatou que seu povo usa esse nome por que são o resultado da união entre os Guarani (que vieram do Mato Grosso do Sul) e um povo Tupi (?) que morava já no litoral quando eles lá chegaram. Talvez pudessem ser os Tañyguá, outros Nhandewa que também haviam partido, anteriormente, do sul de MS, porém, não fica claro o motivo por que os Tañyguá seriam denominados pelos outros Nhandewa de ‘Tupí’. Ou talvez fossem mesmo os remanescentes dos que Anchieta referiu como os “Tupi de São Vicente”. Esse grupo, inclusive, possuía, em sua língua, processos fonológicos semelhantes a alguns que ocorrem no Nhandewa, como, por exemplo, a queda da última sílaba átona de palavras paroxítonas (p. ex., *jaguara* → *jaguá*). [Anchieta (1595: 1v)].

¹² As informações que se seguem foram dadas pelos próprios índios Nhandewa-Guarani, nas viagens às aldeias.

¹³ A Área Indígena de Piaçaguera originou-se, recentemente, de um desmembramento da aldeia do Bananal, estando Piaçaguera no município de Itanhaém. Bananal, que também é “parente” das demais áreas, não é considerada nessa pesquisa pois a dissidência que originou Piaçaguera, por motivos religiosos e políticos, nos impossibilitou de, por enquanto, reunir as duas partes, que estão ainda com os ânimos exaltados devido à recente separação.

peças aproximadamente). Nessa área foi abrigado, há cerca de dez anos, um grupo Mbyá.

Posto Indígena *Laranjinha*, no município de Santa Amélia, próximo ao rio Laranjinha, junto ao Ribeirão Grande, no norte do estado do Paraná. Nessa área moram 50 famílias (cerca de 200 pessoas), num terreno de 100 hectares, havendo disputa judicial pela retomada das terras do antigo posto *Krenau*, que se estendia até o rio Laranjinha e possuía dez vezes o tamanho atual¹⁴.

Posto Indígena *Pinhalzinho*, no município de Tomazina, próximo à cidade de Guapirama e do rio das Cinzas, também no norte do Paraná; nessa área, que tem 726 hectares – dos quais 242 estão tomados por posseiros, havendo ação judicial a esse respeito – moram entre 24 e 28 famílias (80 pessoas aproximadamente).

Os falantes que participaram dessa pesquisa lingüística são de dois tipos: (i) um grupo de falantes idosos, que adquiriram o Nhandewa como língua materna ou ainda na infância, cujos filhos, no geral, são bilíngües e cujos netos aprenderam somente o português como língua materna, havendo poucas exceções; (ii) um grupo de professores indígenas bilíngües. Com o primeiro grupo fizemos coleta de dados com transcrição simultânea e gravação em fitas cassete; já o grupo dos professores nos forneceu textos escritos na língua, além da discussão ‘didática’, por assim dizer, sobre a língua e seu ensino, durante as Convenções Lingüísticas.

Fazem parte do primeiro grupo : Adelaide Rocha Kunhã Nimbo’awydju, 59 anos; Francisco Marcolino Awa Popygua, 89 anos (já falecido); Francisco Sandju Silva, 69 anos; Leocádio Marcolino Honório Awa Pyrydju, 70 anos; Juventina Ribeiro Alves Kunhã Nharyatsadju, 70 anos; Magnólia Marcolino Nimuenda, 60 anos; Juraci de Lima Marcolino Kunhã Nhãku’i, 59 anos; Ronaldo Awa Ropodju, 48 anos; Bertolino Rodrigues Djidjogua, 65 anos; Juvelina Pedro de Lima Kunhã Nerupoteadju, 70 anos; Jovina Camargo Nimoapendju, 64 anos; Maria de Lourdes

¹⁴ O nome *Krenau* não é de origem Guarani. Essa área, possivelmente, é a que fora reservada para “atração” dos “Kaingang arredios”, na década de 1920, pelo extinto SPI.

Rerukaidju, 68 anos; Cecília Deominda Otida Kunhã Nhymbyryadju, 90 anos. A senhora Juraci e o senhor Bertolino atuam como professores em suas aldeias (ele, como professor bilíngüe contratado; ela como professora voluntária de Guarani).

Ao segundo grupo, além dos dois mencionados acima, pertencem: Atilio Ribeiro Alves, 67 anos; Claudemir Marcolino Honório Awa Rokwawydju; Catarina Delfina dos Santos Kunhã Nimbopyruá; Ezequiel da Silva Awa'i; Pedro Francisco Evaristo Awa Nimboete; Elizeu Francisco Evaristo Awa Rutsu; Tranquilino Karaí Martinez; Silvana Mimbi Veríssimo; Duestina Evaristo Nhandju; Natanael Evaristo Awa Tukumbó.

O PIN Nimuendaju foi escolhido como principal representante, entre as seis aldeias da etnia, por dois motivos principais: o primeiro é o fato de o pedido de 'estudo da língua' ter partido dessa comunidade, tendo sido fornecido por falantes dessa área o *corpus* básico de dados da língua. O trabalho iniciou-se no Posto Nimuendaju e por iniciativa do próprio Claudemir e de outros professores, decidiu-se convidar as áreas aparentadas, a fim de que todos os parentes pudessem utilizar o material didático na língua.

O segundo é o fato de ter sido essa a comunidade que abrigou e batizou, com o nome de Nimuendaju, o etnólogo alemão Curt Unckel, no início do século passado. Existem dois importantes trabalhos desse autor sobre esses índios: um relatório de 1908, publicado em 1954, *Apontamentos sobre os Guarani*¹⁵ e um trabalho etnográfico publicado primeiramente em alemão, em 1914 - *Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani* -, traduzido para o espanhol, em 1978, como *Los mitos de creación y destrucción del mundo como fundamentos de la religión de los Apapokuva-Guarani*, e para o português somente em 1987, como *As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani*.

¹⁵ Revista do Museu Paulista, VIII:9-57.

PARTE I:
A ETNIA NHANDEWA-GUARANI

OS NHANDÉWA-GUARANI DE SÃO PAULO E NORTE DO PARANÁ: NOME, HISTÓRIA E DIALETO

A problemática classificação étnica e lingüística das muitas variedades do Guarani (como das línguas indígenas americanas, em geral), certamente, não é matéria apropriada para esse pequeno capítulo, muito menos as complexas formações de sub-variedades ou a relação de parentesco entre as sub-variedades desse povo, que assumiu, até quando foi possível, um certo nomadismo de cunho religioso, caminhando em direção ao mar, a procura da Terra sem Males. Assim, a discussão se deterá somente em considerações pontuais a esse respeito, tratando brevemente alguns tópicos mais relevantes como o nome, a história e a língua dessa etnia.

Egon Schaden, em seu clássico trabalho sobre a cultura Guarani¹⁶, comenta as dificuldades de tentar-se estabelecer uma genealogia dessa nação:

“(...) Quanto às designações correntes para as inúmeras hordas encontradas na bibliografia, a confusão é tal que toda tentativa de estabelecer ordem é condenada, desde logo, a resultados insatisfatórios.”

¹⁶ Schaden (1954:12).

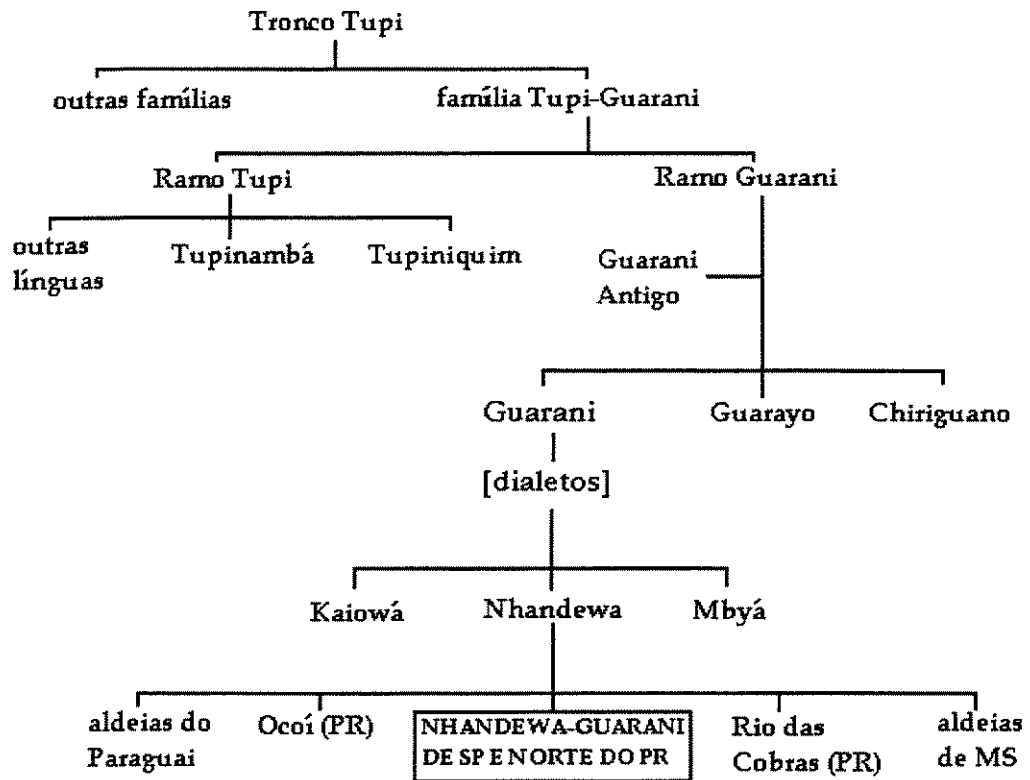
Além disso, podem ser usados nomes de diferentes procedências para um mesmo povo ou uma mesma língua: as autodenominações, as denominações acadêmicas, os nomes populares e apelidos dados por outras etnias, no Brasil e no Paraguai, o que vem colaborar para a confusão classificatória. Um exemplo: a etnia que chamo de *Nhandewa-Guarani de São Paulo e norte do Paraná*, popularmente é referida, entre os não-índios, como *Guarani*. Os próprios índios se chamam, atualmente, de *Tupi-Guarani* ou *Nhandewa*, simplesmente. É curioso destacar aqui que, estando entre eles, quando dizem “os Guarani” estão referindo-se aos Mbyá. Outros índios Guarani lhes dão outros nomes: os Mbyá os chamam de *txiripa*, *txiripazinho*. No Paraguai, são chamados de *Avá-katu-eté*. O termo *Apapocúva* “homens dos arcos grandes” parece se tratar de um apelido, portanto, com um certo tom depreciativo, geralmente dado por outras etnias. Esses Nhandewa dizem não ter conhecimento de ‘Apapocuva’, o nome pelo qual Nimuendaju refere-se a eles.

“Apapocúva (homens dos arcos compridos) também é uma alcunha de horda, neste sentido. Não é conhecida nem por brasileiros nem por paraguaios. Como eu, porém, não sei de outro nome que distinga entre todos os Guarani a horda de que pretendo tratar especificamente, seja-me permitido usar doravante este nome.”²⁰

Aqui, tratando-se de um estudo acadêmico, optamos por chamá-los de *Nhandewa-Guarani de São Paulo e norte do Paraná*, ou simplesmente, *Nhandewa-Guarani* e, ainda, *Nhandewa*. Porém, há que se lembrar sempre que o grupo é uma subdivisão da etnia Nhandewa considerada por Schaden (1954), evitando que se tome a parte pelo todo.

A árvore genealógica a seguir representa a classificação das línguas do Tronco Tupi de maneira simplificada e pode ajudar a compreender, ainda que superficialmente, a genealogia desse povo:

²⁰ Nimuendaju (1987: 8).



2- A HISTÓRIA

“La ‘nación’ guaraní es el resultado de esas olas migratorias, aunque no existe acuerdo hasta hoy en determinar su lugar de origen ni las rutas de su migración, así como tampoco las épocas en que dichas migraciones sucedieron.”²¹

Os índios Nhandewa-Guarani paulista-paranaenses, como já foi dito, habitam, atualmente, quatro áreas no estado de São Paulo (Araribá²², Piaçaguera, Bananal e Itariri) e duas áreas no norte do Paraná (Laranjinha e Pinhalzinho). As comunidades que, nesse trabalho, chamo de Nhandewa-Guarani, resultaram de um desmembramento e migrações, entre a primeira metade do século XIX e a primeira década do século XX, de parte da comunidade Nhandewa - que residia originalmente na região que vai do baixo rio Iguatemi até a fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai - impulsionados por um mito religioso, buscando a Terra sem Males, como é sabido.

Fatores como as migrações religiosas, a miscigenação e o constante trânsito entre as várias aldeias (característica dessa etnia, lugar comum na antropologia), muitas mortes por doenças ou fome, tornam difícil uma determinação exata de quem são esses índios hoje. Com certeza não são os mesmos que hospedaram por

²¹ Meliá (1992:16).

²² O atual nome é Posto Indígena *Nimuendaju*. *Araribá* era o antigo nome. Hoje, é o nome da área (espaço físico) e compreende o PIN *Nimuendaju* e o PIN *Kopenoti* (área Terena). O antigo *Araribá* foi dividido entre as duas etnias. Usarei uma e outra denominação referindo-me à mesma Área.

muitos anos e batizaram²³ Curt Nimuendaju, no início do século passado, nem são os mesmos que deixaram o baixo Iguatemi, há quase dois séculos. São seus descendentes. São, grosso modo, descendentes da miscigenação entre os Tañyguá, Oguauíva e Apapocúva (anfitriões de Nimuendaju), entre outros índios Mbyá, Terena²⁴ e brancos. Praticam religião cristã (na sua maioria) e trabalham em lavouras vizinhas à área, quando a situação não os obriga a arrendar suas terras e trabalhar, nelas, para o arrendador.

Nimuendaju relata a saga desses Nhandewa em seu livro *As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião do Apapocúva-Guarani*, narrando a saída, rumo à Terra sem Males, de parte dos três grupos Nhandewa (Tañyguá, Oguauíva, Apapocúva) que habitavam a margem direita do baixo Iguatemi, no sul de Mato Grosso do Sul, passando por toda a trajetória de separações nos grupos, a fome, epidemias, escravidão, as várias idas e voltas, sem que encontrassem a Terra sem Males. O que Nimuendaju chamou de Apapocúva-Guarani foram esses grupos quase arrasados, dissidentes²⁵ daqueles três primeiros, que foram reunidos no Araribá²⁶.

A observação de Bartomeu Meliá, que se refere aos Guarani das reduções de Guairá, é também um relato bastante ajustado da história desses Nhandewa:

²³ O batizado Guarani consiste na adoção do estrangeiro por uma família e na atribuição de um nome Guarani a ele, nome esse que, seguindo a tradição, é sabido através do sonho, trazido pelos ancestrais. Após o batismo, a pessoa batizada passa a fazer parte da comunidade.

²⁴ Ainda não é possível determinar se há alguma influência da língua Terena no Nhandewa, já que o convívio com aquela etnia é recente.

²⁵ Parece ser freqüente na bibliografia a respeito que sempre que havia uma divergência, política ou religiosa, os grupos se separavam e em cada um surgiam guias que atuavam como pajés. Com os seguidores que conseguisse reunir, tomava diferente rumo para buscar a Terra sem Males, no leste ou no centro da Terra, como nos relata a história.

²⁶ Na verdade, os Apapocúvas eram numericamente dominantes e o seu nome foi estendido a todos.

“Guerras, malos tratos, epidemias y cautiveiros fueron los cuatro jinetes de aquel apocalipsis colonial.”²⁷

Comecemos, então por entender o que foi a marcha religiosa Guarani rumo ao mar: a busca da Terra sem Males.

²⁷ Meliá (1988:89) apud Meliá (1992:21).

2.1- Ywy marãe'ỹwa : A Terra sem Males

“Pajés, inspirados por visões e sonhos, constituíram-se em profetas do fim iminente do mundo; juntaram à sua volta adeptos em maior ou menor número, e partiram em meio a danças rituais e cantos mágicos, em busca da “Terra sem Mal”(...)”²⁸

O mito de Gwyraypotý (da destruição do mundo), que é o relato de uma dessas migrações, foi registrado por Curt Nimuendaju na ocasião de sua residência entre os Nhandewa-Guarani do Araribá, no início do século XX. Esse mito conta a história do grande pajé Guarani (Gwyraypotý) que conduziu seu povo na marcha em direção ao sol nascente, no mar (*nhandé rovái “nossa frente, nosso rosto”*)²⁹ por ocasião da destruição do mundo, em busca da Terra sem Males. A caminhada rumo a *nhandé rovái* é uma constante religiosa e mítica dos Guarani não se sabe há quantos séculos.

Alguns autores defendem que as migrações foram anteriores à conquista européia e que se originou em movimentos separatistas, por assim dizer, interiores à vida social da tribo; outros acreditam que a marcha profética foi motivada pela conquista, portanto, por um fator externo à sociedade indígena. Não há na antropologia, no entanto, um consenso nesse sentido

Para *nhandé rovái* seguiram e seguem os Guarani, em busca da Terra sem Males, que fica depois do mar, porém, nesse mundo e nessa vida. *Ywý marã e'ỹ*, a

²⁸ Nimuendaju (1987:8).

²⁹ Nimuendaju (1987: 100) escreveu: *Ñandérovái*, que significa literalmente “em (i) nosso (*ñandé*) rosto (*rovái*)”. À nossa frente.

Terra sem Males, é uma terra na qual não é preciso trabalhar, pois o alimento brota espontaneamente e o solo é altamente produtivo. Nessa terra não se morre e não existem laços de parentesco. Para chegar a esse lugar os Guaraní vêm caminhando rumo à costa do sol nascente já há muito tempo³⁰. A motivação principal do nomadismo parece ser mesmo o mito religioso, porém, é possível que, em algum momento histórico, a migração tenha tido origem também em outros fatores, como qualidade de vida, busca por alimentos e terras mais férteis, em certos casos.

Vários autores propuseram rotas para essa migração, entre eles Nimuendaju³¹, Brochado (1984)³² e Métraux (1927)³³. Essas rotas migratórias, embora diferentes nos detalhes, mostram, como ponto comum, a saída de Guaraní de regiões relativamente próximas ao rio Iguatemi (sul de MS), em direção ao litoral central paulista.

O cacique da aldeia de Piaçaguera, que encontrei recentemente, me lembrou que o único que - dizem - conseguiu encontrar a Terra sem Males, com seus seguidores, foi o pajé Gwyraypotý.

Diz o mito registrado por Nimuendaju que o grande xamã Gwyraypotý, ao ficar sabendo, através de Nhandervusú (nosso pai grande), da iminência da destruição do mundo, conduziu seu povo rumo ao leste, terminando por subir a Serra do Mar - *Cóvae yvyty Paráry jocoá*, "essa serra que segura (retém) o mar" - para salvarem-se assim da inundação universal, antecedida pelo desmoronamento da terra e pelo fogo. A Serra do Mar seria a única terra que restaria. Dali, no entanto, partiram diretamente ao céu, por força do canto do Nheengarái³⁴ executado por Gwyraypotý.

³⁰ Ver, por exemplo, Hélène Clastres (1978).

³¹ Nimuendaju (1987:5). O mapa com a rota migratória proposta por Nimuendaju está em anexo, no final do texto.

³² Cunha (1992:384)

³³ Idem.

³⁴ O Nheengarái é o canto de pajelança através do qual o pajé conduz a "alma recém-partida para o além", como nos relata Nimuendaju (1987:36).

A busca dessa terra sem males mitológica parece ter gerado as migrações dos Nhandewa-Guarani que, entre idas e vindas, já separados em vários grupos menores pelas dissidências, se fixaram em diferentes locais, originando o complexo das seis atuais comunidades Nhandewa-Guarani, em SP e norte do Paraná: Nimuendaju, Bananal, Piaçaguera, Itariri, Laranjinha e Pinhalzinho³⁵.

Nimuendaju, então funcionário do SPI³⁶, na intenção de evitar o extermínio completo desse povo, tentou reunir no Araribá todos os grupos que estavam em migração. A operação não teve total sucesso, já que alguns grupos nem chegaram a se mudar para lá e outros, tendo se mudado, voltaram à sua residência anterior, tempos depois, o que acabou resultando na formação das seis aldeias.

³⁵ Havia mais uma aldeia, Itaporanga, situada no território entre o rio Verde e o rio Itararé, hoje, proximidades da divisa entre SP e PR. Essas terras foram tomadas dos Guarani na segunda década do século XX.

³⁶ O antigo Serviço de Proteção aos Índios, hoje, FUNAI.

2.2- A formação das seis aldeias atuais

O povo Guarani, antes da conquista européia, habitava uma extensa área que abrangia, em território brasileiro, amplas extensões do que hoje são os estados da região Sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), além do sul de São Paulo e Mato Grosso do Sul, estendendo-se ainda por grandes áreas nos países vizinhos: Paraguai, Argentina e Bolívia.

A mais antiga notícia que temos desses Nhandewa, como já se sabe, é que habitavam o sul de Mato Grosso do Sul, na parte baixa do rio Iguatemi. [O mapa elaborado por Nimuendaju (1987:5), que mostra as rotas migratórias desses grupos, está em anexo, no final do texto].

O primeiro grupo Nhandewa que deixou o baixo Iguatemi, no início do século XIX, foram os Tañyguá. Como nos relata Nimuendaju, subiram o Paraná pela sua margem direita, passando pelos Apapocuva primeiro e, depois, pelos Oguauíva, que estavam ambos ao norte de onde haviam saído os Tañyguá. Nos Oguauíva ficaram por algum tempo, devido à morte de seu guia e, nessa estadia, dizem os Tañyguá terem ensinado a eles as danças sagradas. Como nos lembra Nimuendaju, talvez isso queira dizer que transmitiram aos Oguauíva³⁷ as crenças na migração e na Terra sem Mal.

Os Tañyguá seguiram pela margem esquerda do Ivaí, tendo cruzado, portanto, o rio Paraná pouco abaixo da foz daquele rio. Seguiram rumo leste e passaram pelos rios Tibagy, das Cinzas e Itararé, já no norte do que é hoje o estado do Paraná, chegando na região de Itapetininga (SP), onde foram escravizados. Fugidos, alocaram-se na serra dos Itatins, no Itariri (onde, mais tarde, receberiam

³⁷ Nimuendajú também nos lembra que o próprio nome Oguauíva vem da 'Guaú', que são danças em círculo, profanas, como tudo indica.

migrações de grupos dissidentes de outros Nhandewa). Sua aceitação pela população da região não foi muito fácil, tendo sido aceita, pelo governo, a posse Tañyguá do território, somente depois de um confronto brilhantemente vencido pelos índios, como conta Nimuendaju³⁸.

Tendo sido os Oguauíva “introduzidos” na marcha religiosa pelos Tañyguá, resolveram segui-los. Saindo do baixo rio Iguatemi, fixaram-se em terras doadas pelo Barão de Antonina, na área entre os rios Itararé e Verde, na região de Itaporanga, próxima à divisa de São Paulo com o Paraná. A progressiva invasão das terras e o desaparecimento dos documentos, como conta Nimuendaju³⁹, fizeram com que esses Oguauíva perdessem suas terras.

Em 1912, os Oguauíva, sem terras, arrebatados pela fome e por doenças, perderam muitos indivíduos e foram obrigados a aceitar a sua transferência (intermediada por Nimuendaju) para o Araribá, onde ajudariam a compor a população indígena daquela Área.

No entanto, uma parte desses Oguauíva de Itaporanga conseguiu chegar ao mar, fixando-se depois no Bananal e na cabeceira do Rio Preto, perto de Itanhaém; outros foram viver com os Tañyguá, no Itariri, como relata Nimuendaju. Esse autor cita, ainda, alguns Tañyguás que viveriam, por volta de 1913, nas mediações da nova ferrovia de Mongaguá, porém, não se tem notícias posteriores deles.

Por volta de 1870, a busca da Terra sem Males eclodiu também entre os Apapocuva que haviam ficado no Iguatemi. Guiados pelos pajés *Guyracambí* e *Nimbiaraponhỹ*, seguiram pelo rio Jataí (onde parte do grupo se separou e foi para o rio Verde), dali para o rio das Cinzas. Os Apapocuva que foram para o Rio Verde (Itaporanga), foram expulsos de lá pelos Oguauíva e dali foram para o ‘sertão de Bauru’. Nimuendaju conta detalhadamente as várias andanças nas proximidades

³⁸ Nimuendaju (1987:9-10).

³⁹ Nimuendaju (1987: 11).

de Bauru. Há a possibilidade de terem ido para o Araribá, já que estavam tão perto de lá, porém, Nimuendaju não esclarece esse ponto.

O capuchinho italiano, Frei Sabino, tenta formar uma colônia com esses grupos dissidentes, onde o rio Dourados junta-se ao Tietê, porém, o empreendimento não deu certo por motivos políticos, diz Nimuendaju.

“Na sua retirada pelo Tietê e Batalha acima sofreram pesadas perdas com a febre palustre; o bando de Yvyraí voltou para o rio Verde, onde sucumbiu de varíola até o último homem em 1900.

Araguayrá permaneceu durante certo tempo com seu bando – ainda contando com cerca de cem cabeças – nas fazendas da região do Batalha, fixando-se, por fim, em 1896, no ribeirão da Lontra, afluente da margem direita do rio Feio, então ainda completamente inexplorado.”⁴⁰

Vários grupos dissidentes, tanto de Apapocuva quanto de Oguauíva e Tañyguá, foram dizimados pela fome, por doenças como varíola e sarampo, e pelo descaso do Estado, o que não nos é nenhuma novidade. Os que sobreviveram foram reunidos na reserva do Araribá.

“(…) o Araribá foi convertido em asilo para os numerosos remanescentes dispersos da tribo Guarani, formando hoje seu centro principal. A maioria dos índios dessa tribo que habitava em São Paulo, bem como um grande número deles do Mato Grosso (do Sul) e Paraná, aceitaram minhas propostas de mudança para esta reserva nos anos de 1912 e 1913.”⁴¹

⁴⁰ Nimuendaju (1987:13).

⁴¹ Nimuendaju (1987:13-14).

Hoje, habitam as seis aldeias mencionadas e mantêm um trânsito intenso entre elas, com viagens para visitar parentes, casamentos e mudanças temporárias, criando o que podemos chamar de um complexo de aldeias aparentadas e interdependentes: os Nhandewa-Guarani de São Paulo e norte do Paraná. Esses grupos, por outro lado, não mantêm relações com os outros grupos Nhandewa, seja com os que ficaram em MS, seja com os outros do Paraná (Ocoí e Rio das Cobras).

Já na década de 50 o antropólogo Egon Schaden mencionou a homogeneização de etnias que, então, já estava em curso.

“Tanto as reduções jesuíticas, disseminadas por toda a bacia do Prata, como os efeitos da colonização ibérica em geral, desintegraram as primitiva formações comunitárias, levando a re-agrupamentos diferentes, que não podiam deixar de conduzir a elevado grau de nivelamento e homogeneização cultural.”⁴²

Assim, parece que vemos passar diante dos nossos olhos a triste saga dessas três parcialidades Nhandewa-Guarani (Apapocúva, Tañyguá e Oguauíva) que, depois de divididas e quase destruídas pela imposição do “modo de ser” do conquistador, foram juntadas, aos farrapos, tendo se tornado, hoje, uma única sociedade. É uma perda irreparável o fato de as circunstâncias históricas terem unificado o que eram, antes, parcialidades distintas, com suas peculiaridades. O mais grave é saber que o massacre cultural e lingüístico não é passado para os povos indígenas do Brasil.

⁴² Schaden (1954:11).

3- NHANDÉWA AYWU : O DIALETO

“La autenticidad y singularidad de los avá katú se manifiesta sobre todo en la lengua y en la religión; o más bien, en la lengua religiosa, donde se han conservado mejor los recursos lingüísticos un tanto arcaicos que permiten identificar este dialecto con el que servió de base a los trabajos lingüísticos de Montoya.”⁴³

Os Nhandewa-Guarani paulista-paranaenses chamam seu dialeto de *Nhandeaywu* “nossa fala”. Porém, o termo *aywu*, em *Avanheém* e no dialeto Kaiowá, significa “ruído, barulho”. Esses, chamam sua própria fala de *Nhandenheém*, do mesmo modo “nossa fala”⁴⁴. Já para os Nhandewa (e também em Mbyá) o termo *nhēē* é usado para designar sons de animais. Então, em Nhandewa fala-se, por exemplo, *katxoro nhēē* “latido do cachorro” ou “o cachorro late”, com a ressalva de que nunca se usa essa palavra para designar fala humana.

Retomando a citação de Bartomeu Meliá, tenciona-se verificar o quão próximo é o dialeto Nhandewa-Guarani contemporâneo do Apapocuva - registrado por Nimuendaju no Araribá, no início do século XX - e do chamado Guarani Antigo - a língua registrada por Montoya no século XVII. Para esta análise comparativa, são de muita utilidade as observações do próprio Nimuendaju. No estudo desse autor sobre o dialeto Apapocuva encontram-se, além de distinções básicas entre os antigos dialetos Nhandewa que o compuseram, comparações entre o Apapocuva e o Guarani Antigo, além de considerar também as diferenças em

⁴³ Meliá (1992:246).

⁴⁴ O termo *Avanheém*, então, é traduzido por “fala de homens”, “fala de gente”.

relação a outras variedades do Guaraní, como o Mbyá e o Avaneém. Isso nos dá uma idéia bastante precisa do quanto, realmente, o Apapocuva divergia daqueles e destes.

Com isso, teremos ferramentas para avaliar o Nhandewa contemporâneo como resultado da aglutinação, em maior ou menor medida, de cada um desses elementos, podendo apontar o que o dialeto preserva de cada uma das variedades que, historicamente, o constituíram e o que tem de peculiar. O objetivo desse tópico é, então, uma breve análise comparativa do Nhandewa contemporâneo de São Paulo e norte do Paraná em relação a outros dialetos Guaraní.

Curt Nimuendaju (1987), no capítulo que chama de '*Dialeto*' afirma que os Oguauíva, os Tañyguá e os Apapocuva falam o mesmo dialeto, havendo pequenas diferenças na "cadência"⁴⁵. Por uma questão de método, então, primeiro exporei as divergências existentes entre esses três e o Guaraní Antigo, sendo que para os primeiros usarei o nome de Apapocuva⁴⁶. Depois dessa diferenciação dialetal prévia passarei à diferenciação entre o Apapocuva, o Oguauíva e o Tañyguá, o que tornará possível verificar em quais circunstâncias sobressai um ou outro.

São as seguintes as diferenças que Nimuendaju⁴⁷ aponta entre o Apapocuva (Apc.) e o Guaraní Antigo (G.a.):

⁴⁵ Nimuendaju (1987:25).

⁴⁶ Como faz o próprio Nimuendaju, o que nos permite seguir mais facilmente os exemplos que o autor apresenta.

⁴⁷ Daqui em diante, transcreverei os exemplos dados por Nimuendaju usando a própria grafia do autor. Porém, algumas advertências precisam ser feitas: na coluna *G.a.* Nimuendaju transcreve exemplos de Montoya e usa a grafia desse autor. Por conta disso, na coluna *G.a.*, o grafema "y" tem o valor fonético da consoante [dʒ] e também da vogal [ɨ]; o acento circunflexo (^) representa nasalização, portanto, tem o valor de (~); o grafema "c" tem o valor de [k]; "ñ" corresponde à consoante [ɲ]; e "ng" equivale ao fonético [ŋg]. Na coluna *Apc.* encontram-se os dados anotados pelo próprio Nimuendaju. Nessa coluna o grafema "y" representa a vogal [ɨ]; o grafema "j" representa a consoante [dʒ] e os grafemas "c", "ñ" e "ng" mantêm o valor fonético usado por Montoya.

1- *Mudança da vogal /e/ para /i/, no pronome possessivo de primeira pessoa 'che' e também nos prefixos relativos 'ñe' e 'ye'. Como nos exemplos a seguir*⁴⁸

G.a.: cheroga	<i>minha casa</i>	Apc.: chiróy
“ : ñemboyere	<i>circundar</i>	“ : nimbojeré
“ : yequaa	<i>descobrir-se</i>	“ : jicuaá

Na fala atual dos Nhandewa-Guarani, descendentes dos Apapocuva de Nimuendaju, isso ainda se observa, porém, a realização da vogal alta [i] no prefixo de 1ª pessoa não se manifesta em todos os casos: fala-se [tʃiã'kã] “minha cabeça”, porém, usa-se [tʃe'ʔawɨ] “meu cabelo”. Uma observação interessante nesse sentido é que os professores índios não aceitaram como boa a forma escrita **Txiakã*, mas escreveram *Txeakã*, embora a pronúncia fosse, em consenso, [tʃiã'kã]. Aqui talvez opere o hábito de alfabetizados em português, onde o [i] átono (pré e pós-tônico) é, com frequência, grafado como “e”, ou um real reconhecimento do falante de um fonema /e/ que contextualmente muda para [i], em virtude da posição em relação ao acento.

2- *Mudança de /b/ em /m/, na maioria dos casos, como nos exemplos*⁴⁹:

G.a.: hobaity	<i>encontrar</i>	Apc.: omaifi
G.a.: aypñibô	<i>ajudar-lhe</i>	Apc.: aipytymô

No Nhandewa-Guarani registramos somente o pré-nasalizado /mb/. Esse, em ambiente nasal, sofre espalhamento de nasalidade e se realiza como [m], o que é tratado mais minuciosamente no tópico 3.1, referente à nasalidade. Como o “b”

⁴⁸ Exemplos de Nimuendaju (1987:20).

⁴⁹ Exemplos de Nimuendaju (1987:21).

de Montoya é um grafema e não um fonema, há possibilidade dessa “mudança” corresponder ao espalhamento nasal.

3- *Mudança das posposições* (pe, be, bo) para (py, wy, wy). Exemplos⁵⁰:

G.a.: tatápe	ao fogo	Apc.: tatápy
“ : chebe	me, para mim	“ : chéwy
“ : ohubo	vindo, para vir	“ : ouwy

Atualmente, podemos dizer que essa tendência se mantém, com uma pequena diferença de sílaba tônica no termo ‘chéwy’, que é pronunciado ‘txewý’⁵¹. Montoya, no capítulo que trata da ‘Declinação dos pronomes’, escreve o termo como ‘chêbe’⁵². Realmente parece ter havido uma mudança no acento desse item.

4- *Fechamento da vogal do causativo ‘mõ’*, que se realiza como ‘mũ’, quando o verbo começa por vogal. Veja-se o exemplo⁵³:

G.a.: mohendý (tatá)	atiçar (o fogo)	Apc.: muendý (tatá)
----------------------	-----------------	---------------------

Este é, provavelmente, o caso da sílaba ‘mu’ do nome de Nimuendaju: Ni + mu + enda + ju (demonstrativo+causativo+casa+amarela) “aquele que faz sua morada dourada”, ou algo próximo disso⁵⁴.

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ Na grafia atual da língua não se usa o acento agudo em ‘txewý’, já que a grande maioria das palavras da língua é oxítone, não havendo necessidade de marcar a regra, marcam-se as exceções. Nesse caso o acento é indicativo da tonicidade de palavra.

⁵² Montoya (1640:4) grafa ‘Chêbe’ na edição fac-similar, porém na transcrição atualizada ([1640] 1993:181) encontramos ‘chéve’.

⁵³ Exemplo de Nimuendaju (1987:21).

⁵⁴ Essa etimologia foi dada pelo Sr. Francisco Awa Popygwa, em entrevista dada a nós no PIN Nimuendaju, em junho de 1998. Outras etimologias para o nome de Nimuendaju podem ser encontradas no próprio texto d’*As lendas de criação...* (p. 32): “Nimuendajú: muendá – fazer (mõ), moradia (endá)”. Ao que acrescenta Viveiros de Castro, na introdução d’*As lendas* (p. xvii): “Ni-, acrescento, é um pronome reflexivo, e o sufixo –ju (-dju), que talvez tenha o significado original de ‘amarelo’

No dialeto falado pelos descendentes dos Apapocuva, essa tendência se mantém. O morfema causativo se realiza como *mũ*: *Muendy tatá* “atiçar o fogo”, realizando-se também como *mõ*: *omõpẽ djapepo* “quebrou (fez quebrar) a panela”. Essa variação pode ser condicionada por uma harmonização vocálica com a flexão verbal de terceira pessoa {o-}: o + *mũ* + *pẽ* = *õmopẽ*. Em caso de verbos com raiz oral, realiza-se como ‘*mbu*’: *mbururu* “fazer ferver, cozinhar”.

Essa mudança de /o/ em /u/ nos remete, como lembra o próprio Nimuendaju, a uma diferença que o subdialeto Oguauíva tinha em relação ao Apapocuva e Tañyguá, que será tratada adiante.

5- *Mudança de /r/ em /n/, em ambiente nasal, como nos exemplos*⁵⁵:

G.a.: baerâ	‘futuro do particípio’	Apc.: vaéna
“ : ae ramî	<i>assim, desta forma</i>	“ : aénamî
“ : porâ	<i>bom, bonito</i>	“ : ponã

Nesse ponto a minha interpretação distancia-se um pouco da de Nimuendaju ao mostrar que o som que o autor considera /n/ é, de fato, o tap /r/ nasalizado, [r̃], o que nos dá, eventualmente, a “impressão fonética” de [n]. Na ocasião que um falante me viu escrevendo ‘*ponã*’, me corrigiu pronunciando o tap bastante enfático ‘*porã*’.

ou ‘brilhante’, é usado na linguagem religiosa para indicar que o conceito ao qual é posposto remete ao domínio do sagrado, celeste ou transcendental; ele é comum nos nomes pessoais e nos termos para os equivalentes divino-celestes dos seres terrenos.”

Outra etimologia, ainda, é dada por Egon Schaden [(1967-68:78, 88) Apud Viveiros de Castro, na mesma introdução]: “Não é muito fácil dizer o que significa a palavra Nimuendaju. ‘Nimuendá’ quer dizer ‘arranjar para si um lugar’. O final ‘jú’ ou ‘djú’ é um verbo defetivo que indica o ser”.

Viveiros de Castro remete ainda a J.F.Recalde, que fornece a etimologia: “aquele que soube abrir o seu próprio caminho no mundo e conquistou seu lugar”.

⁵⁵ Exemplos de Nimuendaju (1987:21).

6- *Mudança da última sílaba átona.* Uma das diferenças entre as línguas do ramo Tupi e as do ramo Guarani é a ausência, nas últimas, de sílabas finais átonas presentes nas línguas Tupi, como já apontou Aryon Rodrigues⁵⁶, em casos como porang(a) → porã. Assim, no ramo Guarani as palavras são acentuadas, geralmente, na última sílaba.

É bem verdade que existem as posposições e sufixos átonos. Esses, quando combinados com as palavras oxítonas, resultam palavras fonológicas paroxítonas, como em:

porã “bonito” + nda_iry (negação) = na+po’rã+iry⁵⁷ “não bonito, feio”.

tetã “cidade” + gwi (posposição de origem “de”) = te’tã+gwi “da cidade”

Além disso, existe na língua um grupo de palavras que podem ser confundidas com paroxítonas; nessas, ao invés do apagamento da última sílaba átona, o que se nota é uma mudança na sílaba, como nos exemplos⁵⁸:

G.a.: oga	<i>casa</i>	Apc.: óy
“ : coga	<i>roça</i>	“ : cóy
“ : añang	<i>“diabo”</i>	“ : añãy
“ : coang	<i>agora</i>	“ : coãy

Essas palavras foram registradas por mim na mesma forma em que foram registradas por Nimuendaju, com poucas diferenças: ['ɔw], ['kɔw], [ã 'ɲã]...

Discuto mais detalhadamente esses exemplos dados por Nimuendaju no capítulo que trata a sistematização da fonologia (1.5), onde há uma interpretação

⁵⁶ Rodrigues (1945).

⁵⁷ Com acento na sílaba que se segue ao sinal (‘).

⁵⁸ Nimuendaju (1987:22).

para as formas do Tupi e uma interpretação para a “mudança” registrada no Nhandewa.

7- *Desaparecimento de morfemas átonos finais e intra-morfemas*. Vejam-se os exemplos⁵⁹:

G.a.: mocañȳhara	<i>aquele que mata</i>	Apc.: mocañȳá
“ : mocañȳharera	<i>aquele que matava</i>	“ : mocañȳaté
“ : eỹma, ȳma	<i>negação, sem</i>	“ : eỹ
“ : cherembireco	<i>minha mulher</i>	“ : chimbirecó
“ : cheremỹmba	<i>meu animal doméstico</i>	“ : chimỹmbá
“ : ñanderequeĩ	<i>nosso irmão maior</i>	“ : ñanderyqueý

O Nhandewa atual diverge um pouco do Apapocuva de Nimuendaju em alguns casos. Por exemplo, a partícula ‘ma’ de ‘eỹma’ aparece atualmente na forma ‘wa’, dando ‘e’ȳwa’⁶⁰. No dialeto registrado por Nimuendaju essa palavra tem a forma ‘eỹ’. Esse termo não é o único em que aparece essa mudança. Um falante me disse certa vez que ‘wa’, que muitas vezes aparece substituindo ‘ma’, referia-se a plural ou a generalizações, como no caso de ‘idju’ e ‘idjuwa’, ambos significando “amarelo”, o primeiro se refere a algo que seja amarelo, o último à cor amarela.

Em outros exemplos apontados por Nimuendaju, como ‘cherembireco’, que no Apapocuva perde o morfema relacional *-re-*, segundo registra o autor⁶¹, no Nhandewa contemporâneo registrei tanto uma forma quanto outra, mais de uma

⁵⁹ *Idem*.

⁶⁰ Foneticamente [ẽ ' ʔĩmjã], como discuto em 2.3.b.I.

⁶¹ O morfema relacional é {-r-} somente, o que pode ser notado na etimologia: *chi + embireko* → *chi + imbireko* → *chimbireko*.

vez. Essas variações se devem, possivelmente, à mescla do dialeto de Nimuendaju com outros dialetos Nhandewa e também com outros dialetos Guaraní (Mbyá, por exemplo), como foi colocado anteriormente.

8- Condensação de 'ramõ' em 'nõ'. "ramõ" geralmente tem sido traduzido para o português como "quando" (não interrogativo) ou como gerúndio.

Apc.: yv́y ytáno *como escora da Terra*

Apc.: caarúno *de noitinha, anoitecendo*

Apc.: coéno *de manhã, amanhecendo*

Apc.: oaé jevýno *quando eles voltaram, voltando (eles)*⁶²

No Nhandewa registrei para o gerúndio apenas a forma não sintética 'ramõ', como em: *oporaíma ramõ* "começando a cantar", "no que ele começou a cantar". A contração de 'ramõ' em 'nõ' não foi registrada em nosso *corpus*, talvez, pela entrevista lingüística constituir uma situação relativamente "formal", as formas mais coloquiais e contratas não sejam privilegiadas nessas ocasiões. Entretanto, fica-nos a dúvida de que a contração de *ramõ* resultaria em 'rõ' e não em 'nõ'⁶³. Recordemos também que Nimuendaju não distinguia [n] de [r], anotou "ponã" para /porã/, no tópico (5) acima.

Montoya, no capítulo *Del subjuntivo da Arte*, registra a condensação de *ramõ* em 'amõ', porém não faz menção à condensação em 'nõ'⁶⁴.

⁶² Nimuendaju (1987:22). Para os itens 8 e 9 o autor não apresenta exemplos do Guaraní Antigo.

⁶³ Wilmar D'Angelis, em comunicação pessoal, observou que já teria ouvido a partícula 'rõ', com esse uso, em Guaraní paraguaio e que Cadogan registra em seu "Dicionário Mbyá-Guaraní Castellano" que a forma "-rã", no Mbyá é "posiblemente apócope de ramo; equivalente del -ro apapokúva y del guaraní paraguayó" (Cadogan: 1992:150)

⁶⁴ Montoya ([1640] 1993:206).

9- *Uso freqüente do supino 'vy' para os verbos 'o' "ir" e 'u' "vir", o que o autor traduziu por "quando" e "enquanto", introduzindo orações subordinadas. Exemplos⁶⁵:*

- | | |
|------------------------|------------------------------------------------|
| Apc.: Ojapó ma oóvy | <i>enquanto ele ia e a fazia</i> |
| Apc.: opó yvy áno oúvy | <i>enquanto ela vinha pulando para a terra</i> |
| Apc.: oaçá oóvy | <i>quando ela atravessou</i> |
| Apc.: oguejý oúvy | <i>quando ele vinha descendo</i> |

10- *Uso freqüente da partícula afirmativa 'ma' e sua contraparte interrogativa 'pa'.* Esse é um aspecto que Nimuendaju considera peculiar ao Apapocuva e que se mantém, até hoje, no Nhandewa. Essa partícula 'ma' é usada em todas as sentenças afirmativas (e, freqüentemente, mais de uma vez). O autor lembra que a contraparte interrogativa 'pa' vem do Tupi Antigo 'panga' e, muitas vezes, aparece na forma nasalizada 'pã'ã' ou 'pã'.

11- *Uso da partícula superlativa 'eá', que se verifica até hoje no Nhandewa.* Nimuendaju traça uma etimologia que derivaria do verbo dizer 'e'. Distanciando-se dessa etimologia, uma professora índia nos disse tratar-se de contração do quantificador 'retá', interpretação essa que não é de todo inválida e merece ser pesquisada mais minuciosamente. O próprio Pe. Ruiz de Montoya interpreta *heta* como "muchos", ao passo que, adicionada do diminutivo *heta'i* é interpretada como "medianamente muitos". A descrição de Montoya aproxima-se mais da sugestão do falante do que da interpretação de Nimuendaju.

O exemplo que o autor dá para esse uso é: *ndijaracuaaponãi eávae* "os que são extremamente bravos".

⁶⁵ Nimuendaju (1987:23). É importante ressaltar que essas sentenças são de um texto escrito por Nimuendaju, narrado pelos índios. Talvez o 'vy' seja só gerúndio.

12- *Negação*. Enquanto no Guaraní Antigo a negação é feita com o prefixo 'nd-' e o sufixo '-i', no Apapocúva e também no Nhandewa contemporâneo, o sufixo é '-iry'. Podemos usar como exemplo, novamente:

porã "bonito" + *nda_iry* (negação) = *nāporāiry* "não bonito, feio". Em Guaraní Antigo teria a forma: *ndaporāi*⁶⁶.

oky "chuva" + *nda_iry* (negação) = *ndaokyiry* "sem chuva".

13- *Conectivos 'aépy' e 'aégwi'*. Nos textos e narrativas, tanto em Apapocúva quanto no Nhandewa atual, usa-se freqüentemente 'aépy' e 'aégwi', que Nimuendaju interpreta como "então", "em seguida" e traduz como "e", uma partícula aditiva.

14- *Respostas a perguntas polares*. Como registra Nimuendaju, se a resposta for negativa, usa-se 'anýine' "não". Porém, se a resposta for afirmativa, nesse dialeto, não se usa a contraparte de *anýine*, que é, 'enēĩ' "sim", mas troca-se a partícula interrogativa da pergunta 'pa' pela partícula afirmativa 'ma'. 'Eneĩ' é usado somente como um exortativo, como coloca Nimuendaju.

15- *Partícula de ênfase 'catu'*. Nimuendaju registra o uso dessa partícula como peculiaridade do dialeto Apapocúva e dá exemplos como:

ñamenda catú, o que traduz por "casemos, então"⁶⁷.

Realmente nota-se o uso dessa partícula pelos Nhandewa de SP e norte do PR ainda hoje, tendo o mesmo sentido de ênfase, porém, não me parece que o seu uso seja tão freqüente, ainda hoje. Por exemplo, na iminência de uma grande

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Certamente "então", na tradução de Nimuendaju, não é conclusivo, é um intensificador. Não podemos esquecer que Nimuendaju escreveu em alemão a tradução de um termo Nhandewa que foi depois traduzido para o português.

chuva, a índia Laíria disse-me: – *Gwata katu*. “*Andemos depressa.*”, e essa foi uma das poucas situações em que ouvi a construção com ‘*katu*’ enfático.

16- *Africadas em lugar de sibilantes*. Os fonemas sibilantes tradicionais de outros dialetos Guarani e línguas do Tronco Tupi, o /s/ e o /ʃ/ são realizados no Nhandewa-Guarani, como as africadas /t̂s/ e /t̂ʃ/, respectivamente. Esse fato, Nimuendaju aponta como característica do Apapocuva:

*“Este som destaca-se de modo desagradavelmente estridente na fala dos Apapocúva, identificando-os tão logo abrem a boca.”*⁶⁸

O Oguauíva, segundo Nimuendaju, possui as africadas [t̂s] e [t̂ʃ] pronunciadas de forma mais “dura” que nos demais dialetos Nhandewa, característica essa que pode ter permanecido no Nhandewa contemporâneo, já que a estridência nesses sons é marca dialetal atual nesse grupo.

Há, além desses 16 pontos mencionados por Nimuendaju, algumas outras marcas peculiares do dialeto Nhandewa contemporâneo, que não são registradas por esse autor no Apapocuva, mas que me chamaram a atenção. Relaciono-as a seguir:

1- *Reduplicação da vogal nos pronomes pessoais*. Os pronomes pessoais como os do Guarani Antigo ‘*che*’ “eu” e ‘*nde*’ “tu”, têm como correspondentes no Nhandewa-Guarani atual as formas fonéticas [t̂ʃε'ε] e [n̂δε'ε],

⁶⁸ Nimuendaju (1987:18). Porém, esse fato mencionado na ocasião da apresentação do alfabeto usado por esse autor, não é retomado na parte que ele destina às marcas dialetais. Fica aqui, pois, registrado.

respectivamente. Não é possível determinar se, já na época de Nimuendaju, essa abertura ocorria, já que ele nada anotou nesse sentido. Além da troca da sibilante pela africada no primeiro item, já mencionada no tópico anterior, notamos uma abertura e reduplicação da vogal que os compõe, ou ainda mais, notamos uma ressilabificação, sendo que o termo monossílabo passa a dissílabo. Esses termos, quando analisados em espectrograma, chegam a apresentar a vogal muitíssimo alongada, algo próximo de [t̪̃ε'εε...].

2- *A não ocorrência do fonema /h/. Fonema de comum ocorrência nas línguas do ramo Guarani, a fricativa glotal não aparece no Nhandewa, sendo essa uma peculiaridade do dialeto. Esse fato será tratado detalhadamente no tópico 3.2.*

3- *Abertura de vogais em posição tônica e fechamento em posição átona. As vogais registradas no Guarani Antigo por Montoya - "e" e "o" -, descritas como /e/ e /o/⁶⁹, são realizadas, no Nhandewa contemporâneo, com maior abertura:[ε] e [ɔ], em posição tônica, principalmente.*

Já em posição átona, o dialeto tem a característica de fechar a vogal /o/, realizando-a como [u]; também o /e/ se realiza como [i], em certas ocasiões. Como tratado no tópico referente às vogais (2.4), o fechamento não ocorre em sílabas vizinhas ao acento.

Note-se a flexão verbal de terceira pessoa singular {o-}, anteposta à raiz, como em:

[ođ̃za 'pɔ] "ele faz", que alterna com [uđ̃za 'pɔ] em um mesmo falante. O mesmo não ocorre com a vogal final (que é tônica), não sendo boa a forma

⁶⁹ Por Daniele Grannier Rodrigues (1990:29), por exemplo.

*[ud̥ʒa 'po]. Aparentemente, esse fato não se confirma em palavras emprestadas de outras línguas, como:

[ka 'tʃuru] ~ [ka 'tʃoru] “cachorro”

A variação entre /e/ e /i/ - já mencionada por Nimuendaju - em casos como Guaraní Antigo: 'cheakã'; Nhandewa: [tʃiã 'kã] “minha cabeça” - já tratado anteriormente, parece ser o mesmo caso.

Essa observação é uma ponte para tratar as diferenças e semelhanças entre os extintos dialetos Nhandewa: Oguauíva, Tañyguá e Apapocúva, que foram sintetizados no Nhandewa contemporâneo. Nimuendaju nos aponta as seguintes diferenças entre esses três dialetos Nhandewa:

1- *Oguauíva*: africadas /ts/ e /tʃ/. Tratado anteriormente (tópico 16).

2- *Oguauíva*: alternância entre /o/ e /u/. Dooley (1991) nos aponta essa diferença⁷⁰. Essa peculiaridade do Oguauíva é mantida no Nhandewa contemporâneo como um vestígio daquele dialeto que parece ter desaparecido. São exemplos as alternâncias registradas entre os falantes (já mencionados):

[ud̥ʒa 'po] ~ [od̥ʒapo] “ele faz”

[ka 'tʃuru] ~ [ka 'tʃoro] “cachorro”

Nimuendaju dá os seguintes exemplos⁷¹:

Guaraní Antigo	Apapocúva	Oguauíva	
cobae	cóvae	cúvae	“este”
mamõ panga	mamõ pã	mamũ pã	“onde?”

⁷⁰ Não nos é possível saber qual a fonte dessa informação de Dooley, mas, pelo que tudo indica, parece ter sido informada pelos falantes de sua pesquisa lingüística, feita nas aldeias de Laranjinha e Pinhalzinho, na década de 70.

⁷¹ Nimuendaju (1987:21).

3- *Prosódia*. Nimuendaju mencionou diferenças prosódicas nos subdialetos, que se concentravam, sobretudo, na “cadência da fala”.

Vejamos alguns exemplos apresentados por esse autor (grifei as sílabas tônicas para destacá-las):

Apapocúva: Itajy perú, canoa ajapotá, aguejy ãguá.

Taňyguá: Itajy perú, canoa ajapotá, aguejy aguã.

Oguauíva: Itajy péru, canoa ajápota, aguejy ãgua.

Tragam-me um machado de pedra, quero fazer uma canoa para navegar.

Sobre essa questão escreve Dooley:

“(...) (1) em Oguauíva, a sílaba tônica, no caso mais comum, é a penúltima da palavra (unidade lexical) e não a última como em Apapocúva e Taňyguá; e (2) em Taňyguá a tonicidade se realiza apenas uma vez em cada grupo de pausa, enquanto em Apapocúva e Oguauíva se realiza em cada palavra.”⁷²

Porém, pode ser apressada qualquer afirmação sobre as diferenças de tonicidade nos três dialetos envolvidos, já que numa situação pouco ‘natural e espontânea’ como a entrevista lingüística, fenômenos como entonação e segmentação dos grupos tonais costumam também sofrer artificialização e distanciar-se da fala corrente. Seja como for, o trecho de Dooley é uma interpretação textual das marcas gráficas, feitas por Nimuendaju, no trecho citado.

Em resumo, as diferenças dialetais que identificam os Nhandewa-Guarani de São Paulo e norte do Paraná se devem, principalmente, a dois fatores: às migrações - que resultaram em um “isolamento” em relação aos outros povos

⁷² Dooley (1991:6).

Nhandewa, o que, certamente, acarreta mudanças dialetais - e à miscigenação com outros Nhandewa (Oguauívas, Tañyguás), outras etnias indígenas e também com os não-índios (*ywypóry*). No capítulo sobre a história desse grupo essa questão é tratada mais minuciosamente.

A língua falada por esses grupos, pela distância temporal e espacial dos seus ascendentes Nhandewa e também pelas migrações de outras etnias indígenas para o local⁷³, sofreu modificações que resultaram na variedade lingüística chamada aqui de Nhandewa-Guarani de SP e norte do PR. Três dialetos Nhandewa foram agregados em um único, o que, muito mais que para a Lingüística, para os povos indígenas, é uma perda irreparável.

⁷³ Registra Curt Nimuendaju que para o Araribá mudaram-se índios Oguauíva e Kaiowá, sendo que a área tinha anteriormente Apapocovas. Nimuendaju (1987:15).

PARTE II:

A LÍNGUA DOS NHANDÉWA-GUARANI

1- INVENTÁRIO FONÉTICO E QUADRO FONOLÓGICO

Nesse capítulo, além da apresentação dos fones e dos segmentos fonologicamente relevantes da língua (possíveis interpretações para o funcionamento do sistema fonológico), faço uma breve descrição de cada segmento e seu ambiente de ocorrência. Os fatos da fonologia que merecem especial destaque (como a nasalização e a fricativa glotal /h/) serão tratados de maneira específica no capítulo 3 - *Fatos mais relevantes da fonologia do Nhandewa* - embora esses, por diversas vezes, sejam mencionados durante a apresentação do sistema fonológico, sendo isso inevitável, devido à própria relevância na fonologia da língua.

1.1-Fones vocálicos

Orais			Nasais		
i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
e	e	o	ẽ	ẽ	õ
ɛ		o	ẽ		õ
	a			ã	

1.2- Quadro Fonológico das vogais

Orais			Nasais		
i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
ɛ	a	o	ẽ	ã	õ

1.3- Fones consonantais

	Bilabial	Labio-dental	Dental/Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
surda Plosiva	p		t		k	ʔ
sonora					g	
Nasal	m	ɱ	n	ɲ	ŋ ⁷⁴	
Pré-nasalizada	mb̃		nd̃	ndʒ̃	ŋg̃ ŋgw̃	
Tap			r			
Fricativa		v	s			
surda Africada			tʃ	tʃ̃		
sonora				dʒ̃		
surda Labializada					kʷ	
sonora					gʷ	
Aproximante	w	ʋ		j	ɥ	

1.4- Quadro fonológico das consoantes

Obstruinte	p	t	ts	tʃ	k	kʷ	ʔ
Soante	mb	nd	r	j	ɥ	w	

⁷⁴ O segmento [ŋ] só aparece antes de oclusivas velares, quando essas são antecedidas por vogais nasais.

1.5- Sistematização da fonologia

Dentre os tratamentos que têm sido dados à fonologia de dialetos Guarani, muitos são relativamente falhos, principalmente, por dois motivos: os quadros fonológicos são “inchados” por material fonético e apresentam lacunas quanto a elementos fonológicos relevantes, tratados como fonéticos. O resultado dessas interpretações são quadros fonológicos nos quais existem fones e faltam fonemas. A nossa interpretação é uma tentativa de, por um lado, eliminar os excessos fonéticos e, por outro, preencher as lacunas do quadro fonológico. Passamos por várias tentativas de sistematização para a fonologia do Nhandewa-Guarani, até chegarmos a uma que fosse suficiente, embora não completamente satisfatória. Dessas tentativas, uma primeira análise agrupou os sons consonantais como no quadro abaixo:

Obstruintes	p	t		k	kw	ʔ
				g	gw	
		ts tʃ				
		dʒ				
Soantes	mb	nd		ŋg		
		r	j	ɥ	w	

Essa análise não se mostrou produtiva, pois divide as obstruintes em quatro níveis diferentes (oclusivas surdas e sonoras; africadas surdas e sonora) sem, no entanto, acarretar uma divisão efetiva entre classes de sons que operem juntas em processos fonológicos, por exemplo. Além disso, essa divisão gera um nível que possui somente um elemento - /dʒ/ - o que, numa sistematização, não é completamente impossível, mas pouco esperado, se levarmos em conta princípios como a simetria. Adiante veremos que o segmento [dʒ] é analisado como

realização da aproximante /j/, selecionada para onset silábico cujo núcleo é vogal oral. Outra realização de /j/, para onset cuja sílaba possui núcleo nasal, é [ɲ].

Também reavaliamos a presença do segmento [g] no quadro fonológico e decidimos por sua retirada com base na relação fonética com os fonemas /k/ e /ɰ/. Verificamos que a realização, anotada por nós como [g] intervocálico, de fato correspondia a uma realização variante do fonema aproximante /ɰ/. Essa variação fica explícita quando o segmento ocorre entre duas vogais baixas, como em [ad̥ʒa'ɰa] “eu corto”. Nesses casos, a aproximante tem realização clara, inclusive, atestada em análise espectrográfica (ver anexo). Outro indício para a relação entre /ɰ/ e [g] são os exemplos usados por Nimuendaju para uma “mudança” observada no Apapocuva em relação ao /g/ de línguas Tupi, como o Tupinambá. Transcrevo parcialmente abaixo o tópico 6 (cap. 3- parte I), para comodidade. Nele, apresentei e comentei os exemplos de Nimuendaju para a mudança fonológica que ocorreu no Apapocuva.

6- Mudança da última sílaba átona. *Uma das diferenças entre as línguas do ramo Tupi e do ramo Guaraní é a ausência, nas últimas, de sílabas finais átonas presentes nas línguas Tupi, como já apontou Aryon Rodrigues⁷⁵, em casos como porang(a) → porã. Assim, no ramo Guaraní as palavras são acentuadas, geralmente, na última sílaba.*

Além disso, existe na língua um grupo de palavras que podem ser confundidas com paroxítonas; são aquelas em que, ao invés do apagamento da última sílaba átona, o que se nota é uma mudança nessa sílaba, como nos exemplos:

⁷⁵ Rodrigues (1945).

G.a.: oga	<i>casa</i>	Apc. : óy
“ : coga	<i>roça</i>	“ : cóy
“ : añang	<i>“diabo”</i>	“ : añây
“ : coang	<i>agora</i>	“ : coây ⁷⁶

Ao usar a representação “y” no lugar em que no Guarani Antigo (e também no Tupi) encontramos um “g”, Nimuendaju confirma nossa sugestão de que “g” fosse, de fato, realização variante da aproximante /ɥ/. Essa interpretação nos chama a atenção para uma questão: por que todas as codas consonantais presentes no Tupi desapareceram nas palavras correspondentes em (Nhandewa) Guarani, exceto as codas que continham o segmento /g/, que sofreram uma mudança, ao invés de desaparecer completamente?

O fato da coda silábica já ser formada, então, por um segmento aproximante poderia ser a explicação para a sua permanência, já que as codas “oclusivas” é que caíram, enquanto as aproximantes permaneceram.

Existe pois, a possibilidade de que, já no Tupi e Guarani Antigo, o som fosse uma aproximante, como me sugeriu D’angelis (comunicação pessoal). Veja o que escreve Edelweiss sobre o tema:

“O g neste caso não apenas existiu, mas ainda existe entre os guaranis de hoje, como tivemos ocasião de verificar. Apenas é muito suave, quase que só expresso por um movimento do queixo.” (1969:81).

Nas entrevistas com os falantes, os termos correspondentes aos exemplos dados por Nimuendaju foram registrados por mim como apresentados na terceira coluna da tabela seguinte:

⁷⁶ Exemplos de Nimuendaju (1987:22).

Guarani Antigo	Apapocuva ⁷⁷	Nhandewa	Português
G.a.: oga	Ap.c.: óy	['oɰ] ~ ['o ^w ɰ]	casa
“ : coga	“ : cóy	['koɰ] ~ ['ko ^w ɰ]	roça
“ : añang	“ : añây	[ã 'nã]	“diabo”
“ : coang	“ : coây	[kō 'ãɰ] ~ [kō 'ãŋ]	agora

Essas evidências nos sugerem interpretar a série das aproximantes do Nhandewa-Guarani (j, w, ɰ) como contrapartes não-silábicas das vogais (i, u, ì), respectivamente⁷⁸. Nos exemplos apresentados por Nimuendaju, grafa-se com *y*, que é o grafema usado para representar a sexta vogal do Guarani, a central alta /ì/, do que podemos concluir que Nimuendaju, provavelmente, não ouvia uma coda consonantal nesse lugar, mas sim uma aproximante correspondente dela.

Com essa interpretação, percebemos que não devemos tratar palavras como “óy” e “kóy” como dissilábicas paroxítonas, mas como monossilábicas oxítonas, com sílaba travada por aproximante. Isso tem conseqüências para a interpretação do padrão silábico (que admitiria também o padrão CVG), mas torna o padrão acentual mais coerente e homogêneo.

A divisão das soantes também não se mostrou completamente produtiva, nessa primeira análise. Elas são divididas em dois grupos, um formado pelas oclusivas pré-nasalizadas e outro que reúne as aproximantes e o tap num único nível. Quanto à classe das pré-nasalizadas, uma análise mais acurada dos dados mostrou que [ŋg] só ocorre na junção de vogal nasal com consoante dorsal - /k/ ou /⁽⁹⁾w/ - o que sugere seu caráter fonético e implica sua retirada do quadro

⁷⁷ Exemplos de Nimuendaju (1987:22).

⁷⁸ Registre-se que a vogal alta não-arredondada /ì/ possui, em Guarani, também uma realização posterior [ɰ].

fonológico. Em outras palavras, [ŋg] nunca ocorre, por exemplo, em início de palavra, onde [mb] e [nd] são possíveis.

Uma segunda análise, então, foi elaborada a partir da tentativa de resolução dos problemas da primeira, deixando fora tanto “g” como “ŋg”:

Obstruinte	surda	p	t	ts	tʃ	k	kw	ʔ
	sonora				dʒ		gw	
Soante		mb	nd	r	j	ɰ	w	

Essa interpretação possui a vantagem de separar os fonemas consonantais em dois grupos bastante simétricos: obstruintes e soantes. Porém, uma série de apenas duas obstruintes sonoras continua assimétrica no sistema.

Nova análise dos dados revelou uma distribuição complementar de [dʒ] e [j]: [dʒ] só ocorre em onset e [j] somente em coda na sílaba⁷⁹. Para o Tupi, Anchieta⁸⁰ escreve, por exemplo *Iucâ, Ajucâ*, etc, para “matar”, termos que em Nhandewa são realizados [dʒu'ka], [adʒu'ka].

Considerando-se também a relação de /j/ com [ɲ], nossa decisão foi por considerar /j/ como um fonema que possui três diferentes realizações: [j] em coda silábica; [dʒ], quando ocorre em onset silábico seguido de vogal oral e [ɲ] em onset silábico seguido de vogal nasal⁸¹. No tópico 3.1.a.II, adiante, encontram-se exemplos da relação desses com o fone nasal [ɲ].

⁷⁹ A abordagem fonológica desse trabalho não é a da Fonêmica. Por comodidade, no entanto, empregamos vez ou outra, as expressões “alofone”, “alofonia”, e “distribuição complementar”.

⁸⁰ Anchieta (1595:17v-19v).

⁸¹ Reforçam essa hipótese dados correspondentes em outros dialetos como, por exemplo, em Guarani paraguaio, *ñotý*, “plantar” e a correspondente em Nhandewa-Guarani, *djaty*.

Com relação ao /gw/, percebemos que, por várias vezes, palavras correspondentes às que no Nhandewa tínhamos anotado com o som [gw] - como *gwawira* [gwawi'ra] “gabirola”; *gwāpurū* [ʷāpū' rū] “jabuticaba”; *āgwā* [ā'ʷā] que é uma marca de futuro⁸²; etc. - eram grafadas por outros autores com *w*, às vezes com *v* e ainda com *u*, ou *õ*, como é o caso de Anchieta.

Por exemplo, Nimuendaju (1987:153) escreve ‘*vapurū*’ para “jabuticaba” - [ʷāpū' rū], em Nhandewa - e grafa como *uembé* o termo para [ʷε' mβε] que é um tipo de cipó (1987: 31). Os professores índios, em nossos encontros, escreveram primeiramente ‘*āwā*’, para marcar futuro. Pe. Anchieta escreve essa mesma partícula como *aōáma*. Já Gregores e Suárez (1967:143, 177) grafam essa partícula como *haṅwá*.

Além disso, a dificuldade de audição dessa diferença nos fez, por diversas vezes, ao transcrever os dados nas entrevistas com os falantes, anotarmos essas palavras (e outras) ora com *sw* ora com *w*: [wāpū' rū]; [ʷawi'ra]; [oʷwere'ko] ~ [owere'ko] “ele tem”.

Todas essas evidências apontam para a possibilidade de considerar-se o som [gw] como uma variante do fonema aproximante /w/. Essa interpretação nos permite sistematizar os fonemas consonantais do Nhandewa-Guarani num quadro fonológico de consoantes bastante simétrico. Dessa forma, chegamos a uma interpretação funcional inovadora da fonologia do Guarani e desafiadora para as análises dos outros dialetos dessa língua e de muitas outras línguas Tupi-Guarani:

⁸² Anchieta (1595:19) descreve *āgwā* como infinitivo futuro: “*infinitiuo futuro. Iucā aōáma*”. Montoya (1640: 15) também descreve como infinitivo futuro “*haver de ...*” e grafa *hāgûâmâ*. Gregores e Suárez o traduzem como “*in order that*” (1967:143).

Obstruinte	p	t	ts	tʃ	k	kw	ʔ
Soante	mb	nd	r	j	ɥ	w	

Podemos considerar, com alguma certeza, que a lacuna no sistema que se observa acima poderia ser preenchida com certa eficiência pelo fonema /h/, que desapareceu quando a língua eliminou a série fricativa (ver 3.2). O /h/ ficou sem lugar no sistema fonológico do Nhandewa, uma vez que não é soante, embora ele fosse a contraparte da oclusiva glotal. Na reacomodação da fonologia, /h/ foi eliminado, o que resultou em assimetria no sistema. Por isso mesmo, pode ou poderia vir a ser motivo de novas acomodações e mudanças.

2- DISCUSSÃO DA INTERPRETAÇÃO: OPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS DA LÍNGUA

Discutiremos inicialmente as possíveis interpretações para a oposição fundamental entre consoantes. Entre vogais, obviamente, não se coloca a discussão de *soantes x obstruintes* e adiante trataremos a nasalidade fonológica no sistema vocálico da língua.

2.1- Oposição Oral x Nasal

Quando direcionamos nossa atenção aos fenômenos de nasalidade do Nhandewa paulista-paranaense, constatamos que todos os segmentos sonoros (vozeados) são passíveis de nasalização.⁸³

Mais que isso, também oclusivas surdas podem ser (pré-) nasalizadas e vozeadas. Por exemplo:

[ku 'nã] “mulher” + ['kwɛ] “coletivo” = [kɯnã 'ŋgwɛ] “mulherada”;

Distingue-se, no entanto, uma nasalidade que é fonética e uma nasalidade que é fonológica. A nasalidade presente nas vogais tônicas e nas consoantes pré-nasalizadas /mb, nd/ é fonológica. É fonética a nasalidade presente nas realizações nasais [m,n,ɲ,ŋ], nas realizações pré-nasalizadas [ñɔ̃, ŋ̃g, ŋ̃gw], no tap [ɾ], nas aproximantes e em vogais átonas. Remeto ao tópico 3.1 onde, ao tratar a harmonização nasal, apresentam-se interpretações para a eleição desses elementos como nasalizados foneticamente, isto é, como resultado do espalhamento nasal. As consoantes plenamente nasais [m,n] são realizações superficiais das pré-nasalizadas

⁸³ De fato, todos os segmentos soantes, o que nos remete diretamente à tradicional associação entre o traço nasalidade e o traço soanticidade, que já estava presente em SPE como regra de redundância e continuou a ser assim considerada pela Fonologia Autossegmental, ao subordiná-los ao mesmo nó. Ver Chomsky e Halle (1968), D'Angelis (1998, 2001), Piggott (1992).

/mb/ e /nd/. A nasal palatal [ɲ] é realização superficial de /j/ com contexto nasal à direita⁸⁴ e a pré-nasalizada velar [ŋg] é realização superficial de /k/ ou /ŋ/ com contexto nasal à esquerda⁸⁵. Também é fonética a nasalização nas consoantes pré-nasalizadas [nd̃z, ŋg̃w]⁸⁶, assim como a nasalização do tap⁸⁷, das aproximantes e das vogais não acentuadas.

Por ora, podemos considerar que, nessa língua, a oposição *nasal x oral* não parece ser produtiva entre as consoantes, como o é entre as vogais. Descartamos essa oposição nas consoantes, pois, grande parte dos segmentos consonantais possuem realizações orais e nasais, de acordo com o ambiente.

Isso nos deixa a hipótese de que a oposição *soante x obstruinte* pode ser a oposição fundamental entre as consoantes nessa língua.

2.2- Oposição Soante x Obstruinte

A definição de soante em SPE é a seguinte:

*"Sonorants are sounds produced with a vocal tract cavity configuration in which spontaneous voicing is possible; obstruents are produced with a cavity configuration that makes spontaneous voicing impossible."*⁸⁸

⁸⁴ Vejam-se os exemplos:

/ja+wa 'ta/ = [d̃z̃agwa 'ta] "nós (todos) andamos";

/ja+tsẽ/ = [nã 't̃sẽ] "nós (todos) saímos.

⁸⁵ /pɔ 'rã + ka 'tu/ = [pɔrãŋga 'tu] "realmente belo"

⁸⁶ Casos como a realização de pêtỹ "fumo" + kwa "buraco" como [pêtĩ ' ŋg̃wa] "cachimbo".

⁸⁷ Por ex. [pɔ 'rã].

⁸⁸ Chomsky and Halle ([1968]1995:302).

Não temos nenhum problema em classificar as oclusivas, africadas e labializada surda (p, t, k, ʔ, t̚s, t̚ʃ, kw) como elementos obstruintes. Entretanto, a classificação das consoantes pré-nasalizadas /mb/ e /nd/, como soantes ou obstruintes, nos coloca o problema da presença de um contorno nasal (soante) no segmento oclusivo (obstruinte).

A ocorrência de duas “fases” nos segmentos pré-nasalizados nos deixa três possibilidades de interpretação: ou são obstruintes (pois há obstrução no trato oral), ou são simultaneamente obstruintes soantes (já que possuem as duas fases) ou, ainda, são soantes (já que há passagem livre do ar no trato nasal, permitindo vozeamento espontâneo). Verifiquemos, então, as possibilidades de interpretação:

2.2.a- 1ª hipótese de classificação quanto à soanticidade

Obstruintes	surdas	p, t, k, ʔ, t̚s, t̚ʃ, kw
	sonoras ⁸⁹	m̃b, ñd,
Soantes	r, j, ʍ, w	

Se a qualidade de *soanticidade* é atribuída ao elemento que não possui nenhuma obstrução no trato oral, podemos deduzir que não existem semi-soantes: ou temos um elemento que possui obstrução ou um elemento que não possui nenhuma obstrução. Assim, se um elemento é semi-soante e semi-obstruinte, logo, ele é obstruinte. Qualquer grau de obstrução já contraria a definição de soanticidade por caráter articulatorio: não possuir obstrução.

Considerando que não existe semi-soanticidade, as pré-nasalizadas seriam interpretadas como obstruintes.

⁸⁹ As ausências, nesse e nos demais quadros, das consoantes nasais e das pré-nasalizadas [ñdʒ, ŋ̃gw], assim como da velar [g], se explicam por seu caráter fonético, apresentado na seção 1.5.

Esse procedimento nos deixa com um sistema fonológico no qual as soantes são somente o tap, as aproximantes e as vogais. Isso é um problema para a análise fonológica do Guarani? Parece-me que sim. O comportamento de /mb/ e /nd/, como alvos de nasalização, os coloca numa classe natural com /r/ e com as aproximantes.

Temos que considerar ainda a regra de *implementação fonética* de Piggott (1992). Essa regra possibilita que se realize como soante um elemento que também possui oclusão oral completa. A fase nasal é a forma de “garantir” a soanticidade, uma implementação fonética, que resulta em um segmento complexo pré-nasalizado, uma obstruente que soa.

Seguindo Piggott, nossa opção, nesse caso, é por considerar o traço *soanticidade* como fonológico, sujeito a regras e princípios de implementação fonética, via gestos articulatorios.

2.2.b- 2ª hipótese de classificação quanto à soanticidade

Obstruintes	p, t, k, ʔ, t̂s, t̂ʃ, kw
Obstruintes-soantes	m̂b, n̂d
Soantes	r, j, ɰ, w

Essa interpretação seria “aceitável” se seguissemos a concepção de Piggott que considera a existência de obstruintes que soam. No entanto, esse parece ser um recurso classificatório daquele autor, que inutiliza o emprego de uma oposição distintiva bem estabelecida e de uso quase universal. Ademais, não permite agrupar as pré-nasalizadas em uma classe natural com outros fonemas que são alvos de espalhamento nasal.

Nenhuma das hipóteses é completamente satisfatória para a interpretação do funcionamento do sistema fonológico. Entretanto, a já citada regra de Implementação Fonética parece apontar um caminho viável: de todas, a interpretação que nos traz menor quantidade de problemas é considerar as pré-nasalizadas como soantes, que se opõem a obstruintes. Ou melhor, são elementos que são pré-nasalizados, justamente, para se oporem a elementos obstruintes, o que gera a oposição *soanticidade x obstrução*. O critério da classificação será, digamos, mais acústico que articulatorio. Então, fiquemos com ela, por enquanto.

2.2.c- Nossa proposta de interpretação para o sistema fonológico consonantal

Obstruintes	p, t, k, ʔ, t̃s, t̃ʃ, kw
Soantes	m̃b, ñd, r, j, ʍ, w

Nossa proposta de interpretação para o sistema fonológico consiste, então, na oposição *soante/obstruinte* entre as consoantes. Seguindo a regra de implementação fonética, consideramos as consoantes pré-nasalizadas como elementos que possuem uma fase nasal para garantir vozeamento espontâneo, o que faz com que elas se oponham a elementos obstruintes no sistema.

Entre as vogais, a oposição principal é *oral/nasal*, como argumentaremos em 3.1.b.V.

2.3- As Consoantes

2.3.a- Obstruintes

As obstruintes do Nhandewa-Guarani são: a bilabial surda /p/, a dental surda /t/, a velar surda /k/, a glotal /ʔ/, a labializada surda /kw/ e as africadas surdas /ts/ e /tʃ/.

As obstruintes oclusivas /p/, /t/, /k/, /kw/, e /ʔ/ não apresentaram nenhuma restrição de ocorrência com vogais, tanto orais quanto nasais.

A oclusão glotal ocorre com todas as vogais, nasais e orais. É reconhecidamente um fonema presente nas línguas do Tronco Tupi.

2.3.a.I- Os segmentos africados /t̪s/ e /t̪ʃ/

A separação histórica, dentro do tronco Tupi, entre dois ramos lingüísticos a partir de um Proto-Guarani e um Proto-Tupi (com ancestral comum, o Proto Tupi-Guarani) é evidenciada por correspondências entre fonemas resultantes de mudanças fonológicas que ocorreram em algum momento da história dessas línguas. Talvez um dos melhores exemplos de mudanças fonológicas como essas seja a ocorrência, na grande maioria das línguas do ramo Guarani, do fonema /h/, onde no ramo Tupi encontra-se /s/.

Avançando um pouco mais na linha histórica dessas línguas, observamos que o dialeto Nhandewa em estudo eliminou o fonema /h/ completamente e as ocorrências de /s/ que haviam ficado em algumas formas cristalizadas do ramo

Tupi, são realizadas como africada, o fonema /tʃs/, no Nhandewa. Esse assunto é desenvolvido no tópico 3.2, adiante. Sobre esses fonemas escreve Curt Nimuendaju:

(...) “ La c tiene sonido sibilante delante de la e, i, y. La c cedilla (ç) también es sibilante delante de la a, o, u. Esta sibilante, tanto en paraguayo como en los dialectos Kayguá suena suave como la th inglesa; en los Apapokuva suena áspera, como la tz alemana (isso é, como /ts/). Aparece desagradablemente áspera en la conversación y denuncia al Apapokuva apenas abra la boca para hablar. Lo mismo sucede con la ch, que debe pronunciarse mucho más fuerte que la correspondiente sibilante paraguaya, en forma semejante a una tsch alemana. (isso é, como /tʃs/)”⁹⁰

As observações de Nimuendaju confirmam as colocações feitas anteriormente sobre o segmento africado /tʃs/ e também nos sugere usar a mesma interpretação para o segmento /tʃ/: o fonema que, nos antigos dialetos do Guarani, realizava-se como /ʃ/, fricativa pós-alveolar surda, no Apapokuva (e no Nhandewa-Guarani de SP e norte do PR) realiza-se como o segmento africado /tʃ/, fato esse que pode ser notado nos exemplos:

Guarani Antigo (Montoya) ⁹¹	Nhandewa-Guarani de SP e norte do PR	Português
che	[tʃε'ε]	“eu”
tubichá	[tuwi'tʃa]	“grande”
chêbe	[tʃε'wɪ]	“para mim”

⁹⁰ Nimuendaju (1978:41). As observações entre parênteses e os negritos são meus.

⁹¹ Montoya ([1640:4 e 10]1993: 72 e 78).

A mudança é verificada também em casos de empréstimo lexical, como nos termos emprestados do português [tʃikãmĩ'tsẽ] “minha camisa” e [tʃirĩ, m̃baka'tʃuru] “minha criação, meu cachorro”.

O que o Nhandewa-Guarani paulista-paranaense fez foi eliminar completamente uma série obstruente [+ contínua], ou seja, a série fricativa. Como o fez? Eliminando o fonema /h/ e “assimilando” as restantes fricativas /s/ e /ʃ/ ao conjunto das obstruintes [- contínuas] (ainda que foneticamente [ts] e [tʃ] tenham um contorno [+ - contínuo], fonologicamente são *descontínuas*, uma vez que, em algum momento de sua realização, a obstrução da passagem do ar é total) e /v/ ao conjunto das aproximantes, passando a /w/.

A baixa ocorrência das fricativas já havia sido notada pelos jesuítas na língua geral de base Tupi, que era falada na costa do Brasil, nos primeiros séculos de colonização:

“Nesta lingua do Brasil não ha f. l. s. z. rr. dobrado nem muta com líquida, vt cra, pra & c. Em lugar de do s. in principio, ou médio dictionis serue, ç. Com zeura, vt Aço, çatâ.” Anchieta (1595:1)⁹²

Chegou-se, na época, à conclusão, tão “oportuna” naquele momento de colonização, de que esses povos não teriam ‘*nem fé, nem lei, nem rei*’, o que seria ocasionado pela falta das “letras” “f”, “l” e “r forte” na língua falada por eles⁹³.

⁹² Anchieta não faz a distinção entre som e letra. Quando Anchieta diz que não tem “s” ele está se referindo ao som [ʃ] que era o valor fonético da letra “s” no português de seu tempo.

⁹³ A afirmação encontra-se em mais de um autor quinhentista. Por exemplo, veja-se Gabriel Soares de Sousa ([1587] 1987:302).

2.3.a.II - A neutralização entre /t̂s/ e /t̂ʃ/

	i	e	ɛ	ɨ	ɐ	a	ɯ	u	o	ɔ	ĩ	ẽ	ẽ	ĩ	ẽ	ã	ũ	õ	õ
t̂s	∅		11	21		15		60	8	15	∅	3	11	∅	1				
t̂ʃ	207	42	129	∅		101		51	16		16	1	6	∅					

Observando o quadro comparativo (acima) das ocorrências dos segmentos /t̂s/ e /t̂ʃ/, tanto a ausência do segmento /t̂s/ com a vogal alta /i/ e também com sua correspondente nasal /ĩ/, quanto a numerosa ocorrência de /t̂ʃ/ com essa vogal (207 vezes) e a simétrica ausência de /t̂ʃ/ com /ɨ/ e /ẽ/, apontam para um processo de neutralização:

O segmento /t̂s/ ao formar sílaba com /i/ sofre palatalização, por influência da vogal anterior alta, e resulta numa neutralização, isto é, tanto /t̂s/ quanto /t̂ʃ/, diante de /i/, se realizam como [t̂ʃi]. No caso de sílabas formadas com a vogal central /ɨ/ a língua elege [t̂s].

Os pares a seguir apontam para uma confirmação de que esses dois segmentos africados são fonemas da língua:

[t̂sɨ] “mãe”
 [õ't̂sẽ] “saiu”
 [t̂ʃɛ'ɛ] “eu”
 [t̂ʃi't̂sɨ] “minha mãe”
 [ava,tipi't̂ʃɛ]
 “milho assado na brasa”

[t̂ɨ] “plantação de”
 [õ'pẽ] “quebrou”
 [kwɛ'ɛ] “ontem”
 [t̂ʃit̂'t̂ɨ] “meu tio”
 [ava,tipi'rɛ]
 “palha de milho”

Além de segmentos fonologicamente relevantes, os africados /t̂s/ e /t̂ʃ/ são marcas dialetais dos Nhandewa, “(...) y denuncia al Apapokuva apenas abra la boca para hablar”.⁹⁴

2.3.a.III - A variação entre [s] e [ts]

Aryon Rodrigues, tratando as diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani⁹⁵, destaca uma mudança fonológica no que se convencionou chamar de Proto-Tupi-Guarani, quando essa língua se ramificou em Proto-Tupi e Proto-Guarani: quase todas as ocorrências do fonema /s/ (que se mantiveram e ainda se mantêm no Tupi Moderno) foram substituídas, no ramo Guarani, pelo fonema /h/. Especificamente no Nhandewa paulista-paranaense o fonema /h/ desapareceu.

/s/ (Tupi) → /h/ (Guarani) → ∅ (Nhandewa-Guarani).

De fato, o segmento /s/, reconhecidamente um fonema no Tupi e no Tupinambá, é pouco registrado no Guarani Antigo e nos dialetos Guarani da atualidade. Apesar disso, algumas realizações de /s/ permaneceram nas línguas Guarani e essas, em Nhandewa, passando pelo processo fonológico que eliminou a série das fricativas, foram convertidas em /ts/, como é o caso de /sî/ “mãe”, no Avanheém, realizada em Nhandewa como [t̂sî].

No dialeto Nhandewa-Guarani falado nas comunidades de SP e norte do PR não se registra o fonema /h/. Todas as ocorrências de /h/ correspondentes em outros dialetos Guarani, no Nhandewa são ∅ (como em [ho'ʔa],[o'ʔa] “cair”;

⁹⁴ Nimuendaju (1978:40).

⁹⁵ Rodrigues (1945:341-343).

[kwe'hε],[kwe'ε] “ontem”). Além disso, quase todas as ocorrências de /s/ encontradas em outros dialetos Guaraní, são realizadas no Nhandewa como [ts]. Esse assunto é tratado com mais detalhes no tópico 3.2, adiante.

O quadro a seguir relaciona exemplos dessa mudança fonológica:

Tupi(nambá)	Guaraní (“geral”)	Nhandewa-Guarani ⁹⁶	Português
kwarasy	kwarahy	kwaray	sol
asab	aha	aa	eu vou
ambyasy	ambyahy	ambyay	fome
kwese	kwehe	kweé	ontem

O Nhandewa-Guarani conserva realizações de /s/ em dois itens lexicais somente: [tagwa, tosapu'ka.j] ‘gavião sapukai’⁹⁷ e [sã'dʒu] que é um nome próprio⁹⁸. Isso se não considerarmos os empréstimos e outras possibilidades descartadas abaixo. A contagem das ocorrências dos fones apontou seis ocorrências de itens lexicais com [s], das quais somente as duas mencionadas acima podem ser consideradas “autênticas”, já que:

- Uma ocorrência com a vogal /i/: [ka'siki], ‘cacique’, é notadamente um empréstimo.

⁹⁶ Em parte, essa também é a situação do Mbyá.

⁹⁷ O termo *sapukai*, que é também o verbo “gritar”, quando registrado na forma verbal, é realizado [t̃sapu'ka.j], o que também aponta para o fato de [s] ser uma variante de /ts/. Outra ocorrência do termo ‘sapukai’, por outro falante, testada no LAFAPE (Laboratório de Fonética e Psicolinguística) mostrou que, também nesse caso, a fricativa alveolar surda se realiza como o segmento africado [t̃s], como pôde ser verificado em espectrograma, no qual percebe-se a pausa, característica da produção das plosivas, e logo depois a marca do ruído, própria da produção de fricativas.

⁹⁸ Que, coincidentemente, é o nome do falante entrevistado nessa ocasião, que residiu em Barragem, aldeia onde se fala Mbyá, majoritariamente.

- Uma ocorrência com /ã/: [sãñdi 'a] 'melancia', empréstimo do espanhol.
- Uma ocorrência duvidosa com a vogal /o/: [t̃iso 'ʔo] 'me mordeu', quando na mesma entrevista o falante pronunciou esse mesmo item na forma [ajt̃so 'ʔo] 'eu mordeu'⁹⁹.
- Uma ocorrência com a vogal /ẽ/: [mõ 'sẽ] 'soltar', item para o qual se repetem as colocações feitas acerca da ocorrência com /o/: esse item foi encontrado, na mesma entrevista, pronunciado pelo mesmo falante como [õmõ 't̃sẽ] "ele solta".

Parece-me ser razoável concluir, então, que o fone [s] é, contemporaneamente, uma variante de /ts/, talvez por influência do português na pronúncia de alguns falantes.

2.3.a.IV- A labializada /kw/

Em línguas Tupi-Guarani, a plosiva velar /k/ possui uma forma simples e um segmento complexo labializado correspondente /kw/¹⁰⁰. Esse fenômeno foi descrito por vários (se não todos) os autores que se dedicaram às línguas indígenas dessa família. As grafias mudam de um autor para outro, variando entre "coá" "cuá", recorrente entre os padres, ou a grafia usada por Guedes e Minatel (1996) "kwa", "kwe".

⁹⁹ Esse dado se torna ainda menos seguro quando constata-se que o falante, nascido no Posto Indígena Nimuendajú, morou longos anos de sua vida na Aldeia Barragem, onde é falado Mbyá. O uso da vogal /o/ fechada, ao invés de /o/, mais aberta, aponta para uma influência do Mbyá, já que a maior abertura nessa vogal - e também no /e/, realizado como /ɛ/ - é uma marca dialetal do Nhandewa contemporâneo.

¹⁰⁰ No caso de outras línguas, que possuem a velar /g/, também é registrada a labializada /gw/. Não é o caso do Nhandewa, que apresenta a aproximante velar /ɰ/ onde em outras línguas Tupi encontra-se "g". Nesse caso, como argumentamos em 1.5, a correspondente labializada é a aproximante /w/, que tem a variante [ɣw].

Vários são os pares mínimos e análogos que permitem evidenciar tais segmentos complexos como fonologicamente relevantes na língua:

- | | |
|-----------------------|------------------|
| 1. [kwɛ] “coletivo”, | [kɛ] “dormir” |
| 3. [kwa ' a] “saber”, | [ka ' ʔa] “mato” |

Os segmentos labializados possuem uma articulação primária (dorsal) e uma articulação secundária (labial). Na interpretação de Clements e Hume (1995), essa articulação secundária está subordinada, na representação hierárquica dos traços distintivos, ao nó Ponto de V (V-Place)¹⁰¹.

2.3.b- Soantes

Para evitar repetições, remeto aos tópicos correspondentes: os segmentos soantes /mb/ e /nd/ são tratados em 3.1 (tópico sobre nasalização); a aproximante /j/ foi tratada na sua relação com [dʒ] e [ɲ], em 1.5 e a aproximante /ɥ/ é tratada em sua relação com [g], no mesmo tópico.

¹⁰¹ Que, por sua vez, está subordinado ao nó Ponto de C. Esse, é dependente do nó Cavidade Oral e CO é ligado à Raiz.

2.3.b.I - A variação entre [v], [w] e [ʋ]

Observamos uma variação entre os sons [ʋ], [v] e [w]. Optou-se por eleger /w/ como fonema e os demais como suas variantes, uma vez que [w] é o único que ocorre tanto com vogais orais quanto com nasais, realizando-se como [w̃] - ou [ɱ] - no segundo caso.

A variação ocorre entre falantes, não se descartando a possibilidade da influência de outros dialetos Guarani ou mesmo do Português. Como exemplo, a palavra /wɛ 'wɛ/ "voar", por um falante é pronunciada [ʋɛ 'ʋɛ], por outro, [vɛ 'vɛ].

Essas variações parecem ser, até certo ponto, de livre ocorrência, ou melhor, possivelmente são variações de ordem sociolingüística, motivadas talvez pela idade do falante, contato dialetal e bilingüismo.

Outros exemplos dessa variação seriam:

[ko 'wa] e [ko 'va] "isso, coisa"

[tuwi 'tʃa] e [tuvi 'tʃa] "chefe, grande"

[va 'ka], [wa 'ka] e [va 'ka] "vaca"

Não descarto a possibilidade de ter registrado um fone por outro, já que a aproximante [ʋ] apresenta uma articulação intermediária àqueles dois outros sons registrados, [v] e [w].

Em ambiente nasal, observam-se dois tipos de ocorrência diferentes: (1) uma aproximante [w̃] - que varia, em alguns casos com a nasal lábio-dental [ɱ]- ou (2) realiza-se como [ʋ̃w̃]. No primeiro caso, por várias vezes anotamos "m" ou "w̃" ,

porém, não poderia ser [m] sendo também arredondado. São exemplos dessa relação entre os dois sons:

1) *Txeé* “eu” + *wy* “para” = *txewy* [tʃɛ'wɨ] “para mim”; *peē* “vocês” + *wy* = *pemỹ* [pẽ'mĩ] “para vocês”.

2) O termo Nhandewa para “canjica”, registrado ora como [kamĩndʒu] ora como [kaũĩndʒu].

A variação, em ambiente nasal, entre [w̃] e [ʷw̃], é evidenciada pelo par *swavira* “gabiroba” e *w̃apũrũ* ~ ^o*w̃apũrũ* “jabuticaba”¹⁰².

2.3.b. II - O tap /r/

O segmento /r/ faz parte da fonologia do Nhandewa-Guarani. Ele aparece, na sílaba, sempre em posição de onset, em início e meio de palavra, como em:

rery [rɛ'ri] “nome”

rowai [rɔ'waj] “o outro lado, além”

awati pororo [awa,tipɔrɔ'ɔ] “milho de pipoca”

piri [pi'ri] “tabôa, junco”

ywyra [ɯwɯ'ra] “árvore”

¹⁰² Uma interpretação alternativa, neste caso, seria considerar /w/ e /v/ como dois fonemas. Se considerada esta possibilidade, o fonema /v/ - que alternaria com [v] em ambiente oral - corresponderia, em ambiente nasal, a [ɱ] (que não seria arredondado, mas lábio-dental, já que seria uma realização de /v/ e não de /w/) e o fonema /w/, velar, - que alternaria com [gw] em ambiente oral - se realizaria como [w̃] ou [ɲg̃w̃] em contexto nasal. Esta alternativa, no entanto, está interdita por nossa interpretação do sistema fonológico do Nhandewa, apresentada acima.

/r/ foi também registrado na forma /r̃/nasalizada (foneticamente), em casos de palavras nasais. Ex: *pōrã* [põ ' r̃ɛ] “belo”, *nāporairỹ* [nāpõ ' r̃ɛj̃r̃ɛ] “feito”, *wã'ērã* [uãʔɛ ' r̃ã] “futuro”.

Em contexto de fala rápida ele é facilmente confundido com a consoante nasal /n/. O próprio Nimuendaju registrou *n* em várias realizações de /r/ nasalizado. Lembremos do tópico que ele dedica à “mudança” de *r* em *n*, no capítulo ‘Dialeto’ do seu livro *“As lendas de criação e destruição do mundo...”*¹⁰³:

¹⁰³ Nimuendaju (1987:21). Para a interpretação e os exemplos listados por Nimuendaju, ver tópico 5, no capítulo 3 da primeira parte.

2.4- As vogais

Seguindo o modelo proposto por Clements e Hume (1995) para as alturas vocálicas, podemos agrupar, foneticamente, os sons vocálicos do Nhandewa-Guarani em estudo em quatro conjuntos segundo a altura vocálica, como abaixo:

	i/ɨ/ɨ̃/u	e/o/ɐ	ɛ/ɔ	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

Fonologicamente, estamos considerando um sistema de duas alturas vocálicas (alta e baixa) que combinam com três diferentes pontos de articulação (anterior, central e posterior). O sistema fonológico vocálico do Nhandewa-Guarani (Cf. quadro 1.2) é composto por: alta anterior, /i/; alta central, /ɨ/; alta posterior, /u/; baixa anterior, /ɛ/; baixa central, /a/; baixa posterior, /ɔ/. Optou-se por eleger como fonemas as médias-baixas /ɛ/e/ɔ/, no lugar das médias /e/ e /o/ por dois motivos: (1) são as vogais que aparecem em sílabas acentuadas, tanto orais quanto nasais e (2) o uso dessas vogais mais abertas é identificado pelos falantes como diferença relevantes entre a sua língua e outros dialetos Guarani.

Ocorre um processo de neutralização entre as alturas vocálicas nas sílabas pré-tônicas. A neutralização entre /ɛ/ e /i/ costuma ocorrer nas sílabas átonas

mais afastadas da sílaba acentuada, nunca nas que são imediatamente vizinhas do acento:

[tʃime' mbĩ] “meu filho” *versus* [tʃe' ʔawi] “meu cabelo”.

Os professores índios, na ocasião das convenções lingüísticas que fizemos¹⁰⁴, não aceitaram como boas na língua as formas escritas com *i*, para pares como esse. A grafia “*txi memby*” foi rejeitada pelos professores. Nesses casos, a grafia escolhida foi “*txe memby*”.

Uma variação fonética de altura vocálica ocorre entre os pares [ɛ] e [e] , [ɔ] e [o]. Em posição tônica, a vogal é sempre a mais aberta, [ɛ/ē] ou [ɔ/õ]. Nas sílabas átonas¹⁰⁵ a ocorrência pode ser tanto da variante mais fechada quanto da mais aberta. Nesse sentido, foram registrados dados que possuíam variação de altura das vogais nessas posições.

[tʃimē' mbĩ] ~ [tʃimē' mbĩ] ~ [tʃimē' mbĩ] “meu filho” (dito por mulher);
[pɔɔɔ' rɔ] ~ [pɔɔɔ' rɔ] ~ [pɔɔɔ' rɔ] “milho de pipoca” (awatipororo).

Registramos outra variação vocálica, condicionada pelo ponto de articulação da consoante em sílaba CV, formada com a vogal central alta /ɨ/: as consoantes velares ocorrem com a variante [w] e as demais consoantes ocorrem com [ɨ]. Já a velar surda apresentou ainda restrição de ocorrência com a vogal nasal alta /ĩ/. Levando-se em conta que a ocorrência com as correspondentes orais dessas duas vogais também é pequena, não fica completamente descartada a possibilidade de uma restrição, no nível articulatório, ter sido selecionada pela língua.

¹⁰⁴ Cf. ‘Apresentação’

¹⁰⁵ Tanto as pré-tônicas quanto as poucas pós-tônicas encontradas na língua, que privilegia as oxítonas.

A oposição *nasal versus oral* é considerada subjacente e fundamental entre as vogais nessa língua. Por esse motivo, a questão da nasalidade nas vogais tem um tópico específico e será tratada minuciosamente em 3.1.b.

3 – FATOS MAIS RELEVANTES DA FONOLOGIA DO NHANDEWA-GUARANI

3.1 – Nasalização: o fato crucial

3.1.a- As oclusivas pré-nasalizadas

As línguas do Tronco Tupi geralmente apresentam, em seu sistema fonológico, uma série de segmentos de contorno (foneticamente, oclusivas com contorno nasal): /m̃b/, /ñd/, /ŋ̃g/ e /ŋ̃g̃w/. As pré-nasalizadas /ŋ̃g/ e /ŋ̃g̃w/, presentes em outras línguas Tupi, no dialeto Nhandewa-Guarani são realizações fonéticas da velar surda /k/ e da labiovelar /kw/, respectivamente, com ambiente nasal a sua esquerda.

Os segmentos daquela série são tratados, na literatura, em geral, como oclusivas pré-nasalizadas. Algumas abordagens as consideram como pós-oralizadas (que assimilam a oralidade da vogal a sua direita), outras como realizações fonéticas de /b/, /d/, /g/. O que temos observado é que o “papel” dessa série de consoantes pré-nasalizadas nos processos fonológicos de línguas como o Nhandewa-Guarani é mais relevante do que se pensava.

Esses segmentos não permitem um tratamento simplificado na fonologia, pois possuem valores opostos de um mesmo traço, como nasal e oral, soante e obstruente.

Autores como G.L. Piggott, nos moldes da Fonologia Autossegmental, interpretam os segmentos pré-nasalizados como ‘oclusivas soantes’, através das geometrias de segmentos “complexos”, com duas bordas polares em uma só raiz: [+ nasal] e [-nasal].

Já outros autores, como Kiparsky, preferem considerá-los consoantes pós-oralizadas, que são consoantes nasais subjacentes que recebem espalhamento da oralidade vocálica a sua direita.

A interpretação aqui assumida é que a fase nasal nesses segmentos é o resultado de uma regra de *implementação fonética*, aplicada para garantir a soanticidade a um elemento que possui oclusão no trato oral. Esses segmentos pré-nasalizados /m̃b/ e /ñd/ precisam garantir a soanticidade, justamente, para contrastar com segmentos completamente oclusivos /p/ e /t/ constituindo, assim, a oposição fundamental das consoantes em Nhandewa-Guarani. Remeto aos tópicos 1.5 e 2.2, onde apresento a sistematização da fonologia e discuto a oposição *soante/obstruente* para os segmentos pré-nasalizados. Adiante, em 3.1.b.V, trato da oposição mais produtiva entre as vogais: *oral x nasal*.

3.1.a.I- Os segmentos nasais e sua relação com os pré-nasalizados

Desde os primeiros estudos sobre as pré-nasalizadas no Tupi Antigo, percebeu-se que essa série de segmentos se dividia em dois grupos distintos: /mb, nd/ de um lado e /ŋg, ŋgw /de outro. Lemos Barbosa, no seu *Curso de Tupi Antigo*, de 1956, aponta uma diferença entre eles: o grupo /mb/, /nd/ só ocorre em início de sílaba “*Mb e nd podem ser iniciais ou mediais de palavras; nunca finais.*” ao passo que / ŋg/, /ŋgw/ só ocorrem em coda de sílaba “*Ng pode ser medial e final, nunca inicial (...)*”. No caso do Guarani, tanto do antigo quanto do contemporâneo, as consoantes nasais em coda na sílaba desapareceram¹⁰⁶. Remeto à apresentação

¹⁰⁶ De fato, o “ramo” Guarani suprimiu todas as codas em sílabas CVC presentes no Tupi. Assim, a forma Tupi ‘tub’ “pai” em Guarani tem o correspondente ‘tu’; ‘jaguar’ “cachorro”, em Guarani

da nossa proposta de interpretação para a harmonia nasal do Nhandewa-Guarani: seu fundamento está no desaparecimento das codas nasais que originaram as atuais vogais nasais no Nhandewa e, imagino, também em outros dialetos Guarani.

Tratemos, então, cada um desses dois grupos:

3.1.a.II- Os pré-nasalizados /m̃b/ e /ñd/ e a alternância com os nasais plenos

Há um conhecido processo fonológico nas línguas Tupi em que os elementos da série de oclusivas pré-nasalizadas alternam-se com os elementos da série das consoantes plenamente nasais. Essa alternância é condicionada pelo “ambiente” nasal ou oral. Se a vogal à direita for nasal, o fonema realiza-se como [m] (ou [n]) e se a vogal for oral o fonema vai se realizar como [m̃b] (ou [ñd]).

Observamos a existência de pares de termos que evidenciam a relação dos segmentos condicionados pela nasalidade do ambiente. A separação dos morfemas está representada por (-):

[m̃ba 'ʔε] “o que, coisa”	[mã 'ʔɛ̃] “olhar”
[mõ- 'm̃bɔ] “jogar”	[mã 'mõ] “onde?”
[ñda-ɔ 'kɯ-jɾɿ̃] “sem chuva”	[nã-põ 'ɾɛ̃-jɾɿ̃] “não bom, ruim, feio”
[ñde-dʒu 'ru] “sua boca”	[nê-pê 'tɿ̃] “seu fumo”
[nã, ñde-tuwi 'tʃa] “nosso chefe”	[nã, nê-rã 'mõj] “nosso avô”

Observe-se particularmente a alternância de [ñd] ~ [n] nos três últimos exemplos, tanto no prefixo de negação - [ñda] ~ [nã] - como no pronome de 2ª

‘jagua’. Esse assunto é tratado em Rodrigues (1945). Havia também um dialeto observado por Anchieta que fazia o mesmo: o Tupi de São Vicente.

pessoa do singular [nde] ~ [nê] e de 1ª pessoa do plural inclusiva - [nã 'ndɛ] ~ [nã 'nê].

Por vezes, pode-se usar uma variante por outra, o que notamos em diálogos com os professores bilíngües Nhandewa: *mboapy* ou *moapy* “três”; *Mbatitirõ* ou *matitirõ* “roupa”. A substituição parece ser livre quando não se trata de uma distinção de significado (ou seja, quando não existem formas alternantes, *oral x nasal*, com significados distintos). Essa substituição nunca ocorreria em casos como *mba'e* “coisa” e *mã'ẽ* “olhar”.

A minha interpretação considera que, em Nhandewa-Guarani, os fonemas são /mb/ e /nd/. Eles se realizam como [mb] (ou [nd]) diante das vogais orais e como [m] (ou [n]) diante das vogais nasais. Assim, as formas [m] e [n] são realizações dos fonemas /mb/ e /nd/ em ambiente nasal.

A eleição de /mb/ e /nd/ - e não de [m] e [n] - como fonemas é mais produtiva para nossa análise, por derivar realizações [m] e [n] de /mb/ e /nd/, por espalhamento nasal. Temos mais argumentos em favor de que se derive as nasais plenas das pré-nasalizadas do que em favor de derivar-se realizações [mb] e [nd] de /m/ e /n/. A escolha contrária, corrente na literatura, talvez se deva “a um certo ‘preconceito’ - pelas dificuldades dos modelos em lidar com segmentos de contorno - de tomar as mais ‘simples’ como fonemas. Também um preconceito de quem vê as línguas a partir da sua própria”, nas palavras de D’Angelis (comunicação pessoal). São pertinentes, nesse sentido, algumas considerações de Trubetzkoy no seu texto *A Fonologia Atual*¹⁰⁷.

Não é inovação nossa a proposição de que as pré-nasalizadas sejam os fonemas (e as nasais plenas suas derivadas); veja-se a interpretação de Mattoso Câmara Jr. (1959) para o Proto-Jê.

¹⁰⁷ Trubetzkoy (1981:21-22).

A favor da análise de [m] e [n] como derivados de /mb/ e /nd/ temos pontos como a questionável *pós-oralização*: para considerarmos [mb] e [nd] como resultado de alteração nas nasais plenas /m/ e /n/ pela vogal oral, teríamos que considerar um controverso traço [-nasal] ativo. Além disso, no caso do Guarani não se sustenta uma proposta como a de D'Angelis (1998) para o Kaingang, já que, diferentemente dessa língua, o Guarani tem o fenômeno da harmonia nasal, sendo as obstruintes transparentes a esse processo, o que impede que se postule um caráter ativo do nó SP (Soft Palate) às vogais para, com isso, fazê-las oralizar parcialmente a consoante nasal precedente.

O espalhamento de nasalidade é uma boa interpretação para que realizações [m] e [n] sejam derivadas de /mb/ e /nd/. Trabalhos como os de Piggott e Rice, além de D'Angelis (1998), mostraram a relação entre soanticidade e nasalidade, o que nos permitiu interpretar as pré-nasalizadas como soantes, em 2.2.

Ainda é importante destacar a alternância observada entre a nasal palatal [ɲ] e o segmento africado palatal [dʒ] (que têm uma clara relação pelo ponto de articulação). Observa-se aí o mesmo padrão, de modo que a nasal [ɲ] ocorre com vogais nasais e a africada [dʒ] ocorre com vogais orais. Isto é verificado, por exemplo, na pronúncia de verbos do tipo *areales* (verbos transitivos diretos, que seguem o paradigma de flexão em {a-}, {ere-}, etc, como é o caso de [ã' tʃsẽ] “eu saio”)¹⁰⁸. Para esses verbos, o marcador de primeira pessoa do plural inclusivo se realiza como {dʒa-} - *dja* - em contexto oral, como é o caso de *djagwata* [dʒagwa'ta] “nós andamos”, enquanto em contexto nasal, como no caso do verbo [ãɲĩmũnõ'ʔõ] ‘reunir-se’, a primeira pessoa do plural inclusiva (nós, incluindo o interlocutor), terá o marcador de pessoa {dʒa-} realizado como [ɲã-].

¹⁰⁸ A terminologia “areales”, “aireales” e “xendales” para classificação dos verbos é de uso no ensino gramatical no Paraguai. (Wilmar D'Angelis - comunicação pessoal).

Isso pode ser verificado em [d̥ʒa, a # nãɲĩmũnõ 'ʔo#mã] ‘nós vamos nos reunir’ cuja forma fonológica é /ja, a # ja + jimbundoʔo # mba/. Para *ãtsẽ* “eu saio”, a forma correspondente à primeira pessoa do plural inclusiva é [nã 't̥sẽ] “nós saímos”. Também para o verbo *endu* “escutar” temos a conjugação para a primeira pessoa do plural inclusiva: [nã, nẽ#nẽ 'ndu] “nós escutamos”, que pode ser segmentada como {nã 'ndɛ} “nós” + {d̥ʒa-} ‘flexão verbal de pessoa’ + {-ẽ 'ndu} “escutar”.

3.1.a.III- Os pré-nasalizados velares

Encontramos, com frequência, dois segmentos complexos pré-nasalizados com articulação velar em Nhandewa-Guarani, [ŋg] e [ŋgw̃], que são formados por um processo morfofonológico de vozeamento das oclusivas surdas /k/ e /kw/.

Este processo, que resulta na criação de um segmento pré-nasalizado através do vozeamento na consoante velar seguinte, já existia no Tupi, como foi apontado por José de Anchieta, em 1595:

“C. sem zeura, ou, que qui, que eh o mesmo, comummente se muda em, ng. Precedendo, m.n. ou til, como nesta composição dos verbos neutros cõmo. vt aicô. Amoiingó, aquêr. Amonguêr, quiâ, aimonguiâ.

Item noutras dições compostas, vt Aîn, catu, composto, aingatú, airumô, airumóngatúu, amanô, amanóngatú, ainupã, ainupãngatú, etc.”¹⁰⁹

¹⁰⁹ Anchieta (1595: 4). Uma “versão” para o uso corrente: “/k/ comumente se muda em [ŋg] quando é precedido por /m/, /n/ ou vogal nasal, como nesta composição dos verbos (...) Idem em outras locuções, como *Ayn + katu = aynkatu*.”

Em Nhandewa-Guarani existem dados que apontam para o mesmo tipo de interpretação, como, por exemplo, [põ'rãŋga'tu] = [põ'rã] + [ka'tu] “muito bom”.

Além desse, outros dados do Nhandewa-Guarani sugerem que se dê a mesma interpretação também para o segmento [ŋg̃w]. Em contexto oral tem-se:

[ɨwɨ'kwa] “sepultura” de 'ɨwɨ' “terra” + 'kwa' “buraco”

Já em contexto nasal encontra-se:

[pētɨ'ŋg̃wa] “cachimbo” de 'pētɨ' “fumo” + 'kwa' “buraco”

Registramos, ainda, a palavra [t̃ʰapɨ'ŋg̃wa] “meu nariz”, cuja relação com os termos acima é notada : /apɨŋ/ “ponta do nariz¹¹⁰” + /kwa/ “buraco”.

Essa pré-nasalização seria produzida pelo vestígio de uma consoante nasal que, historicamente, esteve presa à raiz da palavra, herança das línguas ascendentes do Tronco Tupi, em casos como: [po'rãŋg-a] no Tupi, que em Guarani Moderno se tornou /po'raN/ segundo a proposição acima, ou por uma vogal nasal que, em Guarani, terá restado como reflexo da anterior estrutura VN¹¹¹.

Sendo assim, pode-se sugerir que os segmentos pré-nasalizados formados com a plosiva velar [g] – vozeamento de /k/ - são diferentes dos segmentos fonológicos pré-nasalizados /m̃b/ e /ñd/. Os velares não são pré-nasalizadas subjacentes no sistema fonológico da língua, mas resultado de um processo morfofonológico.

¹¹⁰ Aqui baseio-me na forma escrita dada por Silveira Bueno (1982:50) de quem tomo a etimologia “*Apyñha: a ponta do nariz*”.

¹¹¹ Ver tópico a seguir (3.1.b) ‘Harmonia Nasal’.

3.1.b- Harmonia Nasal

A discussão sobre a harmonia nasal do Guarani já rendeu muitas páginas e, apesar disso, o tema ainda está longe de ser esgotado. Numerosos estudos abrangem variedades dessa língua como o Avanheém (Guarani Paraguaio), o Mbyá e o Kaiowá, tendo ficado o Nhandewa-Guarani relativamente esquecido pelos lingüistas. Essa variedade do Guarani, no entanto, possui sutilezas no processo de harmonização nasal que podem contribuir deveras para a discussão.

Tem-se conhecimento de um rol de interpretações teóricas para a nasalidade no Guarani, com as mais diversas abordagens. O estudo de Alberto Rivas de 1974; a análise Estruturalista de Gregores e Suárez de 1967; o trabalho de Dooley de 1976¹¹²; a Fonologia Lexical de Kiparsky de 1985; o tratamento autossegmental de Piggott (1992) e o de D'Angelis (1998), que sugere reparos ao de Piggott, além de interpretações que fundem linhas teóricas diferentes, buscando abordagens alternativas, como a de Hulst e Smith (1982) que combina a Fonologia Métrica à Autossegmental. Certamente, o fato de nenhuma delas ser completamente suficiente ou ausente de lacunas deve-se à efetiva dificuldade do tema tratado. Assim, o estudo que se faz nesse capítulo tem o caráter de adicionar mais uma interpretação a essas, engrossando o caldo da discussão sobre a harmonia nasal do Guarani e nada pretende além disso.

Analisando a harmonização nasal, no corpo de dados que possuímos do Nhandewa paulista-paranaense, tenho como objetivo verificar em que medida são aplicáveis, também a essa variedade Guarani, algumas das sugestões de autores supracitados, observando se elas se mostram suficientes também para a

¹¹² Sobre o Nhandewa-Guarani falado nos Postos Indígenas Laranjinha e Pinhalzinho, no norte do Paraná, duas comunidade também envolvidas nessa pesquisa.

interpretação dos fatos encontrados no Nhandewa. É o objetivo desse capítulo, então, verificar se é plausível assumir as propostas desses autores - que se aplicam a outros dialetos Guarani, cujos fenômenos da nasalidade podem ser, eventualmente, diferentes dos que ocorrem no dialeto Nhandewa-Guarani - e, sendo plausível, verificar quais as conseqüências, isto é, quais ganhos pode trazer à interpretação dos fatos de harmonia nasal do Nhandewa e quais (outros) problemas surgem quando resolvemos adotar essas propostas.

3.1.b.I- Fonte, alvo, transparência, opacidade, direção e domínio.

Quando pensamos em ‘espalhamento’ de nasalidade, seis pontos precisam ser definidos: as “fontes” de nasalidade, o(s) alvo(s) do espalhamento nasal, segmentos transparentes e segmentos opacos à harmonia nasal, a(s) direção(ões) e o domínio do espalhamento. Diferentes línguas têm diferentes comportamentos na distribuição dos “papéis”¹¹³ de cada um desses elementos na harmonia nasal.

Fontes de nasalidade. Vogais nasais e segmentos pré-nasalizados.

No Nhandewa, assim como nos outros dialetos Guarani, os centros dispersores de nasalidade são de dois tipos: ou são consoantes pré-nasalizadas /mb, nd/ ou são vogais tônicas subjacentemente nasais (como procurarei demonstrar adiante) /ĩ, ê, â, ĩ, õ, ũ/. A nasalidade dos fones consonantais plenamente nasais [m, n, ɲ, ŋ] parece ser transmitida somente para as vogais imediatamente vizinhas a elas, tanto à direita quanto à esquerda, o que configura um gesto fonético de ajuste de trato vocal amplamente observado em línguas do mundo. Assim, temos uma interpretação que considera dois tipos de espalhamento

¹¹³ Sobre essa questão ver o tópico (3.1.b.III) adiante, nesse mesmo capítulo, ‘Os “padrões” de harmonia nasal’.

nasal na língua: um que parte de segmentos pré-nasalizados e outro que parte de vogais nasais.

Alvo de espalhamento. Na bibliografia, parece haver consenso sobre o fato de que as soantes são os alvos do espalhamento nasal. Gregores e Suárez, em seu estudo sobre o Guaraní Coloquial (do Paraguai) de 1967, observam: “*All the sonorants are very strongly nasalized (...)*”¹¹⁴. Poser (1982)¹¹⁵ também concorda que o autossegmento nasal que parte, como ele sugere, de vogais nasais acentuadas e oclusivas vozeadas (nasais, é claro) espalha-se, desses segmentos, para vogais não acentuadas e outras soantes.

Segmentos transparentes. Oclusivas surdas, o que é de aceitação geral entre os autores.

Segmentos opacos. Na literatura sobre o tema parece ser unanimidade que não existem segmentos opacos em Guaraní à harmonização nasal, além é claro, das próprias fontes que, como tais, são opacas ao espalhamento proveniente de outra fonte.

Direção de espalhamento: Piggott assume espalhamento para a esquerda. Já outros autores, como Poser, Kiparsky, Dooley e Gregores & Suárez, o consideram bidirecional (esquerda e direita). Para o Nhandewa, assumo que a nasalidade proveniente das consoantes (pré-nasalizadas) se espalha para a esquerda e a nasalidade proveniente das vogais (nasais) se espalha nas duas direções.

Rivas (1974) aponta para o fato de existirem diferentes ‘status’ de nasalização: a nasalização fonética é gradiente e a fonológica é categórica. Essa

¹¹⁴ Gregores e Suárez (1967:67).

¹¹⁵ Apud Kiparsky (1985).

observação é feita também por Kiparsky (1985), retomando as colocações daquele. Assim, são produzidas frases fonológicas que, se possuem um centro de nasalidade, têm um espalhamento que diminui de intensidade de nasalização ao se afastar desse centro, até o limite do domínio. É fonológica somente a nasalidade presente no centro nasal (consoantes pré-nasalizadas e vogais nasais): essa é categórica, ou seja, tem valor distintivo selecionado pela língua¹¹⁶.

Gregores e Suárez observam também a nasalização que decresce gradualmente ao se afastar do centro nasal: "*The nasalization of the particular phonemes is more or less strong according to their positions in the nasal span (...)*"¹¹⁷.

Domínio do espalhamento. As discussões sobre o domínio do espalhamento da nasalidade em Guarani já produziram muita bibliografia na área. Long Peng propõe que haveria duas regras de harmonia nasal, com domínios diferentes. A primeira regra espalha nasalidade no interior do morfema, para a direita, e se aplica em estrutura profunda; a segunda espalha superficialmente, também para a direita, e seu domínio é Raiz + Sufixo. Para Poser (1982), o espalhamento ocorre, (bidirecionalmente), através das obstruintes surdas e se espalha até encontrar um segmento opaco (outra fonte), não havendo limitação de domínio. Esse ponto da análise do autor é contestado na literatura, já que parece haver certo consenso de que o domínio do espalhamento nasal em Guarani é o *grupo de acento*.

O que os autores chamam de 'grupo de acento' é um conceito tomado de Gregores e Suárez¹¹⁸. Van der Hulst e Smith (1982) interpretam o 'grupo de acento'

¹¹⁶ Outra distinção que Kiparsky faz em relação a esse fato é que a nasalização categórica (fonológica) só ocorre no interior de palavras - intrapalavra - e a nasalização fonética (gradual) acontece também interpalavras, o que exigirá, como veremos na interpretação kiparskyana, duas regras de nasalização em níveis lexicais diferentes.

¹¹⁷ Gregores e Suárez (1967:66).

¹¹⁸ (1967:65): "...each stressed syllable in a macrossegment belongs in the same constituent with all the immediately preceding unstressed syllables, and - if it is the last stressed syllable in the macrossegment - with the following one (or more, up to three) syllables. A stressed syllable flanked by other stressed syllables stands, of course, alone. We may call each of the structural units a *stress group*; in it, the stressed syllable

de Gregores e Suárez como a raiz da palavra mais seus afixos átonos. Aqueles autores aproximam o conceito de grupo de acento a uma unidade de segmentação entonacional próxima ao pé métrico fonético. A aproximação parece ser boa, se considerarmos uma definição fonética de *pé* como a de Massini-Cagliari¹¹⁹: “*unidade de duração compreendida entre duas tônicas (incluindo a primeira e excluindo a segunda)*”, que remete a definições como a de Abercombrie (1967). Porém, se compararmos o conceito de ‘grupo de acento’ aos padrões de segmentação de níveis prosódicos propostos pela Fonologia Prosódica, ele parece ser uma unidade entre o pé (Σ) e o polêmico *grupo clítico*, porém, mais próximo deste do que daquele.

Por ora, acataremos o uso corrente de *grupo de acento* para o domínio do espalhamento nasal em Guarani, entendendo que ele coincide muitas vezes com a raiz mais seus afixos átonos. Entretanto, a questão do domínio do espalhamento nasal em Guarani é um ponto que continua, por enquanto, pendente e terá continuidade nas pesquisas.

O estudo, daqui em diante, possivelmente seguirá uma sugestão de Scarpa, de que temos razões para suspeitar que, na hierarquia prosódica, o domínio possa ser a *frase fonológica* (“ ϕ ”), já que é uma outra unidade de segmentação entonacional possível, enquanto o chamado *grupo clítico* tem um estatuto teórico bastante polêmico, não sendo considerados por muitos outros autores, além de Nespor e Vogel.¹²⁰

É critério de Gregores e Suárez (1967) a distinção entre grupo de acento oral e grupo de acento nasal. Se um grupo de acento tem a vogal tônica principal marcada para nasalidade, então esse grupo de acento é considerado nasal. Ao contrário, se um grupo de acento, apesar de possuir fonemas nasalizados, tem

must be interpreted as the nucleus, and the unstressed syllables, in coordinate construction with each other, as the satellite.”

¹¹⁹1992, página 68, nota 1. Citado em Massini-Cagliari (1999:118).

¹²⁰ A sugestão da professo Ester Scarpa foi feita durante a arguição para qualificação desse texto.

como vogal principal tônica uma vogal oral, esse será um grupo de acento oral (e não nasal)¹²¹, o que concorda com a nossa idéia de que, em Guarani, a nasalidade é distintiva nessas vogais com função “métrica”, por assim dizer (ver 3.1.b.V).

3.1.b.II- A Harmonia nasal em Guarani numa abordagem da Fonologia Lexical

Paul Kiparsky em seu artigo *Some consequences of Lexical Phonology*, de 1985, dá uma interpretação, nos moldes da Fonologia Lexical, para a nasalização do Guarani (paraguaio) e de outras línguas. O autor considera um inventário fônico¹²² no qual existem elementos soantes opondo-se a obstruintes. Desses, os primeiros são constituídos de pares com uma parte oral e uma contraparte nasal, determinadas pelo ambiente (as oclusivas pré-nasalizadas que se alternam com consoantes nasais plenas). Já as obstruintes são elementos orais, porém, transparentes ao espalhamento da nasalidade¹²³.

Para Kiparsky, os segmentos pré-nasalizados são subjacentemente nasais que recebem oralidade da vogal a sua direita e espalham nasalidade para a sua esquerda. Ele nos remete a Poser (1982) que trata as pré-nasalizadas como resultado de uma regra de pós-oralização: em Guarani, todo segmento seria potencialmente nasal com exceção das obstruintes surdas. Para Poser as oclusivas pré-nasalizadas são derivadas da regra de pós-oralização, que liga uma consoante [+nasal] ao autossegmento [+oral] a sua direita. Kiparsky interpreta as oclusivas

¹²¹ Os dois exemplos usados por Gregores e Suárez são:
grupo de acento oral: [ñāsāĩ^odí] ‘luz da lua’; grupo de acento nasal: [ména] ‘marido’.

¹²² Baseado em Rivas (1974).

¹²³ Esse ponto nos remete ao tópico 2.2, onde discutimos o inventário fônico e as principais oposições da língua. Lá, aproximando-nos da interpretação de Kiparsky, admitimos ser soantes x obstruintes uma oposição muito produtiva no Nhandewa, porém, afastando-nos dele em outro ponto, consideramos os segmentos pré-nasalizados como elementos subjacentes e a sua contraparte nasal como realização superficial.

pré-nasalizadas como segmentos subjacentemente nasais. Elas espalham nasal somente para a esquerda.

Kiparsky chama atenção também para o fato de que a nasalidade é distintiva entre vogais acentuadas, remetendo a pares como [tu'pa] "cama" e [tū'pā] "trovão"; ou [mba'ʔe] "coisa, o que" e [mā'ʔē] "olhar". Essa nasalidade espalha-se em ambas as direções. Nesse ponto, nossa análise se aproxima da kiparskyana.

Poser (1982)¹²⁴, tratando do mesmo tema, propõe que o autossegmento [+nasal] é lexicalmente associado a vogais acentuadas e que as oclusivas [+voz] são inerentemente [+nasal].

Kiparsky discute ainda outro modelo de interpretação lingüística para a harmonia nasal do Guarani, o de Rivas (1974). Rivas propõe que existam no Guarani dois espalhamentos diferentes: profundo e superficial. Primeiramente, aplicaria-se a regra do espalhamento profundo, que espalha nasalidade para a esquerda, dentro da fronteira da palavra, para oclusivas vozeadas. Em seguida, aplica-se uma segunda regra de espalhamento superficial que assinala graus de nasalização para soantes, em ambas as direções. Assim, quanto mais longe das subjacentemente nasais (oclusivas pré-nasalizadas e vogais acentuadas), mais diminui o grau de nasalidade. Em outras palavras, a proposta de Rivas contempla dois estágios de nasalização: um primeiro categórico e um outro gradiente, decrescendo com o distanciamento do 'centro nasal' para o qual a nasalidade é lexicalmente relevante.

Segundo Rivas¹²⁵, haveria dois bons motivos para a adoção do mecanismo de dois estágios da nasalização: se houvesse um único estágio de espalhamento, não seria possível ser categórico em alguns casos e gradiente em outros; o espalhamento profundo só ocorre intrapalavra, enquanto o espalhamento

¹²⁴ Citado em Kiparsky (1985).

¹²⁵ Apud Kiparsky (1985).

superficial ocorre interpalavras. É o que Rivas chama de “Escapamento da nasalização”. O que separa o primeiro do segundo estágio é a aplicação de uma regra de apagamento de acento secundário (rearranjo de acento).

Kiparsky coloca, então, uma questão para a proposta de Rivas: Por que a língua realizaria dois processos de nasalização diferentes? Essa pergunta é o gancho para o autor apresentar a sua proposta, embasada na Fonologia Lexical: haveria uma única regra, porém, essa se aplicaria em dois momentos: um lexical e o outro pós-lexical. Assim, esses processos ocorreriam em diferentes componentes. Oclusivas (vozeadas) e vogais acentuadas são associadas a um autossegmento [α nasal], no léxico. Além disso, haveria o espalhamento fonético (superficial) de nasalidade.

Finalmente, o autor considera que as oclusivas nasais são associadas a [+nasal] e [+voz]. Outras obstruintes a [-voz] somente. Assim, legitima-se a premissa de que segmentos [-voz] não podem ser associados a [+nasal]. Kiparsky apresenta a regra: espalhe [α nasal]. Essa regra não afeta os segmentos que não são lexicalmente associados a [α nasal], ou seja, obstruintes [-voz] e vogais [-acento].

3.1.b.III- Uma abordagem Autossegmental: “padrões” de Harmonia Nasal

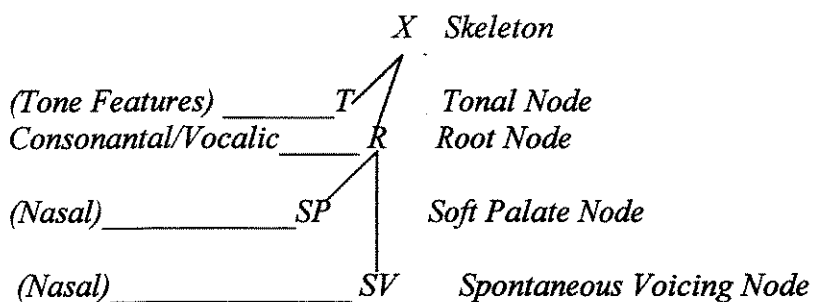
Na incansável busca pelos universais das línguas do mundo, alguns autores tentam classificar línguas segundo certos padrões de harmonização nasal, como G.L. Piggott, em seu artigo de 1992, intitulado *Variability in Feature Dependency: the Case of Nasality*. Esses diferentes padrões seriam os responsáveis por gerar línguas com dois comportamentos divergentes: algumas nas quais as obstruintes surdas bloqueiam o espalhamento do traço nasal e outras nas quais esses segmentos são

transparentes à passagem da nasalidade. As soantes são sempre alvo do espalhamento nasal.

Piggott baseia sua exposição em dados de línguas indígenas sul-americanas: para o primeiro padrão, o Warao e o Capanahua, e para o segundo padrão, línguas das famílias Tucano e Tupi-Guarani - no caso, o Guarani.

Segundo o autor, essa diferença de comportamento deve-se ao fato do traço nasal ser, nos dois tipos de harmonia considerados, subordinado a diferentes nós, dentro da hierarquia dos traços distintivos, dando-lhe a possibilidade (no caso, o dever) de participar de processos fonológicos diferentes. Há, então, uma variação na dependência do traço nasal: no primeiro padrão o traço nasal é subordinado ao nó SP (Soft Palate) e no segundo padrão ao nó SV (Spontaneous Voicing).

The Variable Dependency of Nasality



Piggott (1992:49)

Nas línguas que possuem o primeiro tipo de harmonia, o traço nasal estaria subordinado ao nó denominado *Soft Palate*¹²⁶ (palato mole). Esse nó SP, sendo um nó articulador, possui traços monovalentes, ou seja, ou o fonema é especificado para SP contendo o traço nasal, ou é especificado para SP não contendo o traço nasal. O espalhamento da nasalidade daria-se pelo espalhamento de todo o nó SP e não do traço nasal somente, já que SP é articulador (para Piggott, isso constituiria

¹²⁶ Como já havia sido sugerido por Sagey em 1986 (cf. D'Angelis 1998).

um princípio geral do modelo). Por esse motivo, as obstruintes descontínuas (especificadas para o nó SP sem o traço nasal) bloqueariam aquele espalhamento.

Assim sendo, a harmonia nasal nesse tipo de língua é desencadeada pelo espalhamento do nó SP, de uma consoante nasal, para todas as vogais e aproximantes, até que seja bloqueado, ou por uma obstruinte descontínua, que já possui o nó SP inespecificado para nasalidade, ou por uma consoante nasal, que possui SP especificado para nasal, portanto, já “ocupado”. Uma outra colocação que pode ser feita com base nos apontamentos de Piggott é que, se a língua seleciona SP como nó articulador, então essa língua apresentará o contraste entre consoantes nasais e consoantes orais.

Em línguas como o Guarani (e o Nhandewa-Guarani), porém, o espalhamento da nasalidade ocorre de uma maneira alternativa ao que seria um espalhamento de nó SP, pois nelas, as obstruintes são transparentes ao espalhamento da nasalidade. Para Piggott o nó SP é um atributo exclusivo das obstruintes. Isso requeria um outro nó que também pudesse subordinar o traço de nasalidade e que fosse exclusivo de soantes. Piggott propõe que seja um nó SV (Spontaneous Voicing)¹²⁷. Essa parcela da proposta de Piggott nos será útil para a constituição de nossa interpretação para o Nhandewa-Guarani.

A solução de Piggott tem pontos coincidentes com a sugestão de D’Angelis (1992)¹²⁸, de se constituir um nó de traços de modo, combinando os traços [soante], [vozeado] e [nasal]. Nas palavras do autor:

“(...) os fatos apresentados constituíam evidências para o estabelecimento de um nó de classe reunindo alguns traços de modo: ‘se a exigência mínima para a postulação de um nó é a existência de processos fonológicos em que mais de um traço parecem atuar ao mesmo

¹²⁷ De fato, esse já havia sido o nome alternativo sugerido por Chomsky e Halle em SPE para o traço soante, como lembra Piggott.

¹²⁸ Apud D’Angelis (1998:177).

tempo, sem que, no entanto, seja possível caracterizá-lo como um processo de assimilação total, parece que no Kaingang temos um exemplo de processo que exige um nó que não consta nas geometrias propostas (...). Esse nó (...) deve envolver os traços [soante], [vozeado] e [nasal], e relacionar-se com os traços [consonantal] e [contínuo] de maneira bem próxima.”

Do espalhamento da nasalidade ligada ao nó SV, segundo a proposta de implementação fonética de Piggott (1992), resultam segmentos que apresentam duas “fases”, uma nasal e outra oral: as oclusivas pré-nasalizadas.

Outra sugestão de Piggott para o tratamento das oclusivas pré-nasalizadas é considerá-las segmentos nasais que sofreram um contorno oral por influência da vogal oral com que formam sílaba. Sobre o assunto D’Angelis (1998:190-1) apresenta a proposta de solução de Piggott:

“Outra diferença em relação ao Barasano é que o Guarani possui consoantes subjacentemente nasais. No caso do Guarani, Piggott explica as pré-nasalizadas (bastante comuns) como um processo de assimilação das propriedades orais da vogal seguinte. Essa assimilação, para ele, se dá através de uma operação autosegmental chamada ‘fusão’(...)”

A proposta de Piggott para a nasalização em Guarani leva em consideração dois tipos de nasalidade: uma primeira proveniente de uma consoante nasal presente segmentalmente na palavra - como [t̃ĩmẽ 'm̃bĩ]¹²⁹ - e um segundo tipo de nasalidade, presente em palavras que não possuem uma consoante nasal - como [põ 'rã]¹³⁰ - que seria causada por um “morfema nasal flutuante”, que se ancora no nó SV da vogal acentuada posicionada mais à direita na raiz da palavra e, de lá, espalha-se para a esquerda.

¹²⁹ “Meu filho”, dito por mulher.

¹³⁰ “Bonito, bom”.

Piggott, porém, não consegue explicar convincentemente por que o morfema nasal flutuante não se aloca na vogal da sílaba acentuada em [nõrõhẽndui]¹³¹, como ocorre em [nõrõĩnũ 'pãĩ]¹³².

Apesar de adotar a interpretação dos “padrões” (que opõem línguas que possuem contraste oral/nasal em consoantes a línguas que não possuem esse contraste) Piggott acaba concluindo que, nos casos de espalhamento como em *põrã* a harmonização nasal deve-se à alocação de um morfema nasal flutuante.

O deslocamento do contraste nasal/oral para o nível morfêmico é o fundamento da interpretação de Long Peng (2000) para a nasalização em Guarani, que resenho na seqüência.

3.1.b.IV - A abordagem Morfêmica de Long Peng

Os padrões de harmonia nasal de Piggott são contestados por Long Peng, num artigo de 2000, chamado *Nasal Harmony in Three South American Languages*. Além do Guarani, ele analisa os processos de harmonia nasal no Warao, Barasano do Sul e Tucano, línguas indígenas faladas na Venezuela e Colômbia, as duas primeiras também analisadas por Piggott. A harmonia nasal do Tucano é apresentada por Long Peng como contra-exemplo à afirmação daquele autor, pois seria uma língua que romperia os padrões de harmonia nasal, uma vez que nela os segmentos surdos teriam dois comportamentos: bloqueariam o espalhamento nasal (intermorfemas) e seriam transparentes a ele (intramorfema).

¹³¹ [nd (negação)+ oro (marca de transitividade) + hendu (ouvir) + i¹³¹(negação)] = “não ouço você”.

¹³² [nd+ oro+inupã + i] = “não bato em você”.

A interpretação de Long Peng é de uma harmonia nasal que funciona como uma restrição de estrutura morfêmica, isso é, existem morfemas nasais e morfemas orais. O morfema nasal espalha seu autossegmento nasal, diminuindo a nasalização à medida em que se afasta do centro de nasalidade. Essa bipolaridade nasal dos morfemas é considerada nessa análise um processo morfofonológico relevante na língua. Long Peng propõe que haveria, então, duas regras de harmonia nasal, com domínios diferentes. A primeira regra espalha nasalidade no interior do morfema, para a direita, e aplica-se em estrutura profunda; a segunda espalha superficialmente, também para a direita, e seu domínio é Raiz + Sufixo. Ambas as regras teriam a condição ‘Se [-voz], então [- nasal]’ e a segunda teria também a condição de adjacência de raiz, o que explicaria seu domínio ampliado.

A aplicação da proposta de Long Peng para o dialeto Nhandewa-Guarani não é muito produtiva. No Nhandewa o contraste nasal/oral não só está presente subjacentemente na Fonologia (das vogais), como é um de seus processos mais relevantes (Ver tópico 3.1.b.V.1). Além disso, a harmonização nasal parece estar mais intimamente relacionada com processos prosódicos do que morfológicos em si.

Finalmente, o uso de “condições” como ‘Se [-voz], então [- nasal]’ sugerem a volta das regras de redundância de SPE, que são a forma mais arbitrária de definir os transparentes e os alvos.

3.1.b.V- Nossa proposta de análise da harmonia nasal do Nhandewa-Guarani

A seguir estão listados, dispostos em dois grupos diferentes, alguns termos do Nhandewa-Guarani que apresentam harmonização nasal. As palavras do grupo 1 possuem uma consoante nasal (ou pré-nasalizada) presente segmentalmente, mas a vogal tônica é oral. Nas palavras do grupo 2 o processo de harmonização nasal é iniciado por vogais nasais.

Grupo 1:

[kũmã 'nda] "feijão"	[t̃ĩmẽ 'mbi] "meu filho"
[t̃ĩmba 'ʔe] "minhas coisas"	[pi 'ndo] "palmeira"
[mãndu 'ʔi] "amendoim"	[ẽnda 'i] "abóbora"
[ĩnẽ 'mbu] "nhambu"	[r-ẽ 'nda] "casa, toca"

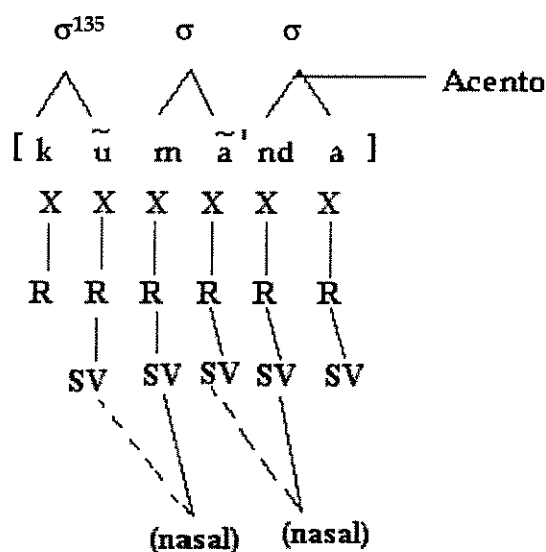
Grupo 2¹³³:

	Tupi		Tupi
[ã'tsẽ] "saio"	<u>/sem/</u> "sair"	[põ'ra] "bom, bonito"	<u>/po'raŋ/</u>
[pẽ'tĩ] "fumo"	<u>/pẽ'tĩm/</u>	[pĩ'tã] "vermelho"	<u>/pĩ'tãŋ/</u>
[ã'ká] "cabeça"	<u>/ã'káŋ/</u>	[ũ'ũ] "azul e preto"	<u>/ũŋ/</u>
[tũ'ká] "tucano"	<u>/tũ'káŋ/</u>	[tũ'pã] "trovão"	<u>/tũ'pãŋ/</u>
[apĩ'ŋgwa] "nariz"	<u>/a'pĩŋ/</u>	[mẽ] "marido"	<u>/men/</u>
[mĩ'tã] "criança"	<u>/mĩ'tãŋ/</u>	[ã'nã] "espírito que vaga"	<u>/a'nãŋ/</u>

¹³³ Compare-se, no grupo (2), as formas correspondentes no Tupi (sublinhadas), retiradas de Anchieta (1595), Edelweiss (1969), Navarro (1999) e Silveira Bueno (1982).

Fato aceito pela maioria dos autores que tratam do tema, o espalhamento nasal em dialetos Guaraní pode ser de dois tipos diferentes. Para as palavras que apresentam o primeiro tipo de espalhamento, assumimos a seguinte interpretação¹³⁴:

Grupo 1: /kumba'nda/



O que se observa em (1) é o espalhamento da nasalidade aqui chamada de “consonantal” partindo de consoantes pré-nasalizadas para sua esquerda (somente). Em palavras como [kũmã'nda] “feijão”, o autossegmento nasal espalha-se a partir do segmento pré-nasalizado [nda] para a vogal a sua esquerda. A fusão da camadas de SVs faz com que um elemento subjacentemente /mb/

¹³⁴ Constam na representação arbórea somente os traços e nós envolvidos no processo em questão, segundo o modelo de Clements e Hume (1995).

¹³⁵ Represento de maneira simplificada o acento, ligado à sílaba, pois a prioridade aqui é representar o espalhamento nasal.

realize-se como [m]¹³⁶. Nossa proposta de interpretação considera *fonético* o espalhamento nasal do tipo (1), encontrado em palavras como *kumanda*, já que é uma antecipação de gesto articulatório muito observado nas línguas.

Com relação à representação arbórea desse primeiro tipo de espalhamento nasal poderiam surgir algumas questões:

- Por que não haveria fusão dos nós SV na sílaba acentuada /.nda/, o que resultaria na partilha de SV da oclusiva pré-nasalizada (e, conseqüentemente, nasal), com a vogal /a/?

Porque um nó SV com o traço nasal é diferente de um nó SV “vazio”, sem o traço nasal. Esse é o motivo pelo qual é impossível que haja fusão entre nó SV com nasal e nó SV sem nasal.

- Por que espalharia nasal para SVs heterossilábicos e não na própria sílaba?

Porque a vogal da sílaba /.nda/ é uma vogal oral e, além disso é sobre ela que recai o acento principal do grupo de acento. Por isso ela é opaca ao espalhamento nasal, já que existe um licenciamento para oralidade.

- Como é possível o segmento pré-nasalizado, subjacente, que possui um nó SV com nasal, receber espalhamento de nasalidade e realizar-se como [m]? Isto é, é possível que esse espalhamento ancore em outro ponto?

Em Nhandewa-Guarani existem dois tipos de vogal: uma que possui em sua representação o nó SV subordinando o traço nasal (vogais nasais subjacentes) e outra que possui o nó SV sem o traço nasal. Na posição de acento principal (do grupo de acento) as vogais orais são opacas ao espalhamento nasal e as nasais são gatilhos do espalhamento; fora dessa posição ocorre a *harmonização nasal*. Em Nhandewa, a sílaba tônica é sempre a última. A distinção entre vogal oral e vogal nasal só aparece na posição tônica, nas demais posições, a oposição é neutralizada: em outras palavras, apenas na posição de acento é licenciada a oposição *nasal x*

¹³⁶ A fusão de SVs idênticos (no caso, SV com traço nasal subordinado) é uma exigência de OCP, o Princípio de Contorno Obrigatório.

oral. Esse é um processo semelhante ao que ocorre, por exemplo, no português, em que há quatro alturas vocálicas somente na posição tônica. Em posições átonas não-finais aparecem três alturas e em posição átona final, somente duas.

A associação entre nasalidade e acento será tratada com mais detalhes adiante no tópico 3.1.b.V.1.

Grupo 2:

Com relação às palavras do grupo 2, *distancio-me um pouco*, nesse ponto, das propostas semelhantes à de Piggott, que consideram o morfema nasal flutuante. Uma análise diacrônica da língua aponta palavras que, supostamente, teriam sido “contaminadas” pelo ‘morfema nasal flutuante’. Esse tipo de espalhamento é encontrado em palavras que não possuem (atualmente) uma consoante nasal que desencadeie o processo.

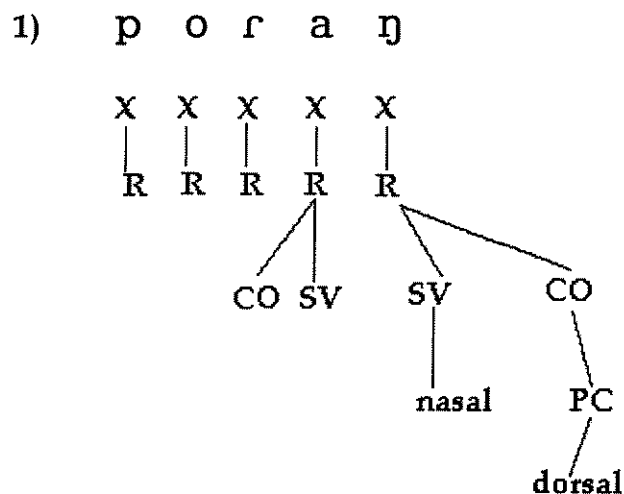
Minha proposta é baseada na análise da etimologia das palavras do grupo 2. Sabemos que, no Tupi a palavra [põ' rãã], por exemplo, se realizava como [põ' rãŋga] fonologicamente, /põ' rãŋ+a/, o mesmo acontecendo com [ã' kã], que possuía a forma [ã' kãŋga] ou /akãŋ+a/.

/põraŋ+a/ → /põraŋ/ → /põra N/ → [põ' rã].

O que me parece é que uma consoante nasal, presente historicamente em posição de coda na sílaba, está gerando a nasalidade. Esse espalhamento é resultado de um autossegmento nasal proveniente de uma consoante nasal arcaica, em coda na sílaba, que se espalha para as outras soantes do grupo de acento. Esse autossegmento nasal permanece mesmo depois da eliminação do segmento

consonantal ali existente, resultado de uma modificação pela qual a língua passou¹³⁷. Ou seja, uma posição “x” na camada do esqueleto foi suprimida.

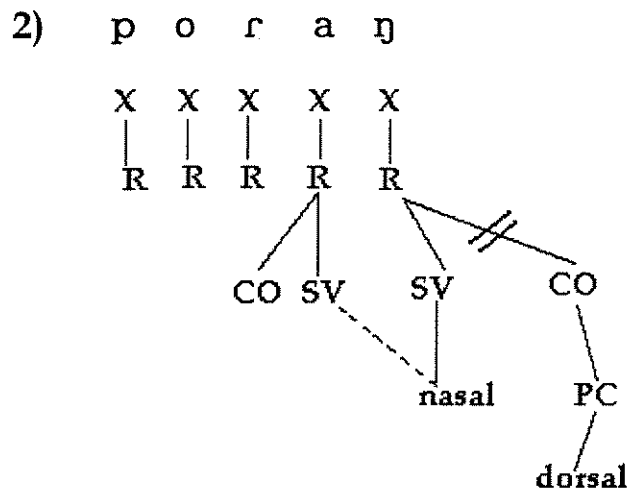
Em um primeiro momento histórico, podemos representar a hierarquia dos traços de /poraŋ/ da seguinte maneira¹³⁸:



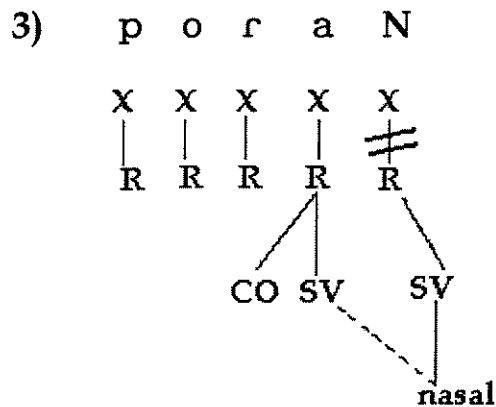
Em um segundo momento histórico, o segmento perde o nó Cavidade Oral e mantém o nó Raiz, contendo o nó SV (*Spontaneous Voicing*) com o traço nasal. A nasalidade se espalha para o nó SV da vogal a sua esquerda.

¹³⁷ A histórica queda das codas consonantais que supõe-se que ocorreu com a separação entre o Proto-Tupi e o Proto-Guarani, como já mencionou-se anteriormente.

¹³⁸ Estão representados de maneira simplificada, somente os traços e nós envolvidos no processo fonológico em questão, seguindo o modelo de Clements e Hume (1995).



Em um terceiro momento, o traço nasal associa-se, por espalhamento, ao nó SV da vogal precedente. Na seqüência, por razões mais gerais da língua que, em processo de mudança, interdita todas as codas [-contínuo], desassocia-se a raiz e seu nó SV, levando, por fim, ao apagamento da posição temporal "X" que ficou vazia.

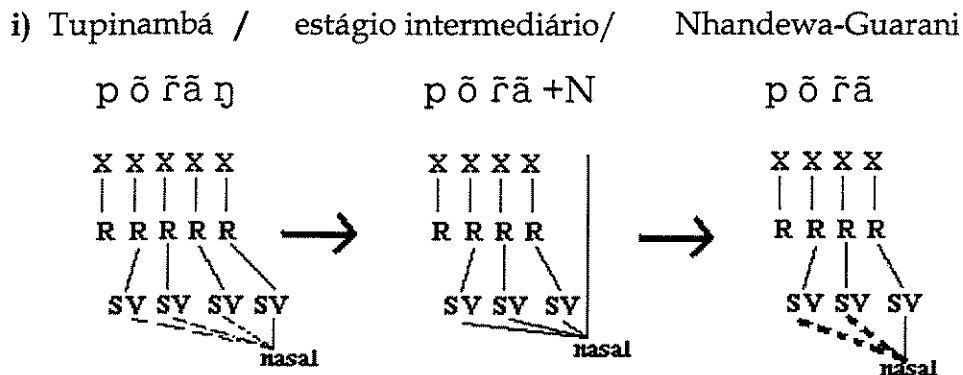


Esse processo fonológico diacrônico nos permite concluir quatro pontos: primeiro, a nasalidade não é um morfema; segundo, não é flutuante, já que está presa à vogal tônica; terceiro, não existe SV com [-nasal]; e quarto, [mb] e [nd] não se devem a espalhamento de "oralidade".

Se, por outro lado, formos considerar a forma negativa dessas palavras, como [nã.põ' r̄ẽj.r̄ĩ] ¹³⁹ 'feio, ruim', notaremos que, no Nhandewa-Guarani, esse autossegmento não se espalha somente para a esquerda, como ocorre no dialeto analisado por Piggott, já que todo o sufixo de negação, inclusive a parte que forma outra sílaba, é nasalizada. Logo, o domínio é, nesse caso, a raiz mais seus afixos.

Em resumo, nossa proposta de interpretação para a harmonia nasal no Nhandewa é: (1) a nasalidade da consoante ¹⁴⁰ espalha-se somente para a esquerda; (2) a nasalidade da vogal, que se origina de uma consoante apagada em posição de coda, não possui restrição de direção de espalhamento, podendo espalhar-se para a esquerda e para a direita (até o limite do domínio).

Portanto, a nasalidade que Piggott e vários outros autores chamaram de flutuante é, como apontei, vestígio de uma consoante nasal presente em termos correspondentes no Tupi Antigo. Assim, defendo que no Nhandewa as vogais, núcleos das sílabas que perderam a coda nasal, tornaram-se nasais subjacentes, havendo, atualmente, a importante oposição fonológica entre vogal oral e nasal ¹⁴¹.



¹³⁹ No Nhandewa-Guarani a negação é feita de maneira semelhante aos outros dialetos: prefixo {nda-}+raiz+sufixo {-i}, com a diferença que em Nhandewa-Guarani o sufixo é {-ir̄ĩ}.

¹⁴⁰ Nasalidade proveniente de consoante nasal em onset silábico.

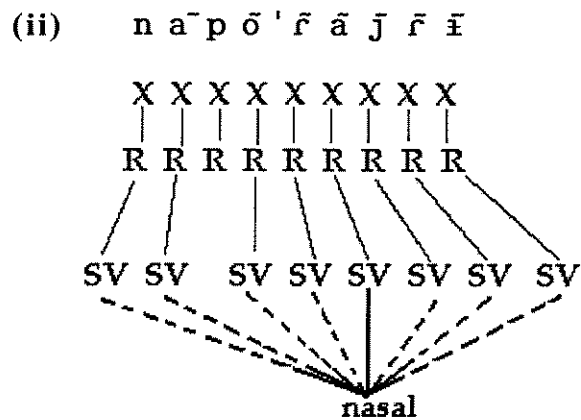
¹⁴¹ Essa seria uma explicação plausível para o fato de 'nôrôhêndui', o exemplo apresentado por Piggott, não sofrer nasalização na sílaba final /-ndui/.

A representação em (i) refere-se ao processo diacrônico no qual se nota a correspondência entre o Tupinambá e o Guarani, no caso, o Nhandewa. Porém, note-se que o Guarani não é uma língua com origem no Tupinambá, como se pode observar no organograma, no capítulo 1 da primeira parte. O que se tem é a correspondência entre o Tupinambá e o Guarani Antigo, que pertencem a dois ramos diferentes (Tupi e Guarani) e que se separaram em algum momento na história. O Nhandewa-Guarani é descendente direto do Guarani Antigo, portanto. A queda das codas consonantais é uma das diferenças entre os ramos Tupi e Guarani, e já havia ocorrido no Guarani Antigo¹⁴².

O termo Tupinambá [põ' fãŋ] corresponde em Nhandewa-Guarani atual ao termo [põ' fã]. No Tupinambá, nota-se que a consoante nasal em coda possui uma posição temporal X. Na forma intermediária, a antiga consoante final não é mais parte do sistema fonológico, ela não tem mais uma posição temporal segmental, restando um autossegmento nasal na fonologia da língua. No Nhandewa-Guarani sugiro que seja interpretada como uma vogal nasal subjacente, gerando a oposição fonológica fundamental entre as vogais: nasal e oral, em posição tônica.

Em (ii) observa-se a representação arbórea da harmonização nasal intermorfêmica: a negação de [põrã] “bonito”, [nda+põrã+irĩ], que é realizado [nãpõ' fẽj fĩ] “feio”. A nasalidade proveniente da vogal nasal tônica espalha-se para a esquerda até nasalizar o prefixo {nda-} e para a direita, nasalizando o sufixo {-irĩ}.

¹⁴² Cf. Rodrigues, A. (1945: 338-341).



3.1.b.V.1- A associação entre nasalidade e acento.

Os exemplos a seguir são pares de dados que têm um representante de grupo de acento oral e um nasal.

1. nde + 'ʔ awy = [ñde 'ʔawɨ]
 pron. 2ª p. sg. cabelo 'seu cabelo'
2. nde + petỹ = [ñep̃ẽ 'tĩ]
 pron. 2ª p. sg. fumo 'seu fumo'
3. nd(a)- + oky + -iry = [ñdao 'kɨjɨ]
 prefix. negação chuva sufix. negação 'sem chuva'
4. nd(a)- + porã + -iry = [ñap̃õ 'r̃ẽj̃r̃ĩ]
 prefix. negação bonito, bom sufix. neg. 'feio, ruim'
5. nhande + djaryi = [ñãnded̃ʒa 'rɨj]
 nossa (inclus.) + avó = nossa avó
6. nhande + (t)amõi = [ñãẽr̃ã 'mõj]
 nosso (inclus.) + velho = nosso avô, nosso velho

Os dados que seguem mostram como as vogais que aqui chamo de centros orais - vogais não-nasais acentuadas - não são “contaminadas” pela nasalidade do ambiente, mesmo estando cercadas por nasalidade, tanto pela direita quanto pela esquerda: no exemplo (7) a vogal central alta /ɨ/ de *memby* ‘filho’ e no exemplo (8), além dessa, a vogal baixa /a/, de *petyngwa* ‘cachimbo’.

7. nde + memby + nd(a)- + porã + -iry
 pron. 2ª p. sg. filho¹⁴³ prefix. neg. bom sufix. neg. =
 [nēmē 'm̃bɨ nāpō 'r̃ɛj̃r̃ɨ] 'seu filho é feio'
 e não * [nēmē ,m̃nāpō 'r̃ɛj̃r̃ɨ]

8. txe + memby + txe + petyngwa + o + mō + pē
 pron. 1ª p. sg.+ filho + pron. 1ª p. sg.+ cachimbo+flex. verbal 3ª p. sg.+ causativ. +
 quebrar=
 [t̃ɨimē 'm̃bɨ t̃ɨipēt̃ɨ 'ŋgwa ōmō 'pē] 'Meu filho quebrou o meu
 cachimbo.'

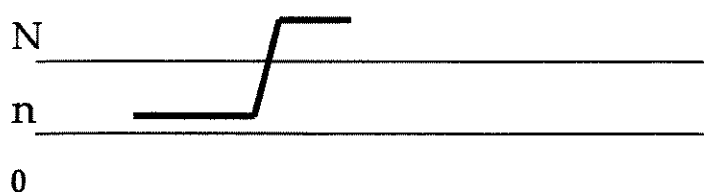
As frases (7) e (8) acima nos dão indícios de oposições fonológicas relevantes no Nhandewa. [pēt̃ɨ ,ŋgwaōmō 'pē] pode ser segmentada como [pēt̃ɨ ,ŋgwa “cachimbo” + ōmō 'pē “fez quebrar”] ou ainda pode ser segmentada como [pēt̃ɨ+ kwa + o + mo + pē]. O espalhamento nasal chega a vozear o [kwa], que se realiza como [ŋgwa], o que nos remete à associação fonológica entre nasalidade e vozeamento, mas o /a/ oral acentuado não sofre nasalização mesmo estando

¹⁴³ dito por mulher.

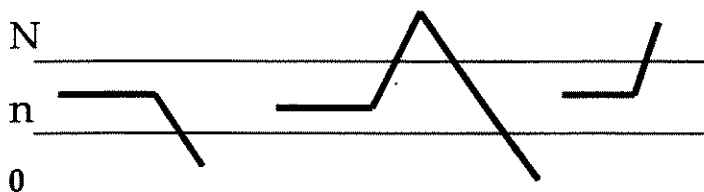
“cercado” pela nasalidade. O motivo da “resistência” à nasalidade é o fato de que a vogal, em posição de acento, está licenciada para *oral*¹⁴⁴.

Observe-se a descrição gráfica da harmonização nasal comparada ao ritmo nas sentenças. Os graus de nasalidade vão de N para zero e o limite do grupo de acento está representado por #.

[#nēpē 'tĩ#] “seu fumo”



[#t̃ĩmē 'mbĩ # t̃ĩpē, t̃ĩ'ŋgwa # òmō 'pē#]¹⁴⁵



As sentenças acima mostram que o acúmulo das funções nasalidade e acento é a chave da prosódia dessa língua. A distinção fonológica entre oral e nasal mostra-se relevante nas vogais tônicas, sendo neutralizada em outras posições. O espalhamento dá-se até encontrar os limites do grupo de acento¹⁴⁶; se um grupo de acento converte-se em outro maior (no caso de [pē 'tĩ] “fumo” e [pẽ, t̃ĩ'ŋgwa] “cachimbo”), os limites de espalhamento do acento secundário não se ampliam,

¹⁴⁴ Cheryl Jensen (1989), tratando do Wayampi, adota a oposição *acento oral x acento nasal*. Não seguimos essa interpretação pois optamos pelo traço nasal privativo.

¹⁴⁵ “Meu filho quebrou o meu cachimbo”, dito por mulher.

¹⁴⁶ Por exemplo, na sentença “Seu fumo está seco”, [nēpē 'tĩ || pĩru 'kwε], o grupo de acento nasal está separado com || do grupo de acento oral. Nota-se que não há espalhamento inter-grupos de acento.

mas também não se reduzem, são respeitados. A presença de uma posição tônica, mesmo que seja um acento secundário, como na sílaba 'tĩ' [peĩtĩ'ŋgwa], explica a permanência da nasalidade e seu espalhamento (para esquerda e direita). Se houver licenciamento para oralidade nesse grupo de acento, a nasalidade pára: [||t̃ĩmē' mbĩ || t̃ĩpētĩ' ŋgwa || ãmõ' pẽ ||].

A seguir temos alguns pares mínimos e análogos *orais x nasais* em Nhandewa-Guarani.

Orais	Nasais
pyta "ficar"	pỹtã "vermelho" ¹⁴⁷
tupa "cama"	tũpã "trovão, clima"
kwa "buraco"	kwã "dedo"
puru'a "gravidez"	pũrũ'ã "umbigo"
mba'e "coisa, o que"	mã'ẽ "olhar"
oke "ele dorme"	õkẽ "porta"
tape "caminho"	tãpẽ "tipo de pássaro"
kutxa "colher"	kutxãtĩ "garfo"
kutxa "colher"	kunhã "mulher"
(r)eta "coletivo não-pessoa"	tẽtã "cidade"
txira'y "meu filho" dito por homem	txirã'yĩ "meu dente"
kywy "irmão"	kỹ'yĩ "pimenta"
pota "querer, gostar"	põrã "bonito, bom"
atxa "machado"	ãtã "duro"

¹⁴⁷ É sabido que o espectro das cores é dividido diferentemente em cada cultura. O termo *pỹtã* engloba as cores que, em português, denominamos de vermelho, rosa, vinho, além de alguns tons de roxo. Outros tons de roxo são classificados como *ũũ*, termo que também engloba azul e preto.

Na tentativa de verificar se, no Nhandewa-Guarani, ainda hoje, os termos correspondentes àqueles do Tupi Antigo (palavras do grupo 2) possuíam uma consoante nasal em coda, foram realizados testes com os falantes construindo-se sintagmas nominais do tipo *nome + adjetivo*, com o objetivo de evidenciar a presença da coda nasal no nome, se ela existisse, ao ressilabificar com a vogal inicial do adjetivo (à luz do Tupi. Como em: *tukaŋ + usu = tukãŋusu*). Como pode-se notar, o resultado foi negativo.

Tucano amarelo: *tūkã(ŋ) + idju = [tū, kãi 'dʒu]*

* [tū, kãŋi 'dʒu], forma rejeitada pelo falante.

Tucano preto: *tūkã(ŋ) + ũũ(n) = [tū, kã 'ũ]*

* [tū, ka 'ŋũn], forma rejeitada pelo falante.

Cabeça amarela: *ākã(ŋ) + idju = [ã, kãi 'dʒu]*

* [ã, kãŋi 'dʒu], forma rejeitada pelo falante.

Cabeça da criança: *ākã(ŋ) + mītã(ŋ) = [mĩ, tãã 'kã]*

* [mĩ, taŋã 'kaŋ], forma rejeitada pelo falante.

Finalmente, a eleição da interpretação da oposição nasal/oral subjacente nas vogais parece ser razoável para o Nhandewa-Guarani. A análise etimológica proposta mostra-se um bom caminho para chegar às vogais nasais/orais subjacentes, através da constatação da queda das codas nasais supostamente presentes no Proto-Tupi-Guarani e conservadas no Tupi Antigo.

Essa interpretação, apesar de sua simplicidade, apresenta duas vantagens em relação ao tratamento dado à questão por outros autores: Primeiro, o fato de trazer à tona o percurso histórico das línguas do Tronco Tupi, cujas análises etimológicas foram decisivas na constituição da interpretação lingüística. Segundo,

traz alguma inovação ao tratamento da harmonização nasal em dialetos Guarani, ao apontar a associação entre nasalidade e prosódia.

O tema, porém, não se esgota aqui. Existem outras possibilidades de tratamento da nasalidade em Guarani: talvez a harmonia nasal não seja descrita em termos de segmentos, mas sim de sílaba, como sugeriu Corbera Mori (comunicação pessoal). Essa é uma possível continuidade para a pesquisa.

3.2- A fricativa glotal /h/: o fato novo

Os estudos sobre as línguas do tronco lingüístico Tupi nos permitem supor com bastante convicção que, em algum ponto do passado, existiu uma proto-língua que foi a origem comum ascendente das línguas da família Tupi-Guarani: o Proto-Tupi-Guarani. Acredita-se também que, em algum momento da história pré-colombiana, ocorreu uma separação nessa proto-língua que originou duas outras proto-línguas que resultaram em dois grandes ramos lingüísticos: o Proto-Tupi e o Proto-Guarani.

Nossa questão inicia-se justamente nesse momento do desdobramento do Proto-Tupi-Guarani nos ancestrais dos ramos lingüísticos Tupi e Guarani. Na literatura a respeito¹⁴⁸, as diferenças mais freqüentemente apontadas entre as línguas do ramo Tupi e do ramo Guarani são duas: a mudança das palavras paroxítonas nas línguas Tupi, em palavras oxítonas nas línguas Guarani (através da queda da sílaba átona final das primeiras) e a correspondência entre o fonema /s/ do ramo Tupi e o fonema /h/ do ramo Guarani.

Este capítulo procura tratar o segundo ponto, fazendo um estudo diacrônico sobre o processo fonológico que possibilitou gerar, atualmente, línguas Tupi que possuem o fonema /s/ e línguas Guarani que possuem, além do /h/ esperado, também /s/ “congelado” em certos termos.

A questão, então, é relacionar o(s) suposto(s) proto-fonema(s) com os desdobramentos encontrados no Tupi e Gurarani Antigo, por um lado e, por outro, no Nhandewa-Guarani paulista-paranaense atual. Existe a possibilidade de, na proto-língua, terem havido duas fricativas que efetivaram-se, como traços ‘dialetais’, na histórica separação entre os ramos ou, ao contrário, poderíamos ter

¹⁴⁸ Ver, por exemplo, Rodrigues (1945) e Edelweiss (1947).

uma proto-língua com um fonema que se desdobrou em dois na “separação” entre os dois ramos lingüísticos.

Não seria um posicionamento indefensável explicar-se o surgimento de dois fonemas a partir de dois segmentos ancestrais, semelhantes, porém, diferentes. Essa seria uma grande economia para interpretar o desdobramento do fonema /s/ presente no ramo Tupi tanto em /h/ quanto em /s/ remanescente, no ramo Guarani. Apesar de facilitar o tratamento da questão da “resistência”, em certos casos, à mudança de /s/ para /h/, esse tratamento não é de todo viável se nos questionamos sobre quais fricativas poderiam gerar tanto /s/ quanto /h/. A resposta, talvez, fique restrita aos mesmos /s/ e /h/, além do improvável /ʃ/, do inexistente /f/ e de /β/. Na bibliografia, essa divergência deu origem a discursos defensores do “proto-s” e defensores do “proto-h”. Autores como Frederico Edelweiss argumentam que seja /h/ o fonema arcaico do Proto-Tupi-Guarani:

“Quanto ao fonema h, aceita-se em geral que é mais primitivo, comparado com o s de outros dialetos tupi-guaraní.” (1947:97).

Já autores como Aryon Rodrigues (1945) e Cheryl Jensen (1989) argumentam a favor do arcaísmo do fonema /s/:

“(...) o fonema primitivo, o fonema proto-tupi-guarani, é s, fricativa dental surda, enquanto que h não foi conhecido no proto-tupi-guarani, tendo surgido nos dialetos do proto-guarani (ou no próprio proto-guarani, provavelmente).”¹⁴⁹

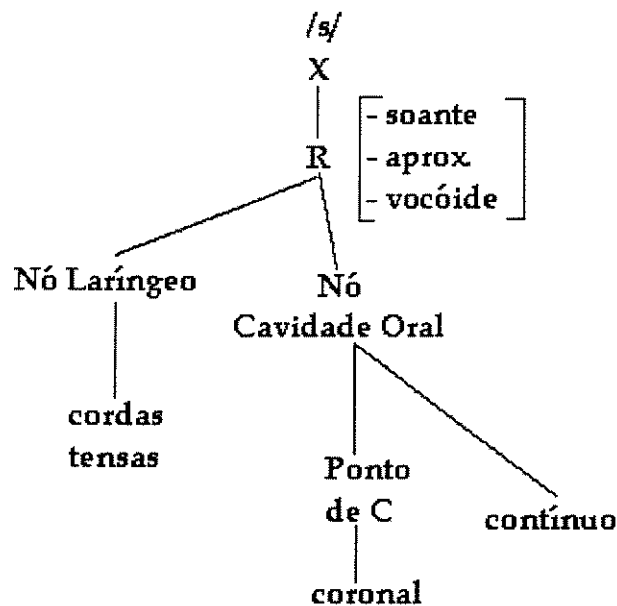
Se, por outro lado, pensamos na relação entre os dois fonemas, /s/ e /h/, fica-nos relativamente claro que, o primeiro, ao perder seus traços de Cavidade

¹⁴⁹ Rodrigues (1945:342).

Oral, realiza-se como o segundo. Isso não esgota a questão, já que ambos poderiam gerar tanto um quanto outro fonema, porém, parece-me mais viável a perda de um nó Cavidade Oral do que o surgimento de um, a não ser que fosse motivado por um contexto “muito favorável” para essa aquisição, em termos autosegmentais. Portanto, é mais simples e plausível que o fonema /s/ perca seus traços da cavidade oral e se torne /h/, do que o contrário.

Em (1) está representada a geometria hierárquica dos traços distintivos do fonema /s/:

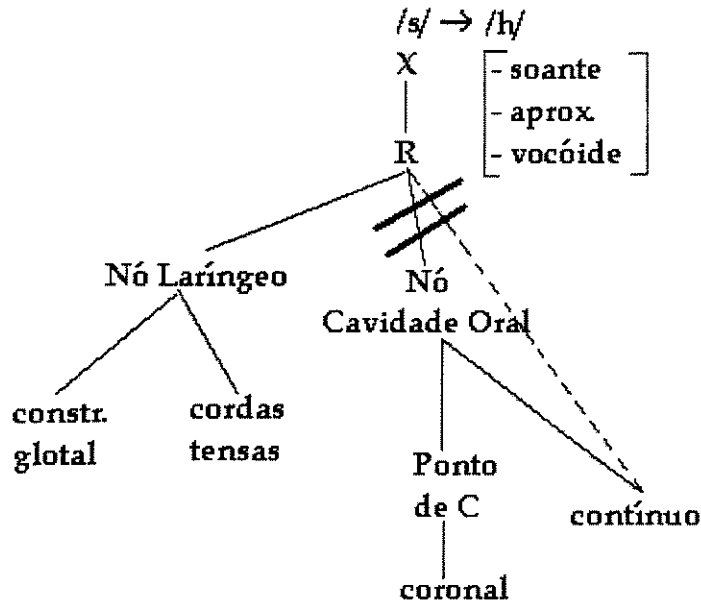
(1)



Em línguas como o Guarani Antigo, o Avanheém, o Mbyá e outros¹⁵⁰ houve um desligamento do nó Supralaríngeo (se o admitimos) ou do nó Cavidade Oral – CO – se adotamos Clements & Hume (1995). Em (2) está representado o processo diacrônico de desligamento do nó CO, o que transforma /s/ em /h/:

¹⁵⁰ Edelweiss (1947: 101-4) destaca que fazem parte dos “dialetos de S”, além do próprio Tupi Antigo, o Guarayo, o Omagua e o Cocama.

(2)

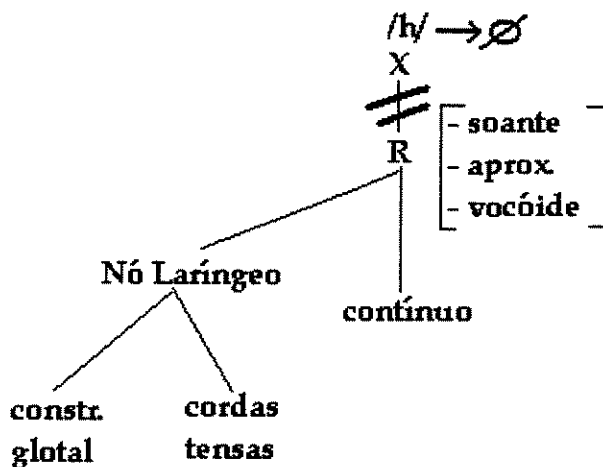


Nota-se ainda em (2) que, no processo de conversão da fricativa alveolar surda em fricativa glotal, para essa última, o traço [+contínuo] deverá ser “re-ligado” diretamente ao nó Raiz, o que está representado pela linha pontilhada. Como a fricativa glotal não apresenta nenhuma obstrução na Cuidade Oral, ela não possuirá em sua representação o nó Cuidade Oral. Esse nó, no modelo de Clements e Hume (1995), subordina o traço [+ - contínuo]. De fato, a adoção feita aqui, do traço [contínuo] ligado diretamente ao nó Raiz, possibilita uma melhor interpretação da conversão do fonema /s/ no fonema /h/¹⁵¹.

No Nhandeva-Guarani, no nível autossegmental, o que ocorreu para o apagamento da fricativa glotal foi a perda do nó Raiz do fonema, como é representado pela regra de apagamento em (3):

¹⁵¹ Eventualmente pode-se considerar que [+contínuo] seja a realização “default” da constrição glotal.

(3)



A fricativa glotal desaparece completamente e as duas vogais adjacentes permanecem lado a lado, porém, em sílabas diferentes, como pode ser observado em termos como /kwa.ra 'sɨ/¹⁵² e /kwe 'ɛ/¹⁵³ e nos demais exemplos da tabela 2, adiante. Sendo esse o processo, a posição X (temporal) permanece, e é usada para alongamento da vogal remanescente.

Deixando as proto-línguas um pouco para trás, é mais prudente tratar línguas das quais temos registros e, se assim for, a situação inicial é a seguinte: no Tupi Antigo encontramos apenas o fonema /s/, grafado por Anchieta como 'ç'¹⁵⁴; no Guaraní Antigo, Montoya nos aponta os dois fonemas coexistentes /s/ e /h/¹⁵⁵. Isso é, grande parte das realizações do fonema /s/ do Tupi correspondiam (e

¹⁵² Correspondente a /kwa.ra 'sɨ/ → /kwa.ra 'hɨ/.

¹⁵³ Correspondente a /kwe 'sɛ/ → /kwe 'hɛ/.

¹⁵⁴ Já que, no português antigo o grafema 's' tinha o valor da fricativa palatal [ʃ] do português de Portugal, como nos lembra Edelweiss.

¹⁵⁵ Rodrigues (1945:341-2) apresenta as observações de Montoya sobre a correspondência entre os dois fonemas: "La H. y la C (ante E) se suelen usar una por otra"; no correr do texto, apresentam-se vários vocábulos em que foi indicada a duplicidade fonética: "He(n), Salida, 1.Ce(n). Ahe(n), yo salgo, aunque no se usa en muchas partes, sino ace(n)." Montoya, in: Tesoro de la lengua Guaraní, p. 146v, apud Rodrigues (1945).

correspondem até hoje) em Guarani a realizações do fonema /h/. Todavia, numa quantidade não desprezível de termos, o que se verifica é a conservação do fonema /s/ Tupi, tanto no Guarani de Montoya, quanto no Guarani paraguaio contemporâneo, ou no Mbyá, por exemplo.

No Nhandewa-Guarani paulista-paranaense atual observa-se uma situação diferente: os termos que, nos outros dialetos Guarani, mantiveram o /s/ correspondente ao Tupi, no Nhandewa são realizados como o fonema africado [t̪s], como já foi colocado no tópico (2.3.a.), isso é, o fonema /s/ adquiriu um contorno [- contínuo]; já nos termos em que, nas línguas Guarani, o fonema /h/ corresponde ao fonema /s/ encontrado nas línguas Tupi, no Nhandewa eliminou-se completamente o fonema /h/, sem substituí-lo por qualquer outro. Esse é um fato novo na fonologia das línguas Guarani.

Um estudo de Guedes e Minatel, de 1996, traça uma comparação das ocorrências do fonema /s/ no Tupinambá e sua relação com as ocorrências de /h/ no Guarani Antigo, no Avanheém, no Kaiwá, no Mbyá e em dois dialetos Nhandewa, um do rio Ocoí (PR) e outro descrito por Dooley (também dialeto do norte do PR). Esse estudo mostra que, nos dialetos Nhandewa, principalmente, e no Mbyá, com uma frequência menor, o fonema /h/ alterna com Ø.

Isso nos permite dizer que o Nhandewa-Guarani de SP e norte do PR é a única variedade Guarani que apagou o fonema /h/ completamente da sua fonologia.

A seguir encontram-se duas listas de palavras que ilustram as situações encontradas:

3.2.1- Tabela 1

/s/ Tupi : /s/ Guarani : /ts/ Nhandewa.

Tupi ¹⁵⁶	Guarani ¹⁵⁷	Nhandewa-Guarani ¹⁵⁸	Português
/ja'si/	/ja'si/	/ja'tsi/	lua
/sã/	/sã/	/tsã/	corda
/-a'si/	/a'si/	/a'tsi/	doença
/-e'sa/	/e'sa/	/ε'tsa/	olho
/gwa'su/	/gwa'su/	/ ^h wa'tsu/	grande
/sem/	/sē/	/tsē/	sair
/ki'se/	/ki'se/	/ki'tsε/	faca
/su'ʔu/	/su'ʔu/	/tsu'ʔu/	morder
/si/	/si/	/tsi/	mãe
/sem/	/sē/ ou /hē/	/tsē/	sair

O último item da tabela parece ser um “dado de transição”, já que a mudança é flutuante em Guarani e no Nhandewa ela recua. O dado do Guarani, especificamente, é fornecido por Edelweiss (1947:98) e mostra /s/ alternando com

¹⁵⁶ Estas formas são retiradas da bibliografia (Anchieta, Figuiera, Aryon Rodrigues, Edelweiss, Lemos Barbosa etc.) cuja grafia diverge em vários pontos. Por isso e para facilitar a comparação, uso a transcrição fonológica como forma de “homogeneizar” as formas, o que não traz nenhuma perda para a interpretação.

¹⁵⁷ Trato aqui de maneira generalizada as línguas Guarani que mantêm o /s/ correspondente ao Tupi, por praticidade na comparação, já que essa correspondência é observada em línguas como o Avanheém (no Paraguai), o Mbyá, o Kaiowá e outros dialetos Nhandewa (no Brasil). As formas dessa coluna, também baseadas na literatura (Montoya, Aryon Rodrigues, Edelweiss, Gregores e Suárez, Guedes e Minatel etc.) também estão grafadas de forma a auxiliar o efeito comparativo.

¹⁵⁸ Dados recolhidos por mim com falantes nas aldeias de São Paulo e Paraná.

/h/. O dado do Nhandewa, registrado por mim, surpreende por apresentar a realização [tsɛ̃], e não * [ɛ̃] como seria esperado.

3.2.2- Tabela 2

/s/ Tupi : /h/ Guarani : /∅/ Nhandewa.

Tupi	Guarani	Nhandewa	Português
/kwara'si/	/kwara'hi/	/kwara'ɨ/	sol
/kwe'se/	/kwe'he/	/kwe'ɛ/	ontem
/sa'tā/	/ha'tā/	/a'tā/	duro
/a'sa/	/a'ha/	/a'a/	Eu vou
/mbosa'pɨt/	/mboha'pɨ/	/mboa'pɨ/	três
/so'ʔo/	/ho'ʔo/	/o'ʔo/	carne
/se'mbe/	/he'mbe/	/ɛ'mbe/	lábio
/se'ta/	/he'ta/	/ɛ'ta/	muitos
/ase'ndu/	/ahe'ndu/	/aɛ'ndu/	eu escuto
/a'so/	/a'ha/	/a'a/	eu vou
/sa'ku/	/ha'ku/	/a'ku/	quente
/mo'saŋg/	/mo'haŋg/	/mo'ā/	remédio
/sapu'kaja/	/sapu'kaj/	/tsapu'kaj/	gritar
/sa'po/	/ha'po/	/a'po/	raiz (dele)

No momento da apresentação e discussão de sistema fonológico do Nhandewa (capítulos 1 e 2, dessa segunda parte), chamamos a atenção para uma certa tendência nessa língua de eliminação da série das fricativas, se comparada com outras variedades Guarani, como o Mbyá e o Avancheém: a labiodental /v/ encontra-se mudada na aproximante /w/; a alveolar /s/, na africada /ts/; a palatal /ʃ/ na africada /tʃ/; e a fricativa glotal /h/ desapareceu completamente. Todas essas mudanças fonológicas são marcas dialetais do Nhandewa em estudo, língua que não privilegia a oposição *contínuo x descontinuo*.

Como o Nhandewa parece ser o único dialeto Guarani que excluiu completamente o fonema /h/ de sua fonologia, tudo indica que fosse justamente esse fonema que ocupava a lacuna que existe no quadro fonológico, da página 46. É interessante observar, pois, que apesar de abrir uma lacuna e criar assimetria no quadro fonológico, a mudança processou-se em razão de um imperativo maior: no caso, a eliminação das obstruintes contínuas.

Também parece correto concluir, com base nos dados, que, na proto-língua comum haveria somente uma fricativa, /s/- a qual deu origem a duas: /s/ e /h/- e não duas, podendo ficar descartada a possibilidade de se interpretar as realizações de /s/ remanescentes nas línguas Guarani como descendentes de uma outra fricativa, que não fosse o mesmo /s/. Isso é confirmado por alguns exemplos da literatura: o termo Tupi /sa'si/ “doença”, em Guarani possui a forma /ha'si/ e em Nhandewa, o esperado, /a'tsi/. Porém, dados do Guajajara, Tembé e Parintintin¹⁵⁹, mostram as formas: *hahí*, no Guajajara e no Tembé; e *hahy*, no Parintintin. A mesma interpretação pode ser dada ao termo Tupi *sesá* “olho dele”, que em Guarani é *hesá* e no Guajajara e Tembé, *hehá*. Uma palavra que possui o fonema /s/ duas vezes, nos permite mostrar que em algumas línguas a

¹⁵⁹ Dados do Guajajara de Roberts e Symes, do Tembé de Rice e do Parintintin de Nimuendaju, citados em Edelweiss (1947:98).

mudança fonológica ocorreu somente no primeiro e, em outras, as duas ocorrências foram mudadas. Se isso é possível, é muito provável que o fonema arcaico que originou os atuais /s/ e /h/ fosse um único, não dois.

Encontramos ainda outros termos nos quais a mudança é flutuante, ou melhor, ocorreu de maneira diferente em cada língua. Os termos registrados no Tupi como *sy* “mãe” e *usú* “grande”, mantêm o /s/ em Guarani. No Nhandewa ocorre a esperada mudança para /ts/, entretanto, no Guajajara e Tembé, temos a forma *hi* (ou *hy*, no Parintintin) e *uhú*.

Como é próprio dos assuntos difíceis e sobre os quais muito se fala, algumas questões sempre permanecem. Ficam-nos perguntas, até certo ponto, iniciais: por que, apesar da conversão do fonema /s/ do proto-Tupi em /h/ no proto-Guarani, algumas realizações de /s/ permanecem até hoje em línguas Guarani? Por que uma mudança fonológica, tão marcante na separação entre Tupi e Guarani, não ocorreu completamente? Ou ainda: qual o motivo de as palavras Tupi que possuíam o fonema /s/ duas vezes, como /sa 'sî/ e /se 'sa/, terem convertido ora uma, ora outra, ora ambas as realizações de /s/ em /h/?

Esse tema, certamente, não fica esgotado e merece ser tratado em futuras pesquisas.

CONCLUSÕES

Para estudar-se a fonologia da língua Nhandewa-Guarani falada em São Paulo e norte do Paraná, foi de grande relevância um estudo introdutório, com informações etnológicas e etno-lingüísticas indispensáveis, na tentativa de determinar *quem são* esses índios Guarani que habitam essa região hoje, de onde e como eles vieram e de que etnias são parentes. Sem o quê é difícil interpretar em que medida os processos fonológicos diacrônicos e sincrônicos ocorreram e ocorrem nessa variedade lingüística.

No estudo fonológico propriamente dito, com a apresentação dos fones e a discussão do funcionamento do sistema, tornou-se possível apresentar um quadro fonológico composto por 13 segmentos consonantais, sete obstruintes que se opõem a seis soantes e uma lacuna. Concluimos que essa posição vazia foi deixada, possivelmente, pela eliminação do fonema /h/ do sistema. Além disso, apresentamos um quadro fonológico vocálico que em muito se aproxima do tradicionalmente visto na bibliografia, de seis vogais, embora tenhamos assumido apenas duas alturas onde, freqüentemente, propõe-se três.

A discussão fonológica abriu duas questões cruciais na fonologia da língua, que foram tratadas em capítulo específico: a nasalização e o desaparecimento da fricativa glotal /h/. Nos dois casos concluimos que uma interpretação com enfoque diacrônico-comparativo é um tratamento que mostra-se bastante produtivo.

No que se refere à nasalização, procuramos tratar um grupo de palavras que, não possuindo uma consoante nasal, mostrava um espalhamento de nasalidade partindo de uma vogal nasal tônica. Na literatura a respeito, esse ponto não encontra um tratamento satisfatório, já que interpretações como a do

“morfema nasal flutuante”, de Piggott, não são consistentes. A análise diacrônica em relação ao Tupi Antigo, ao Tupinambá e ao Guarani Antigo mostrou que uma coda consonantal nasal, presente historicamente na sílaba, havia espalhado o seu autossegmento nasal à vogal contígua, antes que um processo de queda das codas silábicas consonantais, que ocorreu no ramo Guarani, eliminasse sua posição segmental.

Com relação à eliminação do fonema /h/, o caminho foi pensar sobre a origem e destino dessas fricativas, isto é, qual, ou quais, fonemas poderiam ter originado tanto /s/ quanto /h/ e qual o motivo de, em alguns casos, o processo não ocorrer igualmente nas diferentes línguas Tupi e Guarani apontadas. O estudo diacrônico nos permitiu, nesse caso, concluir dois fatos: 1) os fonemas /s/ e /h/, encontrados hoje nas línguas Guarani, parecem possuir uma origem única e comum, o proto-fonema /s/; 2) o desaparecimento da fricativa glotal /h/ é parte de um processo fonológico característico do Nhandewa-Guarani paulista-paranaense que eliminou toda a série das fricativas, preferindo eleger a oposição *soante x obstruente*.

Finalmente, além das questões sobre a fonologia do Nhandewa-Guarani, levantaram-se questões sobre a própria fonologia do Tupi. Certamente é necessária a continuidade do estudo, sendo possível fazer o caminho inverso e usar a própria análise diacrônica para reinterpretar o Tupi.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Bernadete M. & WETZELS, Leo (1992). Sobre a estrutura da Gramática Fonológica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* n° 23 (5-17). Campinas: IEL-UNICAMP.

ABERCROMBIE, David (1965). *Studies in Phonetics & Linguistics*. London: Oxford University Press.

ABERCROMBIE, David (1967). *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

ALLAN, Keith (1977). Classifiers. *Language* 53: 285-311

ANCHIETA, José de, Pe. (1990) *Arte de Gramática da lingua mais usada na costa do Brasil*. Ed. Fac-similar à de 1595. São Paulo: Loyola.

BARBOSA, A.L. (1956). *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro :São José.

BASBØLL, H. (1988). Phonological Theory. In F.J. Newmeyer (ed). *Linguistics: The Cambridge Survey*. Vol. I. Linguistic Theory: Foundations. Cambridge/UK: Cambridge University Press, pp. 192-215.

BISOL, Leda (org.) (1975). *Introdução aos estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: PUCRS.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (1998). A propósito das oclusivas sonoras do Jo'ê. *Moara*. Belém, UFPA , n°9: 53-71.

CADOGAN, Leon (1992). *Diccionario Mbya-Guarani - Castelhana*. Asunción: Fundación 'Leon Cadogan', Centro de Estudos Antropológicos, Centro de Estudos Paraguayos 'Antonio Guasch' (CEPAG).

CADOGAN, Leon (1992). *Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá*. Asunción: Fundación 'Leon Cadogan', Centro de Estudos Antropológicos, CEPAG.

CAGLIARI, Luiz Carlos (1983). *Guia de Transcrição Fonética e Outros Textos*. Campinas, Inédito, IEL. Vol. I.

CAGLIARI, Luiz Carlos (1997). *Estudos Fonológicos*. Campinas: Edição do autor.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne (1993). *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. (2ª Ed. Revisada). Rio de Janeiro: J. Zahar.

CÂMARA JR., Joaquim M. (1959). *Alguns Radicais Jê*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

C.D. Ñande Reko Arandu (Memória Viva Guarani) (s/ data). Projeto Memória Viva Guarani: Aldeia Jaexá Porã, Ubatuba, SP.

CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris (1968). *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row.

CLASTRES, Hélène (1978). *Terra sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo: Editora Brasiliense.

CLEMENTS, G.N. & HUME, Elisabeth V. (1995). The internal organization of speech sounds. In J. Goldsmith (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge/MA: Blackwell, (p. 245-306).

COHN, Abigail C (1990). Phonetic and phonological rules of nasalization. *UCLA Working Papers in Phonetics*, 76. Los Angeles: University of California - Department of Linguistics.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho (1999a). Estudo da Fonologia do Guarani do Araribá. (Resumo de artigo). *XLVII seminário do GEL*. Bauru: USC.

COSTA, C. P. G. (1999b). Estudo da Fonologia do Guarani do Araribá. (Resumo de artigo). *Caderno de resumos do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste*. Fortaleza: UFCE.

COSTA, C. P. G. (1999c). Estudo da Fonologia do Guarani do Araribá_(Mun. Avaí - S.P.)(Resumo de artigo). *VII Congresso Interno de Iniciação Científica*. Campinas: Unicamp, (em cd).

COSTA, C.P.G (2002). Nasalização em Nhandewa-Guarani. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: Editora Universitária UFPA.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.) (1992). *História dos Índios no Brasil*. Cia. Das Letras/FAPESP/SMC: São Paulo.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (1992). O Kaingang e as relações entre traços de modo: contribuição de uma língua indígena brasileira à discussão da geometria de traços. Campinas: IEL - Unicamp. Ensaio à seleção para o Doutorado em Lingüística.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (1998). *Traços de modo e modos de traçar geometrias: Línguas Macro-Jê & Teoria fonológica*. Campinas, SP: IEL - UNICAMP. Tese de Doutorado.

D'ANGELIS, W.R. (1999). Papéis inimaginados da escrita. *Leitura: Teoria & Prática* - Campinas: Associação de Leitura do Brasil, nº 33: 35-43.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (2000). Aquisição do sistema fonológico do Português: correlações opositivas, traços e hierarquização. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 39:23-40.

DE LEMOS, Cláudia T.G. Native speaker's intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: IEL-UNICAMP, n.33:5-14.

DIETRICH, Wolf. (1990 a) *Chiriguano and Guarayo word formation*. Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages, pp.293-320. Payne, D. (ed.). Austin: University of Texas Press.

DIETRICH, Wolf. (1990 b) More evidences for an internal classification of Tupí-Guarani languages. Berlin: Mann. (sup. 12).

DOBSON, Rose M. (1988). Aspectos da Língua Kayabí. *Série Lingüística*. Brasília: Summer Institute os Linguistics, n.12:

DOOLEY, Robert (1976). *Nasalization in Guarani*. Brasília(DF): Summer Institute of Linguistics, Acervo do CEDAE, IEL - UNICAMP.

DOOLEY, Robert (1988). *Textos Guarani (Dialeto Mbyá)*. Brasília(DF): Summer Institute of Linguistics, Acervo do CEDAE, IEL - UNICAMP.

DOOLEY, Robert (1991). *Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva-Guarani Contemporâneo*. Brasília (DF): Summer Institute of Linguistics. Arquivo Lingüístico no. 197, Acervo do CEDAE, IEL - UNICAMP.

DUARTE, Fábio B. (1998). Ordem dos constituintes na língua Tembé. *Universa*. Brasília, vol. 6, n. 1:71-80.

DURAND, Jacques (1990). *Generative and Non-linear Phonology*. New York: Longman.

DURAND, Jacques & KATAMBA, F. (eds.) (1995). *Frontiers of Phonology. Atoms, structures, derivations*. London/New York: Longman Linguistics Library.

EDELWEISS, Frederico G. (1947). *Tupis e Guaranís - Estudos e Etnonímia e Lingüística*. Salvador: Publicações do Museu da Bahia.

EDELWEISS, Frederico G. (1958). *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi e o Desenvolvimento Histórico do Predicado Nominal nos Dialectos Tupi-Guaranis*. Salvador: Universidade da Bahia.

EDELWEISS, Frederico G. (1969). *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora.

ENTENMAN, George (1977). *The development of nasals vowels*. Austin, Texas: Department of Linguistics/ The University of Texas at Austin (Texas Linguistics Forum 7).

EWEN, Colin J. (1982). The internal structure of complex segments. In H.v.d. Hulst & N. Smith (eds.). *The structure of phonological representations - (Part II)*. Dordrecht/Holl.: Foris Publications, pp.27-67.

FEINSTEIN, M.H. (1979). Prenasalizations and syllable structure. *Linguistic Inquiry*, 10:245-78.

FERGUSON, Charles A. (1966). Assumptions about nasals: a sample study in phonological universals. In Joseph H. Greenberg (ed.). *Universals of Language*. (2ª ed.). Cambridge/ MA: MIT Press, p. 53-60.

FERGUSON, Charles A.; HYMAN, Larry M. & OHALA, John J. (eds.) (1975). *Nasálfest: papers from a symposium on nasal and nasalization*. Stanford/ CA: Stanford University.

FRANCHETTO, Bruna (1995). Processos Fonológicos em Kuikúro: Uma visão Auto-segmental. In: Wetzels (org.). *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Editora da UFRJ: Rio de Janeiro.

GLEASON, Henry Allan Jr. (1985) [1917] *Introdução à Lingüística Descritiva*. Tradução de João Pinguelo. Lisboa: Fundação Gulbenkian.

GOLDSMITH, John (1990). *Autosegmental & Metrical Phonology*. Cambridge Basil Oxford, Blackwell.

GOLDSMITH, John A. (org.) (1995). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge/MA: Blackwell Publishers.

GREGORES, E. & J. SUÁREZ (1967). *A description of colloquial Guaraní*. The Hague: Mouton.

GUASCH, P. Antonio, S.I. (1981) *Diccionario Castellano-Guaraní y Guaraní-Castellano*. 5ª edição. Assunción: Loyola.

GUEDES, Marymarcia (1991). *Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbya*. Campina(SP): Editora da UNICAMP.

GUEDES, Marymarcia & MINATEL, Maria Inês (1996). Nhandéva: Breves Comparações de Aspectos Fonológicos. XXV *Anais de Seminários do GEL*. Taubaté, (págs.558-562).

HALLE, Morris & MOHANAN, K. Segmental Phonology of Modern English. *Linguistic Inquiry* 16 (57-116).

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer (1975). Introdução à teoria fonológica. In Leda Bisol (org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 9-94.

HERNANDORENA, C.L.M. (1992). O estabelecimento de padrões de substituição consonantal através de traços distintivos. In: *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Edipucrs, 151-163.

HERNANDORENA, C.L.M. (1995). Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, vol. 30, n. 4: 91-110.

IPA (1995). The Internacional Phonetic Alphabet (revised to 1993, corrected 1996). *Journal of the International Phonetic Association*. 1995, vol. 25. (1): páginas centrais, não numeradas.

JENSEN, Cheryl Joyce S. (1989) *O desenvolvimento Histórico da língua Wayampi*. Campinas: Editora da Unicamp.

KENSTOWICZ, Michael (1994). *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge/MA: Blackwell.

KINDELL, Glória Elaine (1981). *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

KIPARSKY, P. (1985). Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook 2*: 85-138.

LADEFOGED, Peter (1971). *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: The University of Chicago Press.

LADEFOGED, Peter (1975). *A course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.

LAMPRECHT, Regina Ritter. (1992). Influência de fatores fonéticos e fonológicos na aquisição das obstruintes sonoras do Português. In: *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Edipucrs, 165-183.

LAMPRECHT, Regina Ritter. (1996) A aquisição fonológica normal e com desvios fonológicos evolutivos: aspectos quanto a natureza da diferença. In: *Atas do I Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador, ABRALIN - FINEP - UFBA, 253-258.

LAMPRECHT, Regina Ritter. (1997) *Traços distintivos alterados nos desvios fonológicos evolutivos*. Trabalho apresentado no II Encontro do CELSUL.

LAMPRECHT, Regina Ritter. (1999) Aquisição fonológica - normal e com desvios - do português brasileiro: conhecimento atual e implicações. Gärtner, E/Hundt, C/Schönberger, A (eds.). *Estudos de gramática portuguesa (II)*, Frankfurt am Main: TFM.

LEITE, Yonne (1995). Estrutura silábica e articulação secundária em Tapirapé. In L. Wetzels (org.) *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ,; 151-194.

LÉRY, Jean de (1926). *História de uma Viagem à Terra do Brasil*. Trad. Monteiro Lobato , Rio - S. Paulo. Cap. XXII - Colloquio da chegada à terra do Brasil, entre um Tupinambá e um francez.

LICHTENBERK, Frantisek. (1983) Relational Classifiers. *Lingua* 60: 147-176.

LONG PENG (2000). Nasal harmony in three south American languages. *IJAL*, vol. 66, no. 1 (pp. 76-97).

LOPES, Edward (1989). *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. (6ª Ed.). São Paulo: Cultrix.

MEADER, Bob (1976). *Textos em Guarani (Aldeia Laranjinha)*. Brasília(DF): Summer Institute of Linguistics. Microficha CEDAE/IEL - UNICAMP.

MELIÁ, Bartomeu (1992). *La Lengua Guarani del Paraguay*. Historia, Sociedad y Literatura. Madrid: Editorial Mapfre.

MELIÁ, Bartomeu (1995). *Elogio de la Lengua Guarani*. Asunción: CEPAG.

MELIÁ, Bartomeu & NAGEL, Liane Maria (1995). *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica*. Santo Ângelo, Asunción: URI, Centro de Cultura Misioneira, CEPAG.

MITHUN, Marianne. (1984) The evolution of noun incorporation. *Language* 60: 847-894.

MONTOYA, Antonio Ruiz de (1985). *Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Trad. Arnaldo Bruxel. Porto Alegre: Martins Livreiro.

MONTOYA, Antonio Ruiz de (1993). *Arte de la Lengua Guarani* (1640). Introdução e notas: Bartomeu Meliá. Transcrição atualizada: Antonio Caballos. Asunción: CEPAG.

MORI, Angel Corbera (2001). Fonologia. In: Mussalim e Bentes (orgs.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras 1*. São Paulo: Cortez Editora.

MOTA, Helena Bolli. (1996) Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços. Tese de Doutorado, Porto Alegre: PUCRS.

MOTA, Helena Bolli. (1997) Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 32, n. 4: 23-47.

NIMUENDAJU, Curt (1978). *Los mitos de creación y destrucción del mundo como fundamentos de la religión de los Apapokuva-Guarani*. Trad. J. Barnadas. Lima(Peru): Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.

NIMUENDAJU, Curt (1987). *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Trad. Charlotte Emmerich & Eduardo B. Viveiros de Castro. Editora Hucitec/USP: São Paulo.

OHALA, J.J. e JAEGER, J.J. (eds.) (1986) *Experimental Phonology*. Orlando: Academic Press.

PIGGOTT, G.L. (1992) Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural Language and Linguistic Theory*, 10:33-77.

PIGGOTT, G.L. (1996) Implications of consonant nasalization for a Theory of Harmony. *Canadian Journal of Linguistics - C JL/RCL*, , 41, (2): 141-74.

PIVA, Roberto (1997). *Ciclones*. Editora Nanquim: São Paulo.

RANGEL, G.A. (1998) Os diferentes caminhos percorridos na aquisição da fonologia do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: vol. 33, n. 2: 133-140.

RICE, Keren D. (1993) A reexamination of the feature [sonorant]: the status os 'sonorants obstruents'. *Language*, , vol. 69, (2): 308-344.

RIVAS, Alberto (1974a). *Apinguareheguá Avañé'eme: nasalization in Guaraní*. Ms, MIT.

RIVAS, Alberto. (1974 b). Nasalization in Guaraní. *NELS* 5. 134-143.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna (1945). Fonética Histórica Tupi-Guarani: Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guaraní. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, IV.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna (1986). *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola,.

RODRIGUES, Daniele M. Grannier (1990). *Fonologia do Guaraní Antigo*. Campinas: Editora da UNICAMP.

SAUSSURE, Ferdinand de (1949). *Cours de Linguistique Générale*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. Paris: Payot, (1ª ed. 1916).

SCARPA, E.M. (1988) Desenvolvimento da intonação e a organização da fala inicial. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 14. Campinas:UNICAMP.

SCARPA, E.M. (1990). Intonation and dialogue processes in early speech. In: Conti-Ramsden & C. Snow (orgs.), *Children's Language*, col. 7, Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum.

SCHADEN, Egon (1967-68). Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú. *Revista de Antropologia*, vols. 15 e 16: 77-89.

SCHADEN, Egon (1974). *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. (3ª Edição) São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, UDUSP.

SCHADEN, Egon (1989). *A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Edusp.

SEKI, Lucy (1987). Para uma caracterização Tipológica do Kamaiurá. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* Nº 12 - Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, 15-24.

SEKI, Lucy (1990). Kamaurá (Tupí-Guaraní) as an Active-Static Language. In: D. Payne (ed.) *Amazonian Linguistics*. University of Texas Press, (367-391).

SEKI, Lucy (2000). *Gramática Kamayurá*. Campinas: Ed. da Unicamp.

SOUSA, Gabriel Soares de (1987). *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. (5ª ed.) S. Paulo/Brasília: Cia Editora Nacional/ INL.

TAYLOR, John (1984^a). Marcação temporal na língua Kaiwá. *Série Lingüística*.

Brasília: Summer Institute of Linguistics, n. 11:37-121.

TAYLOR, John (1984^b). A interrogação na língua Kaiwá. *Série Lingüística*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, n. 11:123-156.

TEIXEIRA, Raquel & DAHLSTROM, Amy (1987). Uma comparação entre os sistemas de marcação de caso do Tupinambá e do Guarani Paraguaio. *Signótica*. Goiânia, UFG, ano I: 181-201.

TROUBETZKOY, N.S. [1939]. *Principles of Phonology*. Capítulos traduzidos por Wilmar da Rocha D'Angelis. Campinas: IEL - UNICAMP, 1996.

TROUBETZKOY, N.S. (1981). A Fonologia Atual. In: Dascal, M (org.). *Fundamentos Metodológicos da Lingüística*. Vol. 2 (15-35). Campinas: Edição do autor.

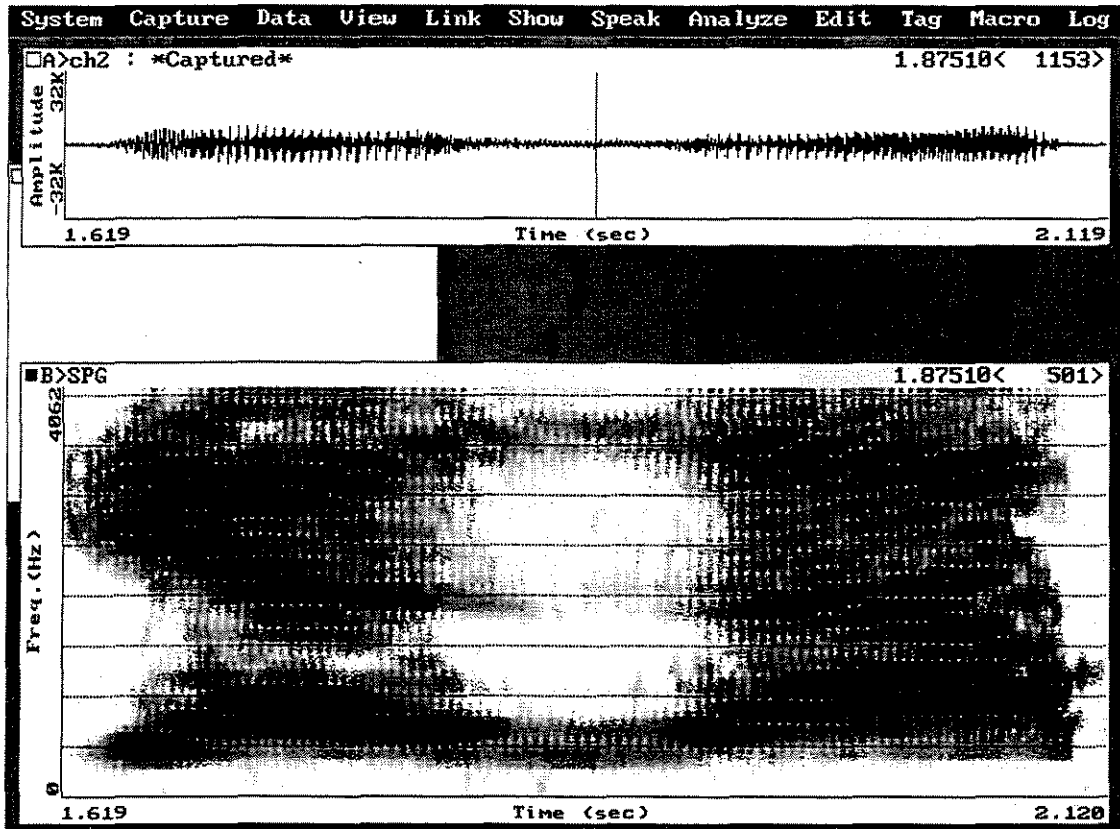
UNCKEL, Curt (1954). Sobre a História dos Guarani. *Revista do Museu Paulista*, N.S. vol. VIII: 13-31.

VIEIRA, Marcia D. & LEITE, Yonne (1998). Observações preliminares sobre a língua Araweté. *Moara*. Belém, UFPA, nº 9:7-31.

WEISS, Helga E (1980). *Fonética Articulatória. Guia e Exercícios*. (2ª Edição).
Brasília: Summer Institute of Linguistics.

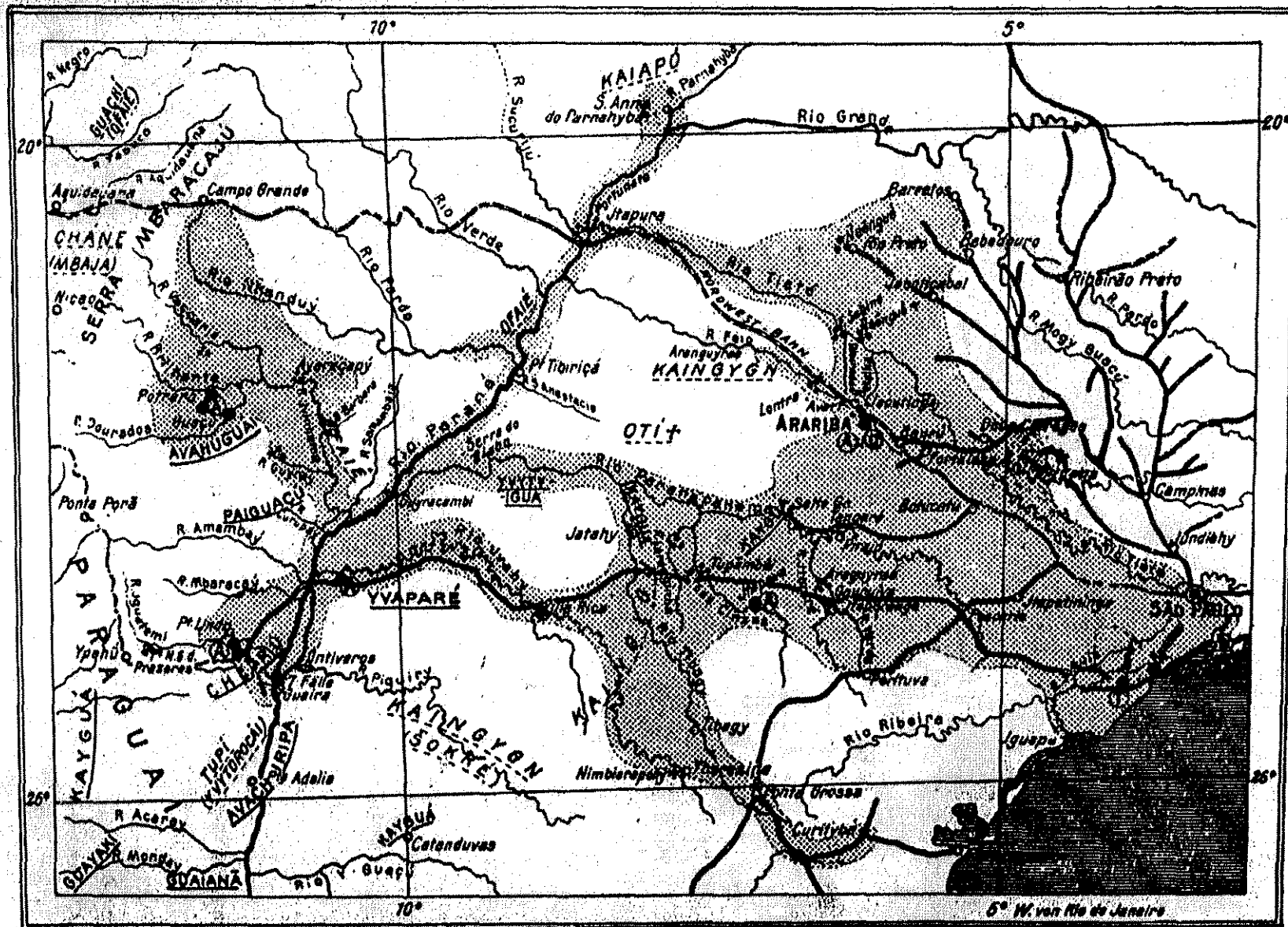
WETZELS, Leo (1985). *The historical phonology of intrusive stops. A nonlinear description*. *CJL/RCL*, 30, (3): 285-333.

WETZELS, Leo (1995). A Teoria Fonológica e as Línguas Indígenas Brasileiras. In: Leo Wetzels (org.). *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Editora da UFRJ.



[a'ɥa]

Juventina Alves, 1º/11/1998



Sedes atuais abandonadas dos Apapocúva, Oguauilva e Tañiguá Território de migração Migração dos Tañiguá destas três hordas de 1810 em diante

KAYGUÁ **KAIAPÓ**
 Outras hordas Guarani Tribos de língua estranha Estradas de ferro

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE